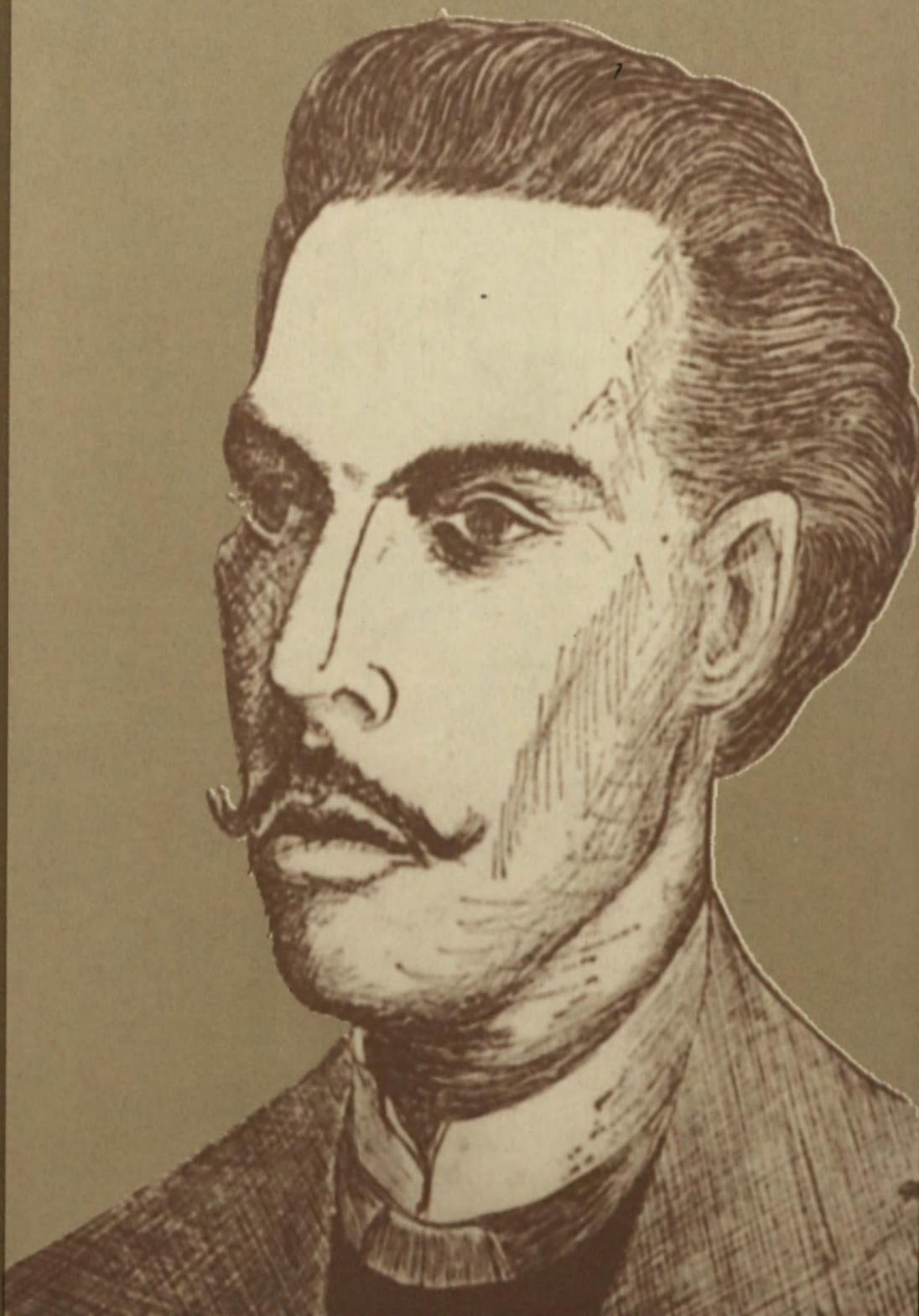


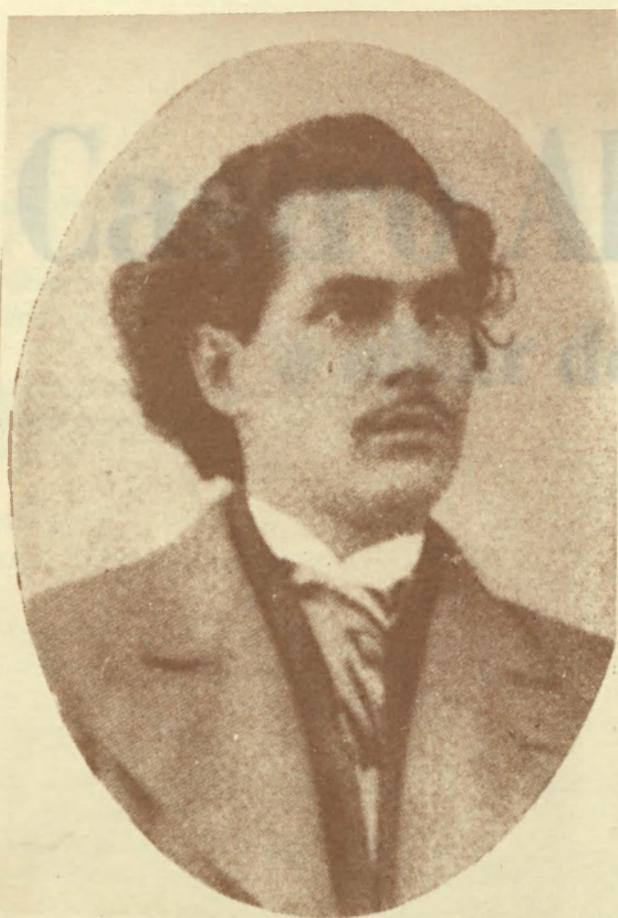
Castro Alves

o olhar do outro

Exposição







Ca Alves
do outro

Ilustração da capa
Bico-de-pena de Clóvis Gósciano

Foto da página anterior
Castro Alves aos 20 anos

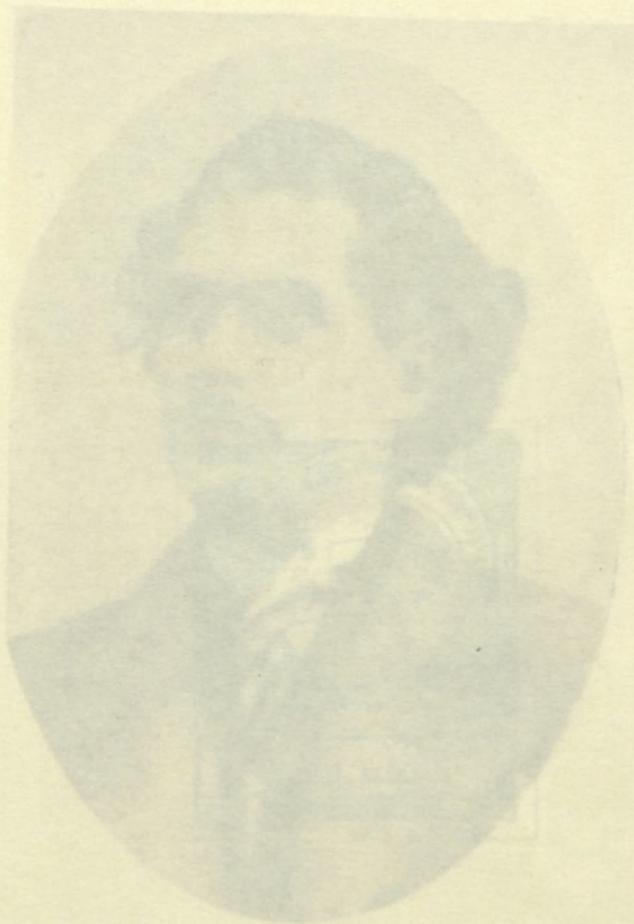


Ilustração da capa
Bico-de-pena de Clóvis Graciano

Foto da página anterior
Castro Alves aos 20 anos

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Fernando Henrique Cardoso

MINISTRO DA CULTURA

Francisco Weffort

Castro Alves

o olhar do outro

Exposição comemorativa dos 150 anos de nascimento

de Antônio de Castro Alves (1847-1897)

organizada pelo Departamento Nacional do Livro

e inaugurada em 2 de julho de 1997



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Departamento Nacional do Livro

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTRO DA CULTURA
Francisco Weffort

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente
Eduardo Portella

Diretor do Departamento Nacional do Livro
Elmer Corrêa Barbosa

Ilustração da capa
Bico-de-pena de Clóvis Gracioso

Foto da página anterior
Castro Alves aos 20 anos

Curadoria
Marta Celeste Garcia
Ângela Barros Montes

Pesquisa
Alexandre Farias de Lima
Ângela Barros Montes
Bruno Lima Oliveira
Mônica Motzsch
Morgana

Laço
Carmo

Capa
Adriano Renzi

Projeto Gráfico
Maurício Brito

Revisão
José Bernardino Costa Magalhães Vieira

Reprodução
Cláudio de Carvalho Xavier

Digitação
Glória Maria Andion dos Santos

Copyright Fundação Biblioteca Nacional

Índice

12

15

29

33

65

Exposição comemorativa dos 150 anos de nascimento
de Antônio de Castro Alves (1847-1997)

organizada pelo Departamento Nacional do Livro
e inaugurada em 2 de julho de 1997.

CDD 016 B8691

Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro
Avenida Rio Branco 219 Cinelândia
50004-008 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 262 8255 / 209210
Fax (021) 262 8255 / 2336
dnf@dn.br



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Departamento Nacional do Livro

PRESIDENTE DA REIA **Curadoria**

Maria Celeste Garcia

Ângela Barros Montez

MINISTRO DA CULTURA

Pesquisa

Alexandre Frias de Lima

Ângela Barros Montez

Bruno Lima Oliveira

Mônica Moretzsohn

Morgana Barison

Logotipo

Hugo de Carvalho

Capa

Adriano Renzi

Projeto Gráfico

Mauro Britto

Revisão

José Bernardino Cotta Magalhães Vieira

Reprodução

Cláudio de Carvalho Xavier

Digitação

Glória Maria Andion dos Santos

Copyright©Fundação Biblioteca Nacional

Biblioteca Nacional (Brasil).

Castro Alves: o olhar do outro / Fundação Biblioteca Nacional. — Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1997.

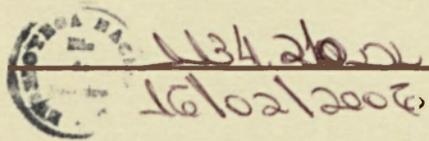
206 p. : il. ; 28cm.

ISBN 85-333-00921

Catálogo da exposição comemorativa dos 150 anos de nascimento de Antônio de Castro Alves, realizada de 3 de julho a 28 de agosto de 1997.

1. Alves, Castro, 1847-1871 - Exposições. 2. Biblioteca Nacional (Brasil) - Exposições. I. Biblioteca Nacional (Braisl). Departamento Nacional do Livro. II. Título.

CDD 016. B8691



Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro
Avenida Rio Branco 219 Cinelândia
20004-008 Rio de Janeiro RJ
tel. (021) 262 8255 r.209/210
fax (021) 262 8255 r.336
dnl@bn.br

Índice

Apresentação	21
Cronologia	25
Família	29
Musas	45
Bahia	59
Recife	73
São Paulo	91
Rio de Janeiro	101
Influências	111
Fragmentos	121
O olhar do outro	129
Bibliografia	141

Curadoria
Maria Celeste Garcia
Ângela Barros Monter

Pesquisa
Alexandre Frias de Lima
Ângela Barros Monter
Bruno Lima Oliveira
Mônica Moretzsohn
Morgana Barison

Logotipo
Hugo de Carvalho

Capa
Adriano Renzi

Projeto Gráfico
Mauro Bruto

Índice

Revisão
José Bernardino Costa Magalhães Vieira

21

Reprodução
Apreensão

22

Cláudio Xavier
Gonçalves

29

Família
Objetivo

42

Glória Maria Amador dos Santos
Mussa

29

Ilustração
Biblioteca Nacional
Copyright Fundação

73

Recife

Biblioteca Nacional (Brasil)

São Paulo

Castro Alves: o olhar do outro / Fundação Biblioteca Nacional. — Rio

de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1997.

100 p. : il. ; 28 cm.

151

Influências

151

151

151

151

151

151

151

Paródia do poema "Navio negreiro" escrita por anônimo
que fez uso do pseudônimo Musset,
um dos poetas preferidos de Castro Alves.

CDD 016 88691

Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro
Avenida Rio Branco 219 - Cinelândia
20004-008 - Rio de Janeiro - RJ
tel. (021) 262 8255 - 309210
fax (021) 262 8255 - 336
dnl@fbn.br

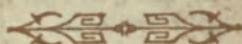
MUSSE I'

SATYRAS POLITICAS

I

A CANOA DO MARTINHO

PARODIA DO « NAVIO NEGREIRO » DE CASTRO ALY.



Rio de Janeiro

Typ. *Cosmopolita*, rua do Senhor dos Passos n. 49.

1882



A CANOA DO MARTINHO

I

'Stamos em calmaria!... Dentro d'agua
Boia, como cortiça, uma canoa ;
E os peixes atraz d'ella correm, cansam,
Procurando uma *isca*... em vão, á tóa !

...

'Stamos em calmaria... Da *senzala*
Saltam de chofre résteas de *cebolas* ;
E o *bacalhau* (que a tres por dois andava)
Mais caro agora vende-se... Ora bolas !

...

'Stamos em calmaria!.. Dois marujos
Não querem embarcar, depois de tantas...
Firmes, valentes, adestrados, fortes,
Qual d'elles o Visconde?... Qual o Dantas ?

...



A CANOA DO MARTINHO

Stamos em calmaria !... Sacudindo
O badalo de enorme campainha,
Corro — como nm palhaço pelo circo —
Velho imberbe, com ares de fujinha !

D'onde vem ? onde vai ? Dos tróca-tintas
Quem sabe o rumo, se é tão grande a praia !
N'este Pampa os *bagués* mordem o freio,
Rincham, dão coices, mas não param raia !...

Bem alegre anda agora quem de perto
Vê no papel do Vasques o Martinho !
A um — a comedia, ao outro — a palhaçada...
E um e outro — entretendo o Zé-Povinho !...

Oh ! que grande *cebola* descascada !
Que cheiro a *bacalhau* que estou sentindo !
Gentes, isso apodrece na canôa...
Ora, quem vai o leme dirigindo ? !

Augustos e Dignissimos Senhores
Do primeiro escrutinio e do segundo !
Filhótes, que os papais arrebataram
Da voragem... das almas do outro mundo !...

Esperai ! Esperai !... Peço a palavra,
Quero fallar e rir ás gargalhadas ;
O riso é o degráu — por onde ás vezes
Sobe-se do poder ás cumiádas !...

Porque vogas, canoa, sem aguas turvas ?
Porque foges de mim, que te seguia ?...
Ah ! quem me déra vêr-te já no fundo,
Como um prégo que cai n'uma bacia.

...

José do Patrocio ! ó Patrocínio,
Eu tambem fiz da minha penna um rélho;
Empresta-me o Martinho, dá-m'o, alluga-m'o,
Cede-me o Presidente do Conselho !..

II

Desce do teu fogão, ó Gaúcho largado !
Um *churrasco* que saia ! um excellente assado :
Martinho para mais um... isso que tenha sal !
Mas, que vejo eu ahí ? !... Bacalhán com cebolas...
Uma chusma fatal de escravos e creoulas,
E o teu coveiro a rir, partido liberal !

III

Falle por mim agora quem apenas
Viu em sonho dantesco as negras scenas
Que passo a copiar :
— « Tinir de ferros, estalar do açoite,
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

...

Negras mulheres, sacudindo as tétas,
Magras crianças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mãis :

A CANOA DÓ MARTINHO

Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ancia e maguas vãs ! »

E o barbaro feitor, ás gargalhadas,
Cumpre do fazendeiro as ordens dadas,
Por entre os cafezaes:
« Se o velho arqueja ... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E voam mais e mais !... »

Preso nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança alli !
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro que de martyrios embrutece
Cantando geme e ri !... »

No entretanto, o feitor ri-se contente,
Mandando azorregar a triste gente
Que morre a trabalhar !...
Emquanto o poderoso fazendeiro
Toma um remo e a enchada do coveiro,
Na direcção do mar...

E ri-se a marujada na canoa !
— Néro da escravidão ! — vai elle á prõa
Com risos infernaes !...

E na fazenda, onde mil sombras vãam
« Gritos, ais, maldições, preces resoam !... »
E ri-se o capataz !

IV

Senhor Rei de um povo livre !
Dizei-me vós, Senhor Rei !
Se é verdade ou se é mentira
Tal crime perante a lei ? !...
Povo ! porque não enchotas
Com o tacão de tuas botas
O Martinho — bacalhau ? !
Poetas ! folhetinistas !
Oradores ! jornalistas !
Agarraí-o ! á unha ... a páu !...

Que importa seja ministro,
Conselheiro e senador ?
Tem a enchada do coveiro,
Traz o rélho do feitor !
Covai ! que já vai chegando
A hora d'ir enterrando
O partido liberal...
Preso apenas — felizmente —
Por um fio — está pendente
O gabinete actual !



Do Martinho as gargalhadas
De palhaço popular,
Lembram lágrimas de sangue
De escravos a trabalhar...
Da Bahia o filho airoso
Canta papai poderoso,
Manos, titio e vovô...
Ou fumando o seu cigarro
Lembra os *cbcos de catarrho*
E os *vatapàs de yoyô* !...

O Penna... é pena que as penas
O depennassem assim...
E vai penando, sem pennas,
E diz tim tim por tim tim
Que singrou com fúria estranha
Aa ondas do Mar de Hespanha
Na canôa do poder...
E vai indo e vai vogando
Como a galinha penando
Depennada p'ra morrer !...

O Franco, por não ser franco,
Tudo se-lhe franqueou :
O ministerio, o senado...
Se mais quiz — mais alcançou !

Os outros... — uns escondidos
Illustres desconhecidos
Que mais gordos nunca vi ;
Vão agora crear pansa,
Pois entram na contradança
Por aqui mais por alli...

...

Quem são esses egoistas
Que não deixaram p'ra vós
Uma canôa mais firme
Do que essa casca de nôz?...
Quem são? Se o Zama se cala,
Se os moleques vendem bala,
Se o Gaspar não *resignou*
A cadeira do Serralho...
Dize-o tu, Souza Carvalho!
Sim, que o Paulino — embuchou!...

...

São os filhos d'este tempo,
Em que ouro é tudo o que luz ;
Da geração de homens livres...
Vivendo entre escravos nús!...
São os jovens deputados,
Pelos pais apresentados,
Representando a nação...
Hontem — sem eira nem beira,
Hoje — a fallar de cadeira,
Cada qual mais sabichão.

...

São mnlheres virtuosas,
Se a de Cesar foi tambem...
Que elegantes, requebradas,
Discutir comnosco vem !
Trazendo, com leves passos,
Pulseiras d'ouro nos braços,
N'alma — um Nabuco ideal !
Como vós fallando tanto
Que eu, confesso, até me espanto
De se fallar bem... tão mal !...

Lá... nas provincias distantes,
Nas comarcas liberaes,
Nasceram moços bonitos,
Viveram gordos papais ;
Passa a *Reforma Saraiva*,
Quando o bacharel, com raiva,
Scisma nos credores seus...
Adeus, ó eleitorado !
O' visinhas do sobrado,
Adeus, visinhas, adeus !...

Depois esta côrte extensa !
Depois isto : « Que calor ! »
Depois as ruas enormes...
Só a rua do Ouvidor !...

E o *Príncipe* e o *Recreio*,
Ai! o *Cattete*, o *Passeio*
E o *Campo da Acclamação* !
Vaga um lugar no *Senado* :
Mas o ministro d'Estado
Tem faca e queijo na mão !

Hontem... o *Serra*, doente,
Mordido por um chacal !
E o *Cunha* na sua cadeira
Do *Diario Official*...
Hoje — um sobrinho, um filhôte,
Um qualquer coisa, um pechôte
Mettido a carambolar !...
E as finanças — que desgraça !
E a bancarrota na praça !
E o *Martinho* sem barbar !...

Hontem — tantas esperanças,
Vendo um homem no poder !
Hoje... cumulo do escarneo :
Nasce um governo a morrer !...
Aprende, *Martinho*, a historia,
Se é que ainda tens memoria,
Do rei que vivia a rir...
Na *Biblia* toma sentido :
« Com ferro será ferido
Quem com ferro nos ferir ! »

Senhor Rei de um povo livre,
 Dizei-me vós, Senhor Rei !
 Se é verdade ou se é mentira
 Tal crime perante a lei ? !...
 Povo ! porque não enchotas
 Com o tacão de tuas botas
 O Martinho — *bacalhau* ? !...
 Poetas ! folhetinistas !
 Oradores ! jornalistas !
 Agarraí-o ! á unha... a páu !...

V

E existe um povo que inda paga imposto
 Para encher a barriga dessa gente...
 E não córa e nem mesmo volta o rosto
 A' *martinhada* vil, torpe, indecente !
 Cidadãos ! cidadãos ! mas que desgosto,
 Ai ! que desgosto atroz, fundo, pungente,
 Sinto por ver que os risos do poder
 Não são ainda as vascas do morrer !...

Bandeira dos *Tenentes* ! estandarte
 Que fluctuas ao vento dos pagodes !
 Tu, que tens tremulado em tanta parte,
 Já que quem te conduz tem bons bigodes,
 Vai ao braço de um *Pedro Malazarte*

SATYRAS POLITICAS

Dizer ao tio Martinho (o pai *Jan Gódes*)
Que, por teres programma definido,
Dizes mais que o pendão do seu partido !...

Pilheria do bordel, irmã do entrudo,
Estoura d'uma vez na gargalhada
A raiva concentrada, o odio mudo
Que disfarças em cynica risada !...
Martinho ! eu sei que tn resumes tudo
O que ha de infame e vil na *martinhada* !...
Paranhos ! rasga o teu projecto enorme !
Euzebio ! fecha o teu sepulchro e dorme !

Corte, Fevereiro, 1882.

CASTRO ALVES, A POESIA E O TEMPO

Estamos comemorando, o Ministério da Cultura, a Fundação Biblioteca Nacional, os 150 anos do nascimento de Antônio de Castro Alves. Foi ele poeta, dramaturgo, tribuno, conforme as indicações do tempo. Na sua época os poetas começavam cedo e desapareciam prematuramente. Castro Alves não escapou à regra. Escapou à regra que o poder e a moral haviam institucionalizado. Por isso, amou desinibidamente, combateu os melhores combates, e partiu antes do amanhecer.

Seria um caso de unanimidade, não fosse o tribunal do bom gosto que, instalado aqui e ali, exara e exala sentenças de todo tipo. O que não sabem essas instâncias, ou esses guardiães da pureza estética, é que a poesia pode mais.

Castro Alves deixou “um punhado de versos”, como ele próprio diz no prólogo a *Espumas flutuantes*, que nos acompanha até hoje. A partir dele, fica difícil imaginar a literatura brasileira sem ele. Na central produtora de metáforas, posta em funcionamento pelo poeta, predominam a pulsação vital, a temperatura afetiva, a forma altiva, a vontade de justiça social, raramente alcançadas pela nossa poesia. A contenção e a economia verbais não foram contemporâneas do seu poema. A exaltação, sim. A cultura política, ancorada instavelmente nos ideais de liberdade, recolhia as lições da história. Em voz alta, como aconselhava a própria história daqueles dias. Nela, e por causa dela, a poesia e a política firmaram um pacto, que veio a ser rigorosamente cumprido. Ao poeta, nunca passaram despercebidas as mínimas batidas do relógio da história.

A questão da liberdade, quando nos referimos ao poeta Castro Alves, deixa de ser um tema para ser o núcleo energético de todo um fazer literário sensível ao acontecimento do **outro**.

Não poderíamos dizer que desde cedo Castro Alves fez a opção da liberdade. Tudo nele é desde cedo. Mas, nesse período de vida intenso e perigoso, ele procurou ser o poeta-cidadão, comprometido com os grandes temas da sua época e da sua terra. Foi assim que os excluídos, ou os proscritos, desempenharam um papel relevante no conjunto da sua obra. Foi assim que ele denunciou a injustiça e a barbárie, e se solidarizou com as vítimas de todas essas práticas tiranas.

É com a liberdade, visceralmente ligada a ela, o verso aberto sobre a vida do mundo, que ele ingressa pela porta principal da nossa história literária e cultural. Por isso, devemos voltar a essa fonte libertária e recolher, a cada novo minuto, as lições permanentes de democracia e justiça social.

O poeta-cidadão que foi Castro Alves conseguiu antever, por trás das barreiras da sociedade escravocrata, a diversidade crispada do Brasil plural. Precocidade, premonição, premeditação — não se sabe ao certo. Coisas de poeta maior. Sabe-se que a alta voltagem lírica, épica, dramática, levou a conseqüências imprevisíveis o insólito discurso do afeto e a decisão inegociável da solidariedade.

Eduardo Portella

Presidente da Fundação Biblioteca Nacional

CASTRO ALVES DEL BRASIL

CASTRO Alves del Brasil, tú para quién cantaste?
Para la flor cantaste? Para el agua
cuya hermosura dice palabras a las piedras?
Cantaste para los ojos, para el perfil cortado
de la que amaste entonces? Para la primavera?

Sí, pero aquellos pétalos no tenían rocío,
aquellas aguas negras no tenían palabras,
aquellos ojos eran los que vieron la muerte,
ardían los martirios aun detrás del amor,
la primavera estaba salpicada de sangre.

—Canté para los esclavos, ellos sobre los barcos
como el racimo oscuro del árbol de la ira
viajaron, y en el puerto se desangró el navío
dejándonos el peso de una sangre robada.

—Canté en aquellos días contra el infierno,
contra las afiladas lenguas de la codicia,
contra el oro empapado en el tormento,
contra la mano que empuñaba el látigo,
contra los directores de tinieblas.

—Cada rosa tenía un muerto en sus raíces.
La luz, la noche, el cielo se cubrían de llanto,
los ojos se apartaban de las manos heridas
y era mi voz la única que llenaba el silencio.

—Yo quise que del hombre nos salváramos,
yo creí que la ruta pasaba por el hombre,
y que de allí tenía que salir el destino.
Yo canté para aquellos que no tenían voz.
Mi vez golpeó las puertas hasta entonces cerradas
para que, combatiendo, la Libertad entrase.

*Castro Alves del Brasil, hoy que tu libro puro
vuelve a nacer para la tierra libre,
déjame a mí, poeta de nuestra pobre América,
coronar tu cabeza con el laurel del pueblo.
Tu voz se unió a la eterna y alta voz de los hombres.
Cantaste bien. Cantaste como debe cantarse.*

CASTRO ALVES DEL BRASIL

Castro Alves del Brasil, la gran gloria castañeta
Para la faz castañeta, Para el agua
Cada primavera dice palabras a las flores
Cantante para los ojos, para el pecho castañeta
de la que amaba castañeta, Para la primavera

Si, pero aquellos pecados no tenían rostro
aquellas aguas negras no tenían palabras,
aquellas ojos eran los que vieron la muerte,
anidan los miridos tan dentro del amor,

la primavera castañeta, primavera de castañeta

—Canté para los esclavos, ellos como los peces
como el tacano oscuro, del árbol de la vida
vienen, y en el puerto se desahoga el odio
donde el amor es como el agua, donde el odio es como el fuego

—Canté en aquellos días contra el odio
contra los esclavos, contra los esclavos
contra el oro, contra el oro, contra el oro
contra la vida, contra la vida, contra la vida
contra los dioses, contra los dioses
contra los dioses, contra los dioses

—Cada vez tenía un mundo en sus ojos
La luz, la noche, el cielo se cubren de llanto
los ojos se aprietan de las manos heladas
y en el mundo la noche que ilumina el mundo

—Yo quise que el mundo por estar muerto
yo sé que la vida surge por el hombre
y que el mundo que está en el mundo
Yo canto para aquel que no tenía voz

Al ver como las flores, como las flores
para que cantaban la vida, la vida
Castro Alves del Brasil, la gran gloria castañeta
cada vez para la faz castañeta
Cantante para los ojos, para el pecho castañeta
de la que amaba castañeta, Para la primavera
Castro Alves del Brasil, la gran gloria castañeta

Poesías de Castro Alves del Brasil, escritas por João Neryda

CRONOLOGIA DE ANTÔNIO DE CASTRO ALVES

1847

14 de março, às 10:00 da manhã: nasce Antônio de Castro Alves, segundo filho de Antônio José Alves e Clélia Brasília de Castro Alves, na fazenda Cabaceiras, da então freguesia de São Pedro de Muritiba, comarca de Cachoeira, a poucos quilômetros de Curalinho (atual cidade Castro Alves), na Bahia.

1852-1853

Transfere-se com a família para Muritiba e depois para São Félix, à margem do rio Paraguaçu.

Frequenta a escola de Antônio Frederico Loup, em Cachoeira, do outro lado do Paraguaçu.

1854

Instala-se com a família em Salvador, onde seu pai fora nomeado professor da Faculdade de Medicina.

1856-1857

Castro Alves cursa o Colégio Sebrão.

1858

Transfere-se para o Ginásio Baiano, de Abílio César Borges, tornando-se colega de Rui Barbosa. Lá, publica seus primeiros poemas.

Muda-se, com a família, para a Chácara da Boa Vista, em Brotas.

1859

Morre a mãe do poeta.

1861

3 de julho: recita versos dedicados ao 2 de Julho, em festa do Ginásio Baiano.

1862

25 de janeiro: viaja com seu irmão Antônio para o Recife, logo após o casamento do pai com a viúva Maria Ramos Guimarães.

23 de junho: publica “Destrução de Jerusalém”, no *Jornal do Recife*, aos 15 anos.

1863

março: submete-se à prova para matrícula na Faculdade de Direito do Recife, sendo reprovado em geometria.

maio: publica o poema abolicionista, “A canção do africano”.

1864

Funda, com amigos, o jornal *O Futuro*, de curta duração.

9 de fevereiro: suicida-se, na Bahia, seu irmão mais velho, José Antônio, que enlouquecera meses antes.

Após um problema pulmonar, Castro Alves embarca para a Bahia.

1865

março: retorna ao Recife, em companhia de Fagundes Varela.

Conhece Idalina, moça um ano mais velha que o poeta.

Escreve os primeiros poemas que irão compor a obra “Os escravos”.

agosto: alista-se no Batalhão Acadêmico de Voluntários para a Guerra do Paraguai, não passando no exame de saúde.

16 de dezembro: desembarca na Bahia, também com Fagundes Varela.

1866

23 de janeiro: morre o pai do poeta.

março: matricula-se no segundo ano da Faculdade de Direito do Recife.

Funda uma sociedade abolicionista com Rui Barbosa e outros estudantes.

Lança o jornal *A Luz* e inicia polêmica sobre temas filosóficos e literários com Tobias Barreto.

Apaixona-se pela atriz portuguesa Eugênia Câmara, seu grande amor.

1867

fevereiro: Conclui o drama *Gonzaga ou a revolução de Minas*.

29 de maio: deixa Recife com Eugênia Câmara, rumo à Bahia, onde se instalam na Chácara da Boa Vista.

7 de setembro: estréia do drama *Gonzaga*, no Teatro São João, causando enorme sucesso. Lá, recita também o poema “Ao dous de julho”.

1868

fevereiro: viaja com Eugênia Câmara para o Rio de Janeiro, onde conhece José de Alencar e Machado de Assis, que elogiam seu talento.

Declama o poema “Pesadelo de Humaitá” da sacada do *Diário do Rio de Janeiro*, para uma multidão.

Torna-se redator do jornal *O Miosótis*, do Rio de Janeiro.

março: partida para São Paulo, juntamente com a atriz, onde se matricula no terceiro ano da Faculdade de Direito, tornando-se aluno de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Moço.

25 de outubro: representação do drama *Gonzaga*, no Teatro São José, de São Paulo, onde recita sua outra versão da “Ode ao dous de julho”.

11 de novembro: num acidente de caça, dispara um tiro no pé, pela arma que trazia a tiracolo.

1869

abril: após a amputação do pé, parte para o Rio de Janeiro.

outubro: separa-se definitivamente de Eugênia Câmara.

25 de novembro: embarca para Salvador.

1870

janeiro: segue para a Fazenda Santa Isabel, em Currallinho, onde termina a obra *A cachoeira de Paulo Afonso*.

setembro: volta a Salvador para o lançamento do livro *Espumas flutuantes*.

1871

Conhece Agnese Trinci Murri, professora de piano de sua irmã, por quem se apaixona, e para quem dedica seus últimos poemas.

6 de julho: morre o poeta, às 15:30 da tarde.

1867 fevereiro: Conclui o drama *Gonzaga ou a revolução de Minas*.
 29 de maio: deixa Recife com Eugênia Câmara, rumo à Bahia, onde se instalam na *Chácara da Boa Vista*.
 7 de setembro: estreia do drama *Gonzaga*, no Teatro São João, causando enorme sucesso.
 Lê, recita também o poema "Ao dous de julho".

25 de janeiro: viaja com seu irmão Antônio para o Recife, logo após o término de 25 dias de viagem. Conhece a esposa de seu irmão, a viúva Maria Ramos Guimarães.

1868 fevereiro: visita com Eugênia Câmara para o Rio de Janeiro, onde conhece José de Alencar e Machado de Assis, que elogiam seu talento.

Declama o poema "Pesadelo de Humanité", da sacada do Divino do Rio de Janeiro, para uma multidão.
 Toma-se redator do jornal *O Mitozista*, do Rio de Janeiro.

março: partida para São Paulo, juntamente com a atriz, onde se matricula no terceiro ano da Faculdade de Direito, tornando-se aluno de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Moço.

25 de outubro: representação do drama *Gonzaga*, no Teatro São José, de São Paulo, onde recita sua outra versão da "Ode ao dous de julho".

11 de novembro: um acidente de café, durante um tiro no pé, põe a vida em risco.
 Após um período de recuperação, volta a trabalhar em seu emprego.

1869 abril: após a amputação do pé, parte para o Rio de Janeiro.

1868 outubro: separa-se definitivamente de Eugênia Câmara.
 23 de novembro: embarca para Salvador.

Escreve os primeiros poemas que serão reunidos em *Canções*.

1870 janeiro: segue para a Academia Santa Isabel, em Coimbra, onde termina a obra *Canções* de Paulo Afonso.

setembro: volta a Salvador para o lançamento do livro *Canções*.

Conhece Anese Tucci Plant, professora de piano de sua irmã, por quem se apaixonará para quem dedica seus últimos poemas.

8 de julho: morte, às 12:30 da tarde.

Seus restos mortais são sepultados no Cemitério de São João Batista.

Após a morte, sua família é enterrada no Cemitério de São João Batista.

Casa da Fazenda Cabaceiras

Castro Alves

Família

o olhar do outro

"É que se quer a casa própria de família, não há alternativa, por lá o mundo de Castro Alves, Sérgio, está no lugar, de onde se vê o rio, a casa, a comunidade na frente, duas salas separadas por um corredor no espaço, que dá acesso para a sala de jantar, com a qual comunicam duas portas abertas, os dois espaços abertos e bem iluminados para o fundo, tal a casa da qual se vê o rio e a paisagem de uma distância ideal."

(De PEIXOTO, Álvaro. *Castro Alves e família*, p. 10-11)

Casa da fazenda Cabaceiras, de origem do São Francisco, dos proprietários de Castro Alves, hoje cidade Castro Alves (BA), pertence à família do poeta. Lá em família reside em 1853, quando se deslocou para a freguesia de São Pedro de Marilândia, comarca de Cachoeira, antiga província da Bahia.

Familia

Casa da fazenda Cabaceiras



“Ergue-se ainda a casa rústica da fazenda, hoje meio arruinada, que foi o ninho de Castro Alves. Simples, tosca, modesta, de telha vã e atijolada, amplo avarandado na frente, duas salas separadas por um vestibulo ou alpendre, que dá entrada para a sala de jantar, com a qual comunicam dois quartos amplos laterais, outros cômodos e dependências para o fundo... tal a casa da qual dá uma idéia a fotografia de sua decadência atual.”

(In: PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves: o poeta e o poema*. 1922. p. 10-11)

Casa da fazenda Cabaceiras, às margens do Rio Paraguaçu, nas proximidades de Currallinho, hoje cidade Castro Alves (BA), pertencente à família do poeta. Lá sua família residiu até 1852, quando se deslocou para a freguesia de São Pedro de Muritiba, comarca de Cachoeira, antiga província da Bahia.

Antônio José Alves



Antônio José Alves, pai do poeta, nasceu na Bahia a 16 de maio de 1818. Aos quinze anos de idade terminou os estudos preparatórios para ingressar, em 1836, no curso de medicina. No ano de 1837, alistou-se como primeiro cadete no batalhão de voluntários de Cachoeira, na ocasião da luta contra o movimento separatista da Sabinada. Formou-se em medicina, em Portugal, no ano de 1841, com a tese *Considerações sobre os enterramentos por abusos praticados nas igrejas e recintos das cidades*. Em 1844, casou-se com Clélia Brasília da Silva Castro. O casal teve sete filhos: José Antônio, Antônio (o poeta), Guilherme, João (que morreu logo após o nascimento, em 12 de setembro de 1850), Elisa, Adelaide e Amélia. Em 1855, foi nomeado, pelo Governo Imperial, professor de clínica na Faculdade de Medicina da Bahia. Combateu, neste mesmo ano, a epidemia de cólera que então grassava em Salvador, recebendo, por seu trabalho, a Ordem do Rosa. Em 1856, fundou a Sociedade das Belas Artes em Salvador, afirmando sua paixão pelas artes. Em 1861, recebeu a cátedra da cadeira de clínica, dividindo seu tempo entre a faculdade e o Hospital de Caridade. Em 1862, após a morte de sua primeira esposa, casou-se com a viúva Maria Ramos Guimarães, com quem teve um outro filho, Cassiano José Alves. Faleceu a 23 de janeiro de 1866. Escreveu o livro *Memória histórica dos acontecimentos ocorridos no ano de 1851 na Faculdade de Medicina da Bahia...*, publicado em 1858.

2006 210 D 134



1847 — à 14 de Março nascio meu
filho Antonio Frederico de Castro
Alves — as 10 horas da tarde — hi a
Sto. Mathilde. — Domingo a 10 horas
da Manhã

Manuscrito de Antônio José Alves, datado de 9 de julho de 1847, que mostra sua intenção de registrar o poeta com o nome de Antônio Frederico de Castro Alves. Tal fato provoca confusão entre seus biógrafos.

Cópia facsímilada de Silva Castro Alves, mãe do poeta, nasceu em Salvador a 14 de março de 1820. Viveu com seu pai até completar 10 anos de idade, quando passou a estudar em um internato. Ali permaneceu três anos, até ser transferida para a casa da família do Sr. Francisco de Moraes Ferreira Lacerda, onde completou sua educação. Deixou esta casa aos dez anos, por motivo de saúde, indo morar em Curitiba, aos quinze anos, com sua mãe. Em 1841, conheceu o Sr. Antônio José Alves, com quem se casou, em 1844. Costava de música e tocava piano. Foi ferido por Castro Alves em um desporto. Morreu de tuberculose, com 33 anos, a 10 de abril de 1853.

Clélia B. Castro Alves



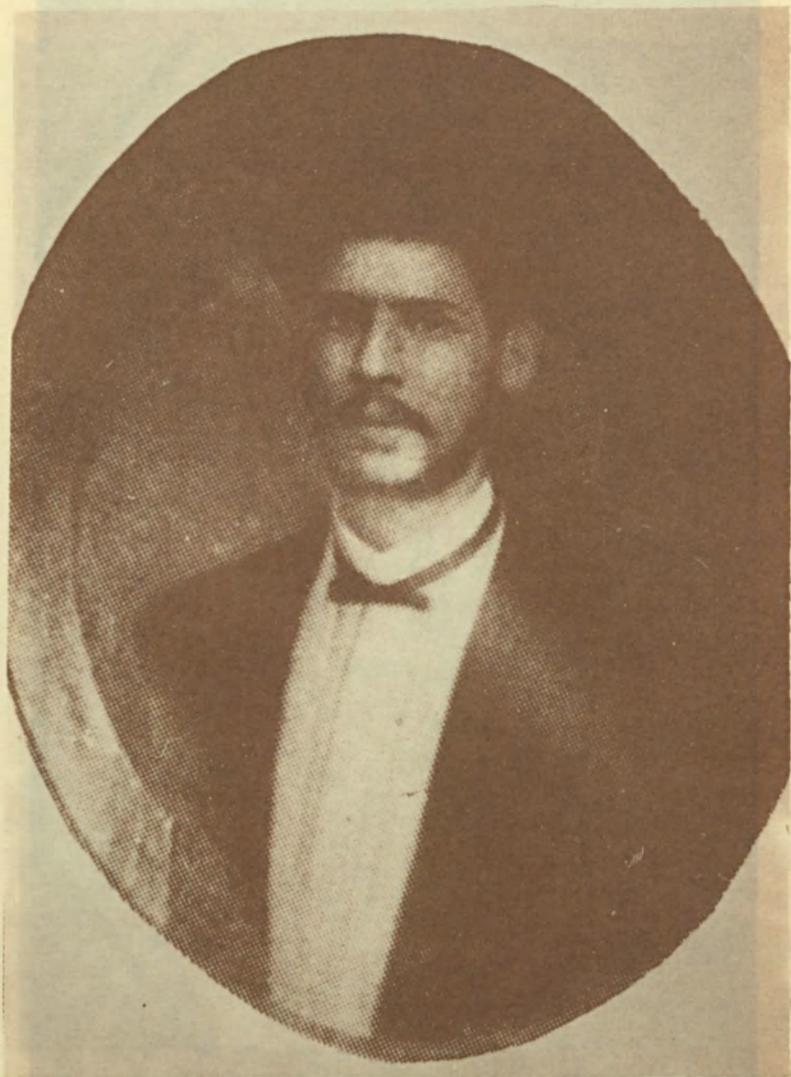
Clélia Brasília da Silva Castro Alves, mãe do poeta, nasceu em Salvador a 14 de março de 1826. Viveu com seu pai até completar 10 anos de idade, quando passou a estudar em um internato. Aí permaneceu três anos, até ser transferida para a casa da família do cel. Francisco de Matos Ferreira Lucena, onde completou sua educação. Deixou esta casa após um ano, por motivos de saúde, indo morar em Curalinho, aos quinze anos, com uma tia. Em 1841, conheceu o dr. Antônio José Alves, com quem se casou, em 1844. Gostava de música e tocava piano. Foi retratada por Castro Alves em um desenho. Morreu de tuberculose, com 33 anos, a 10 de abril de 1859.



Retrato de Clélia B. de Castro Alves feito pelo poeta.

João Antônio de Castro Alves nasceu em 7 de fevereiro de 1840, na fazenda de São José, em Igarapé do Meio, no Rio de Janeiro. Foi poeta para Petropolis e em 1862 para a cidade de Juazeiro no Rio de Janeiro, na qual ingressou no ano seguinte. Não concluiu o curso, dirigindo-se ao Rio de Janeiro com a intenção de estudar engenharia. Lá conheceu um dos seus amigos, o escritor e jornalista Desiderio de Figueiredo, que lhe indicou que era também poeta. Foi convidado pelo seu amigo para escrever um livro de poemas, que chegou à publicação, pois, num acesso de humor, escreveu seu primeiro livro de poemas em 9 de fevereiro de 1865, com apenas 19 anos de idade.

José Antônio de Castro Alves



José Antônio de Castro Alves, filho mais velho do casal Castro Alves, nasceu a 3 de fevereiro de 1846, na fazenda Cabaceiras. Foi o autor do apelido *Cecéu* dado a Castro Alves, em referência às explicações da época para os nascimentos dos bebês: "são anjos que vem do céu". Viagou com o poeta para Pernambuco em 1862, para cursar a Faculdade de Direito no Recife, na qual ingressou, no ano seguinte. Não concluiu o curso, dirigindo-se ao Rio de Janeiro com a intenção de estudar engenharia. Lá enlouqueceu, um mês após sua chegada, retornando a Curralinho. Depoimentos da família indicam que era também, como o irmão, um talentoso poeta, fato confirmado pelo soneto manuscrito que deixou. Sua obra, porém, não chegou à modernidade, pois, num acesso de loucura, queimou seus originais. Suicidou-se em 9 de fevereiro de 1865, com apenas 19 anos de idade.

Soneto

...provar-me por Teu destino & Casar. Meu,

Qu'eu sou de ti só vida em mim a respirar,
 O teu bem o lyrico ao famoso acceita
 Onde ao gremio retribua de amor e de
 Onde o riso teu sempre doçura;

Se eu vinda de um arvore e jorron
 Cantando te admiro e amoro,
 Se te vinda de um tapiz de favela
 Deitadas de te o mundo a per e ventura.

Mas se longe de ti, a fementida
 Tormenta me abira sem luz e sem vida
 De o chedo de amara e eudencia,

Meo ouso me mordia e eufonia a vida
 Pois se no tempo lues eu lues vida,
 E viver sem te o meu, prefero a morte.

Bahia, 1861

Soneto manuscrito de José Antônio de Castro Alves, irmão mais velho do poeta, escrito na Bahia, em 1871.

Guilherme de Castro Alves nasceu a 17 de fevereiro de 1828, na fazenda Caboclo, em
 Curitiba. Teve cinco irmãos e ao estudar a escola de qual se tornou professor. Estudou
 colégio parisiense. Estudou medicina e praticou medicina em Escola Normal. Após a morte
 de Maria Ramos Guimarães, segunda mulher de seu pai, não aceitou a tutela de seu irmão
 Cassiano José Alves. Faleceu a 17 de maio de 1871, sob o pseudônimo de D. Alves Xavier
 onde homenageou Castro Alves com o poema "Mimosa e paratol". Manière grande
 correspondência com o poeta, quando este estava fora da Bahia. Foi casado com Sílvia Amália
 Meyer. Morreu aos 43 anos, a 28 de janeiro de 1871.

Guilherme de Castro Alves

MARMORES E PRANTO

A' CASTRO ALVES

Deus de seu leito funebro
Ao lado se nublou.

MANZONI.

FLE era grande e bom! — massa p'ra deuses!
Su'alma... tenda foi de cem heroes!
Eu que escutei-lhe os ultimos adeuses
« Bardo-rei, perguntei, que é dos lenções
Em que te lão de enrolar a vida immensa » ? !
Já não fallou-me... Em torno angustiado
Procurei um caixão p'ra seu passado...
Deus na face do céu fixava os sócs!

Fragmento do poema "Mármore e prantos", de Guilherme de Castro Alves, dedicado ao poeta, reunido no livro *Raios sem luz*, de 1875.

Guilherme de Castro Alves nasceu a 13 de fevereiro de 1852, na fazenda Cabaceiras, em Curalinho. Dedicou-se à filosofia e ao inglês, língua da qual se tornou professor em muitos colégios particulares. Estudou medicina e prestou concurso para a Escola Normal. Após a morte de Maria Ramos Guimarães, segunda mulher de seu pai, não aceitou a tutoria de seu irmão Cassiano José Alves. Publicou o livro *Raios sem luz*, em 1875, sob o pseudônimo de D'Alva Xavier, onde homenageou Castro Alves com o poema "Mármore e prantos". Manteve grande correspondência com o poeta, quando este estava fora da Bahia. Foi casado com Silvina Amélia Moyer. Morreu aos 24 anos, a 28 de janeiro de 1877.

A MEU IRMÃO GUILHERME DE CASTRO ALVES.

Na cordilheira altíssima dos Andes
Os Chimborazos solitários, grandes
Ardem n'aquellas hibernacs regiões.
Ruge embalde e fumega a solfatéra...
E dos labios sangrentos da cratera
Que a avalanche vacilla aos furacões.

A escória rubra com os geleiros brancos
Misturados resvalam pelos flancos
Dos hombros friorentos do vulcão...
.....
Assim, Poeta, ó tua vida immensa,
Cerca-to o gelo, a morte, a indiferença...
E são lavas lá dentro o coração.

Currallindo—Julho 1870.

Poema de Castro Alves dedicado ao seu irmão Guilherme, em 1870,
reunido no livro *Espumas flutuantes*.

Adelaide de Castro Alves



Adelaide de Castro Alves Guimarães nasceu a 22 de março de 1854, em Salvador, Bahia. Era amante das artes, especialmente da música, do desenho e da poesia, tendo publicado um livro com seus poemas. Era a irmã preferida de Castro Alves, que a chamava carinhosamente de Sinhá, e para quem escreveu o poema "À minha irmã Adelaide". Ao longo de sua vida, preocupou-se sempre em cultivar a memória do irmão, cuidando de sua obra. Casou-se com o jornalista Augusto Álvares Guimarães, em 1873, amigo íntimo do poeta. Morreu em 21 de setembro de 1940, no Rio de Janeiro, com quase 90 anos.

Minha Irmã

Adelaide

Quando sorinho e triste, em horas de amargura
Tu rentes de meu seio, a tempestade escura
As aras encruvar, no fúnebre oceano!..
Quando a esponja de fel ombebe-me a lembrança!..
... Levantas-te de leito, o' limpida criança!
E deixas tuas mãos correrem no piano....

Fragmento do poema "A minha irmã Adelaide", de Castro Alves,
reunido no livro *A cascata de Paulo Afonso*, de 1870.

Elisa de Castro Alves



Elisa de Castro Alves Lopes Guimarães nasceu a 26 de fevereiro de 1853, na cidade de Porto de São Félix, às margens do rio Paraguaçu, na antiga província da Bahia. Faleceu, em 1931, na cidade do Rio de Janeiro. Casou-se com Francisco Lopes Guimarães, funcionário público e amigo íntimo de Castro Alves. Francisco era filho de Maria Ramos Guimarães que, após a morte do marido, o negociante Francisco Lopes Guimarães, tornou-se a segunda esposa do dr. Alves. O casal, após a morte de Maria Ramos Guimarães, não aceitou a tutoria do irmão, Cassiano José Alves.

Amélia de Castro Alves



Amélia de Castro Alves Ribeiro da Cunha nasceu a 7 de maio de 1855, em Salvador, Bahia. Casou-se com o médico Manuel José Ribeiro da Cunha. Foi criada e educada por Antônio Cerqueira Pinto, que se responsabilizou por ela depois que perdeu os pais. Devido aos estudos de seu irmão José Antônio, não recebia a sua parte correspondente aos aluguéis da casa; após a morte do irmão, foi decretado que a quantia despendida para sua formação deveria ser a ela destinada. Também escrevia versos.

O Solar da Boa Vista



Desenho do Solar da Boa Vista feito por Adelaide de Castro Alves.

O Solar da Boa Vista, construído no século XVIII, foi comprado pela família Alves quando esta transferiu-se definitivamente para Salvador. Lá, Castro Alves morou com a atriz Eugênia Câmara, por um curto período de tempo, antes da viagem para São Paulo. No poema "A Boa Vista", publicado em *Espumas flutuantes*, o poeta retrata saudosamente a casa que viria a transformar-se no Hospício São João de Deus, onde Leonídia Fraga, uma das musas do poeta, foi internada e morreu louca.

Eugênia Câmara

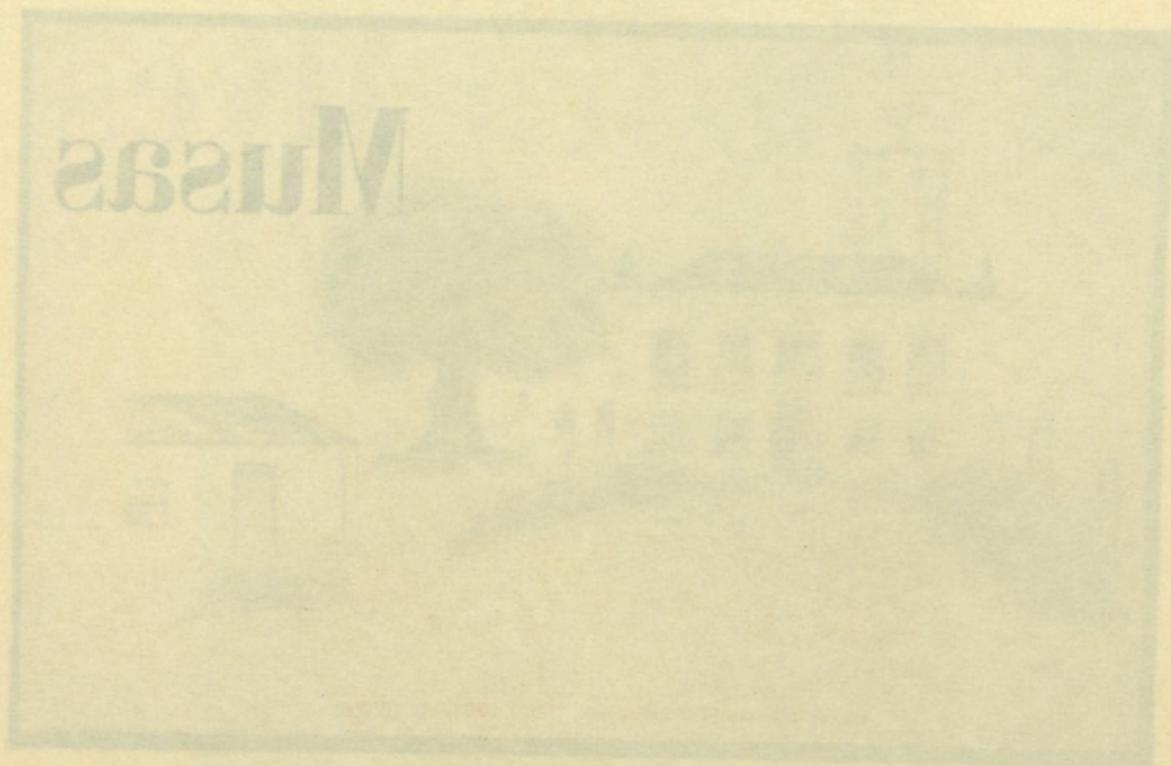
Castro Alves

Musas

O olhar do outro

Eugênia Infante da Câmara, o grande amor de Castro Alves, nasceu em Portugal e faleceu no Rio de Janeiro a 29 de maio de 1878. Perdeu os pais com a Companhia Dramática de Portuário Coelho, com quem teve mais filhos, Eudália. Em 1863, representou *Dália*, de Octave Feuillet, no Teatro Santa Isabel, quando Castro Alves a conheceu. Os dois se uniram em 1866 e foram morar numa casa, à rua do Barro, afastada do centro de Recife. Nesse mesmo ano, Eugênia veio a representar, retornando ao palco apenas em 1867, em Salvador para atuar em *Genoveva*, escrito por Castro Alves. O drama, apresentado no teatro São João, alcançou um certo sucesso de público, mas resultou num fracasso financeiro. Em 1868, o casal viajou para São Paulo, lugar em que ocorreu o rompimento de um já conturbado romance. O último momento entre ambos se deu no teatro Pólis Dramática, no Rio de Janeiro, onde a atriz se apresentou com a companhia de Francisco Vazquez. Castro Alves dedicou inúmeros poemas a Eugênia com o nome de "Aurora", "Adela", "Adela", "Os anjos da aurora", "quarta mulher", "Eugênia", "Aurora", "Eugênia Câmara", "O olho do gênio", "Os três amores", "Suzanna", "O amor dos Deuses", "Canções do boêmio", "Hino do vinho", "Piauí da noite real", "Tratando rebeldes negros", "Fênix" e "O gongolamento do amor", publicados em livros de poesias de João Batista de Sá, em 1868, e por João Porteiro, em 1956. Eugênia Câmara também recebeu prêmios, tendo participado, ainda em Portugal, o livro *Edição poética*, realizado no Brasil, em 1914, com o título de *Epitáfio à vida*. Após separar-se do poeta, dedicou-lhe o poema "Adela e a mãe de minha alma", cujo manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional.

O Solar da Boa Vista



Desenho do Solar da Boa Vista feito por Afonso de Castro Alves

O Solar da Boa Vista, construído no século XVIII, foi comprado por Isidoro Alves quando este transferiu-se definitivamente para Salvador. Lá, Castro Alves morou com a atriz Eugênia Câmara por um curto período de tempo, antes de viajar para São Paulo. No poema "A Boa Vista", publicado em *Capoteo fluminense*, o poeta retratou simbolicamente a casa que seria a transformação no Hospital São João de Deus, onde Leonilda Fraga, uma das amantes do poeta, foi internada e morreu louca.

Eugênia Câmara



Eugênia Infante da Câmara, o grande amor de Castro Alves, nasceu em Portugal e faleceu no Rio de Janeiro a 29 de maio de 1879. Percorreu o Brasil com a Companhia Dramática de Furtado Coelho, com quem teve uma filha, Emília. Em 1863, representava *Dalila*, de Octave Feuillet, no Teatro Santa Isabel, quando Castro Alves a conheceu. O poeta e a atriz se uniram em 1866 e foram morar numa casa, à rua do Barro, afastada do centro de Recife. Neste mesmo ano, Eugênia parou de representar, retornando ao palco apenas em 1867, em Salvador, para atuar em *Gonzaga*, escrito por Castro Alves. O drama, apresentado no teatro São João, alcançou um certo sucesso de público, mas resultou num fracasso financeiro. Em 1868, o casal viajou para São Paulo, lugar em que ocorreu o rompimento de um já conturbado romance. O último encontro entre ambos se deu no teatro Fênix Dramático, no Rio de Janeiro, onde a atriz se apresentava com a companhia de Francisco Vasques. Castro Alves dedicou inúmeros poemas à sua musa maior, entre eles, "Boa noite", "Adeus", "Os anjos da meia-noite: quarta sombra - Fabíola", "A atriz Eugênia Câmara", "À Eugênia Câmara", "O vôo do gênio", "Os três amores", "Fatalidade", "O tonel das Danaides", "Canções do boêmio", "Hino do sono", "Páginas da escola realista", "Immensis orbidus anguis", "E tarde" e "O gondoleiro do amor", posteriormente musicado por João Batista Julião, em 1942, e por João Portaro, em 1956. Eugênia Câmara também escrevia poemas, tendo publicado, ainda em Portugal, o livro *Esboços poéticos*, reeditado no Brasil, em 1864, com o título de *Segredos d'alma*. Após separar-se do poeta, dedicou-lhe o poema "Adeus irmão da minha alma", cujo manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional.



Caricatura de Eugênia Câmara feita por Castro Alves.

Eugênia Luíza da Câmara, o grande amor de Castro Alves, nasceu em Portugal e faleceu no Rio de Janeiro a 29 de maio de 1878. Frequentou o Brasil com a Companhia Diamante de Fernando Coelho, com quem teve uma filha, Estela. Em 1867, representava Dália de Octave Feuillet, no Teatro Santa Isabel, quando Castro Alves a conheceu. O poeta e a atriz se uniram em 1868 e foram morar numa casa, à rua do Barro, alugada do centro de Recife. Nesse mesmo ano, Eugênia pediu de repentinamente, retornando ao palco apenas em 1867, em Salvador para atuar em *Garçafes*, escrito por Castro Alves. O drama, apresentado no teatro São João, alcançou um certo sucesso de público, mas resolveu não fazer mais finanças. Em 1868, o casal viajou para São Paulo, lugar em que ocorreu o rompimento de sua já conturbada romance. O último encontro entre ambos se deu no teatro Fênix Dramática, no Rio de Janeiro, onde a atriz se apresentava com a companhia de Francisco Miranda. Castro Alves dedicou inúmeras poemas à sua mais amor entre eles, "Dois noites", "Adão", "Os saízes da mais-noite", "Quatro noites - Estela", "A atriz Eugênia Câmara", "A Eugênia Câmara", "O rio do gênio", "Os três amores", "Fátimada", "O tonel das Hércules", "Canções do boêmio", "Hino do sono", "Fíguras da escola realista", "Imensas orquídeas angust", "Tarde" e "O consolador do amor", posteriormente musicado por João Batista Juliano, em 1942, e por João Portari, em 1956. Eugênia Câmara também escreveu poemas, sendo publicado, ainda em Portugal, o livro *Estrela cadente*, redigido no Brasil, em 1861, com o título de *Séculos à sua*. Após sepulturas do poeta, dedicou-lhe o poema "Adão traseiro da minha alma", cujo manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional.

Era a angé d'outra hora
 E eu cahunia a teu pie
 de vida mesmo monibundo
 Tu me dizeses = Talver!... =

Sabei da-li a lgre brada
 sem forcas para ductar
 Com derejis da mowen
 Com vida pua te adorar

Sai minha filha entre nos
 Q'idijs da redempçã
 Sabei she de ti! Chronou!...
 Sai seu perante meu = Perdão!

Adeus!! de um dia o destino
 Nos feres vida encontra
 Como irmão ou como amante
 Sempre! sempre! me has de achar

Castelo 19
 A hora da
 noite Adeus!!!



1903



Eugénia Câmara

Fragmento manuscrito do poema "Adeus irmão da minha alma",
 de Eugénia Câmara, dedicado a Castro Alves.

**Homenagem ao gênio.
A Eugenia Infante da Camara.**

Salve, gênio sublime ! Artista salve !
A estrella do porvir em nuvens d'ouro
 Campêa n'amplidão ;
E ao som dos hymnos do poeta, o mundo
Nas aras do talento, onde és senhora
 Te vota adoração.

Levanta-te e caminha ! a fronte sauta,
Onde a mão do Senhor depoz o louro,
 Arrosta a tempestade ;
A palmeira gentil remonta às nuvens,

Fragmento do poema
"Homenagem ao gênio: À Eugênia Infante da Câmara",
de Castro Alves, dedicado à sua musa.

Leonídia Fraga



Leonídia Fraga foi, para Castro Alves, "três anjos em uma mulher". Conhecidos de infância, tiveram, em 1865, um namoro passageiro, na ocasião em que fora à Bahia, ao sepultamento do pai. Castro Alves dedicou à "Serrana", como a chamava, os poemas "O hóspede", "Fé, esperança e caridade", "Vida parisiense", "Os perfumes" e a retratou como a "primeira sombra - Marieta" em seu famoso poema, "Os anjos da meia-noite". Ao contrário de todas as mulheres que amaram e foram amadas pelo poeta, Leonídia resignou-se apaixonadamente à sua espera, e somente após a morte de Castro Alves casou-se. Enlouqueceu anos depois, sendo internada no Hospício São João de Deus, antigo Solar da Boa Vista. Faleceu a 23 de janeiro de 1927.

Agnese Trinci Murri



Agnese Trinci Murri nasceu na Itália, em 1842. Chegou ao Brasil, aos 22 anos de idade, com uma companhia lírica, para apresentar-se como cantora, na qualificação de soprano ligeiro. Professora de piano e canto, conheceu Castro Alves quando lecionava para sua irmã Adelaide. O amor entre ambos foi platônico, pois Agnese não quis enfrentar a sociedade conservadora da época. Conhecia a doença pulmonar de Castro Alves e não alimentava o seu amor, embora não fosse a ele indiferente. As vésperas da morte, Castro Alves não permitiu que Agnese o visse tão doente. Esta, por sua vez, não compareceu ao velório do poeta, resguardando-se da opinião pública. Em 1888, casou-se com Giovanni Bassini e foi morar na Itália, na região de Verona. Lá, inteirou-se da publicação de uma biografia de Castro Alves escrita por Xavier Marques, na qual o autor mencionava uma suposta intimidade ocorrida entre o poeta e a professora. Indignada, determina o corte do trecho “nos braços esculturais de Agnese, quase esquecera a imagem de Eugênia”, das edições seguintes. Para a “Pálida Madona”, como Castro Alves a chamava, foram escritos os poemas “Durante um temporal”, “Consuelo”, “No camarote”, “A um coração”, “Noite de maio”, “Longe de ti”, “A virgem dos últimos amores”, “Remorsos”, “Em que pensas?”, “Aquele não”, “Rezas”, “Gesso e bronze”, “Versos para música”.

Remorsos

Em que pensa Carlota após a walsa,
No tapete
Atirando o bournous, quando Sescateo....
Ou melhor... quando rompe a lusa a fita
Se a presilha, o colchete
Em leve resistencia a mão lhe irrita...
Em que pensa Carlota após a walsa?

Fragmento do poema "Remorsos", dedicado à Agnese Trinci Murri, reunido no livro *A cascata de Paulo Afonso*, de Castro Alves em 1870.

Ester Amzalack



Após o desaparecimento de Idalina, Castro Alves estreitou amizade com três jovens irmãs judias que moravam numa casa defronte à sua, na cidade de Salvador. Ester, Simy e Mary, filhas de Isaac Amzalack, moças bonitas, inspiraram em Castro Alves o poema "Hebréia", cuja dedicatória causou alvoroço entre as jovens, uma vez que as três julgavam-se "A bela judia". Porém, há indícios de que seus versos fossem dirigidos à Ester, a mais velha dentre as três, que contava, à época, 13 anos. Também foi para Ester que o poeta dedicou seus "Pensamentos de amor", e em 1870, em suas reminiscências, chamou-a de terceira sombra, no poema "Os anjos da meia-noite". Ciente de que a religião professada pela família Amzalack representava um obstáculo a qualquer tipo de relacionamento mais sério, Castro Alves limitou-se a uma amizade lúdica com as três moças. A convivência com esta família deu origem a fatos curiosos que enriqueceram a biografia de Castro Alves. Sabe-se que, anos mais tarde, os versos de "Hebréia" foram descobertos por Tobias Barreto, em uma igreja do nordeste, cantados como hino religioso que reverência a Virgem Maria.

x Hebréia.

Pomba d'esperança sobre um mur d'escotos!
Luz do vale oriental, e brilhante!
Estrela x'esper do pastor errante!
Ramo de murthá a rescender ch'urosas!

Tu es, ó filha de Sarrall formosa...
Tu es, ó linda seductora Hebréia...
Pallida rosa da infeliz Judeia
(Sem ter o orvalho que do ceo deriva).

Porque descebas quando a tarde se jura
Mira-te triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas
Onde a oliveira em Jordão se inclina?

Fragmento do poema manuscrito "Hebréia", de Castro Alves, dedicado à Ester Amzalack.

Brasília Vieira



Brasília Vieira, também musa do poeta, mereceu o poema "À Exma. Iaiá Brasília".

A Cestinha de Costura

Para o Livro de Brasília

Não quero Pantheons, não quero mármores
Não soubo a Stermidade fria, escura...
Ma gloria ideal é o Pequeno atreço
de uma pequena cesta de Costura.

Fragmento do poema manuscrito "A cestinha de costura",
de Castro Alves, dedicado à Brasília Vieira.

Sinaxinha Lopez

Conta o de Antônio Batista Pereira, administrador de Castro Alves, que o poema "O laço de fita" foi
dedicado à Sinaxinha Lopez. O poeta o teria entregue pessoalmente à sua musa, em um baile
na casa do dr. Lages dos Anjos, seu pai e amigo de Castro Alves. Porém, o testemunho de de
sanchio de Barros Pimentel, amigo do poeta, contrasta o anterior. Em sua versão, foi Maria
Carolina, enteada de Dona Mariana, irmã de Álvaro de Azevedo, a inspiradora do poema.

Idalina

A história de Idalina resume-se ao tempo em que conviveu com Castro Alves. Não se sabe sua procedência, seu sobrenome e tampouco o seu destino, após separar-se do poeta. Ambos teriam se conhecido em 1865, num cabaré no Recife, quando contava ainda 18 anos e Castro Alves, 17. Sabe-se, com certeza, que Idalina cantava e tocava piano, privilégio, à época, de moças de famílias abastadas, o que leva a especulações sobre sua origem burguesa. Sem oficializar a relação, os dois jovens foram morar afastados do centro do Recife, evitando os comentários da sociedade conservadora. Julieta, Adalgisa ou Bárbora, como Castro Alves a denominava em seus poemas, participou de um período decisivo na vida do poeta, quando seus poemas começaram a sensibilizar seus ouvintes e leitores para a causa abolicionista. A separação de ambos se deu no início do ano de 1866, quando o poeta viajou para Salvador, em férias da faculdade. Consta que, devido à morte de seu pai, Castro Alves não escreveu à Idalina. Esta, julgando-se abandonada, tomou um rumo desconhecido, não sendo mais encontrada pelo poeta, quando este retornou a Recife. A ela Castro Alves dedicou os poemas, “Aves de arribação” e “Os anjos da meia-noite: segunda sombra - Bárbora”.

Sinhazinha Lopes

Conta o dr. Antônio Batista Pereira, admirador de Castro Alves, que o poema “O laço de fita” foi dedicado à Sinhazinha Lopes. O poeta o teria entregue pessoalmente à sua musa, em um baile na casa do dr. Lopes dos Anjos, seu pai e amigo de Castro Alves. Porém, o testemunho do dr. Sancho de Barros Pimentel, amigo do poeta, contradiz o anterior. Em sua versão, foi Maria Carolina, enteada de Dona Mariana, irmã de Alvares de Azevedo, a inspiradora do poema.

Mapa da Bahia

Castro Alves

Bahia

o olhar do outro

Mapa da Bahia, década de 1850, onde se pode ver a cidade de Caraguá, local onde Castro Alves nasceu, em 1847.

Bahia

Idalina

A história de Idalina remonta-se ao tempo em que o poeta viveu com Castro Alves. Não se sabe sua procedência, seu sobrenome e nem mesmo o seu destino após separar-se do poeta. Ambos teriam se conhecido em 1865, num cabaré no Recife, quando compareceu João de Deus e Castro Alves, 17. Sabedor, com certeza, que Idalina cantava e tocava piano, atraiu-o à época, na moção de família escravista, o que leva a especulações sobre sua origem burguesa. Sem olvidar a relação, os dois jovens foram morar afastados no centro do Recife, enquanto os comentários da sociedade conservadora, Julieta Adalgiza e Bárbara, como Castro Alves denominava em seus poemas, participou de um período de exílio da vida do poeta, quando seu poema converteu-se a estabelecer seus cantos e letras para o poeta abolicionista. A separação de ambos se deu no início do ano de 1866, quando o poeta viajou para Salvador, em terras da fazenda. Conta que, devido à morte de seu pai, Castro Alves não retornou à Bahia. Esta, portanto, se abandonada, tomou um rumo desconhecido, não sendo mais em contato pelo poeta, quando este retornou a Recife. A ele Castro Alves dedicou os poemas, "Aos de arribação" e "O anjo da noite: segunda sonata - Bárbara".

Sinhazinha Lopes

Conta o dr. Antônio Batista Pereira, admirador de Castro Alves, que o poema "O laço de fita" foi dedicado à Sinhazinha Lopes. O poeta o teria entregue pessoalmente à sua mãe, em um baile na casa de dr. Lopes dos Anjos, seu pai e amigo de Castro Alves. Porém, o testemunho do dr. Nuno de Barros Pimentel, amigo do poeta, contradiz o anterior. Em sua versão, foi Maria Carolina, criada de Dona Mariana, mãe de Álvaro de Araújo, a inspiradora do poema.

Mapa da Bahia



Mapa da Bahia, datado do século XIX, onde se pode ver a cidade de Curalinho, local onde Castro Alves nasceu, em 1847.

Colégio Abílio Borges (Ginásio Baiano)

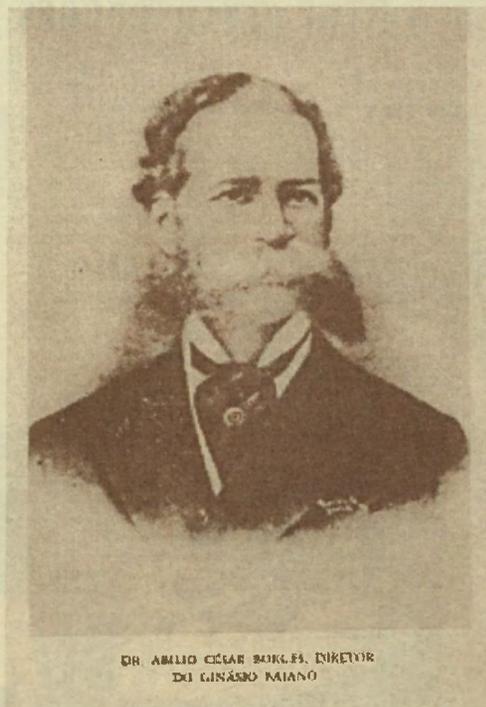
Mapa da Bahia



XIX século em estudos e debates

No famoso Ginásio Baiano, freqüentado por Castro Alves no período de 1858 a 1861, aprimorou-se a formação dos mais influentes intelectuais do Brasil que viveram no século XIX. Respeitado e considerado centro de excelência do ensino secundário da época, teve nas suas festas e sessões literárias a afluência de talentos que lá despontaram com suas primeiras publicações, como é o caso da obra *Produções em prosa e verso recitadas em várias ocasiões no ano de 1861*, onde foram reunidos alguns poemas de Castro Alves. Devido ao sucesso do método pedagógico utilizado por seu fundador, Abílio César Borges, o colégio instalou-se nas cidades de Barbacena (MG), em 1881, e no Rio de Janeiro, no ano de 1883. Nesta última, foi retratado pelo escritor Raul Pompéia, no romance *O Ateneu*.

Abílio César Borges



Abílio César Borges, barão de Macaúbas, nasceu em 9 setembro de 1824, na vila do Rio das Contas, antiga província da Bahia. Após ocupar o cargo de diretor geral da Instrução Pública de Salvador, fundou, em 1858, o Colégio Abílio Borges, chamado Ginásio Baiano, onde Castro Alves e muitos outros iniciaram sua formação intelectual. Abílio César Borges foi o responsável pela reestruturação da metodologia pedagógica aplicada ao ensino secundário da época, abolindo os castigos físicos na educação. Destacou-se, também, como um grande incentivador das artes dramáticas e poéticas, ao realizar festas e sessões literárias que revelaram seus mais talentosos alunos, entre eles, Castro Alves. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1891. Autor dos livros: *Conferência feita... sobre o ensino moderno dado no Colégio Abílio...*, de 1887, *A lei nova do ensino infantil...*, de 1883, *Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade*, de 1876 e *Vinte dois anos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brasil...*, de 1884.

POESIAS

OFFERECIDAS

AO DR. ABILIO CEZAR BORGES

NO DIA 9 DE SETEMBRO

POR OCCASÃO DE SE FESTEJAR

NO GYMNASIO BAHIANO

SEU ANNIVERSARIO NATALICIO.



BAHIA

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.

Rua de Santa Barbara n. 2.

1860

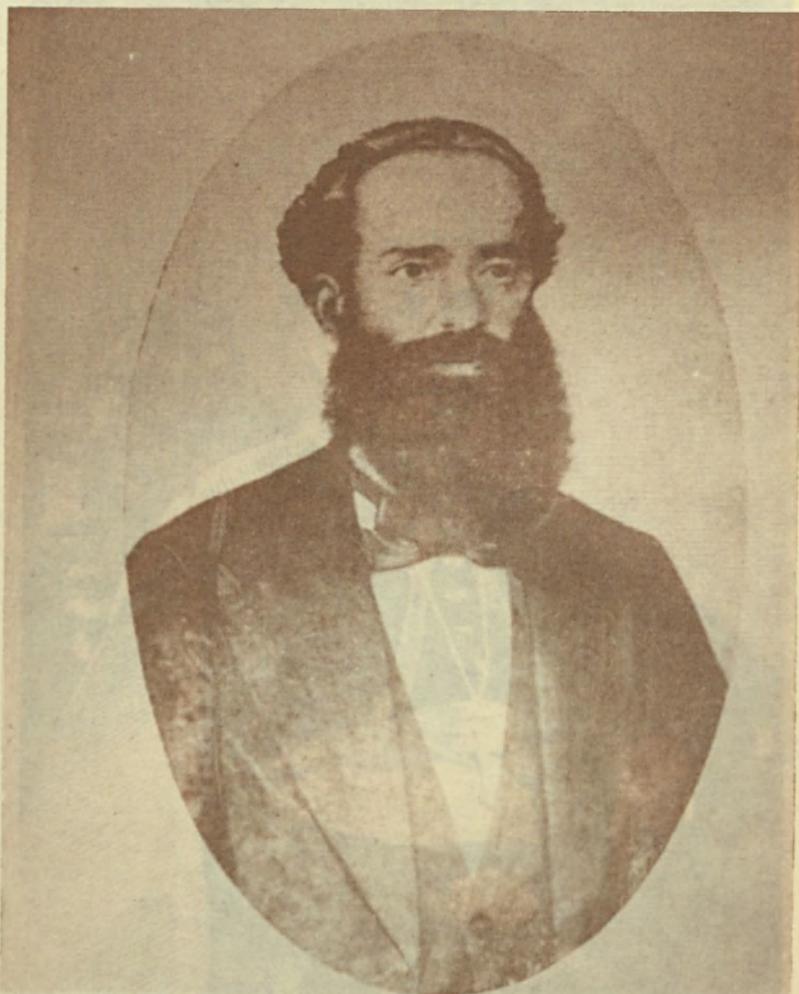
Capa do livro de poesias dedicado ao fundador do Ginásio Baiano, Abílio César Borges, em 1860, por seus alunos, entre eles, Castro Alves.

D. Antônio de Macedo Costa



D. Antônio de Macedo Costa nasceu em Maragogipe (BA), a 7 de agosto de 1830. Seus estudos, iniciados no seminário da Bahia, foram finalizados em Saint Sulpice, na França, onde ordenou-se, em 1857, diácono e presbítero. No Liceu Pontifício de Santo Apolinário, em Roma, aperfeiçoou seus estudos, recebendo grau de bacharel e licenciado e, em 1859, de doutor em direito canônico. Castro Alves foi seu aluno de história no Ginásio Baiano. Foi o único prelado brasileiro no Concílio Ecumênico convocado em 1867, por Pio IX, em Roma. Teve importante papel na famosa questão religiosa que determinou a separação da Igreja e do Estado, após a proclamação da República. Morreu em Barbacena, a 21 de março de 1891, deixando os livros: *Resumo da história bíblica*, *Direito contra direito ou o Estado sobretudo*, *A questão religiosa no Brasil*, entre outros.

Ernesto Carneiro Ribeiro



Ernesto Carneiro Ribeiro nasceu a 12 de setembro de 1839, na ilha de Itaparica. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1864. No Ginásio Baiano, foi professor de francês e inglês de Castro Alves. Em 1871, prestou concurso, sendo nomeado para a cadeira de língua portuguesa. Morreu a 15 de novembro de 1920, deixando várias obras: *Elementos de gramática portuguesa*, *Gramática portuguesa filosófica*, *Sermões gramaticais*, *Ligeiras observações sobre as emendas do dr. Rui Barbosa feitas à redação do Projeto do Código Civil*, *A redação do Projeto do Código Civil e a República do dr. Rui Barbosa* e *Páginas de língua e de educação*.

Frei Antônio da Virgem Maria de Itaparica



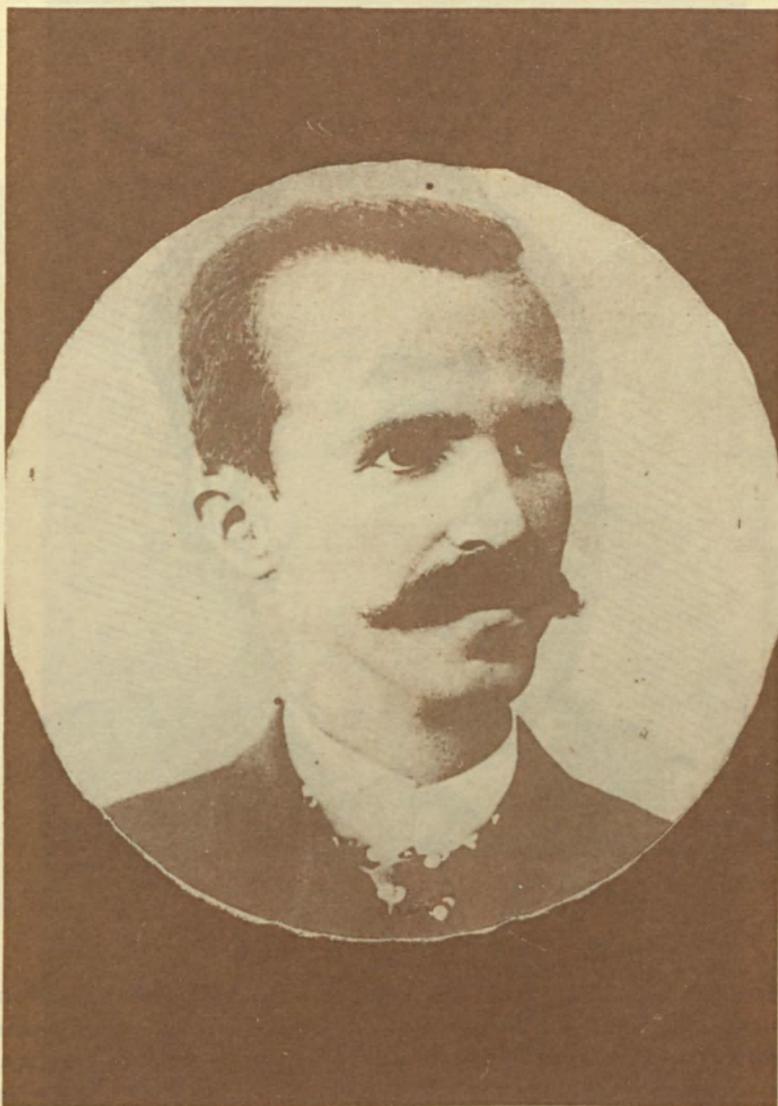
Pregador e respeitado intelectual, Frei Antônio da Virgem Maria de Itaparica nasceu a 15 de outubro de 1813, na ilha de Itaparica, Bahia. Tomou o hábito de franciscano a 2 de outubro de 1830, no convento da província da Bahia. Deu aulas de teologia dogmática no seminário Santa Teresa e foi professor de Castro Alves de filosofia racional e moral no Ginásio Baiano, lecionando também em outros colégios da Bahia. Morreu em 1873, deixando um *Compêndio de filosofia*, além da obra *Doze epístolas*, de 1864.

Franco Meireles



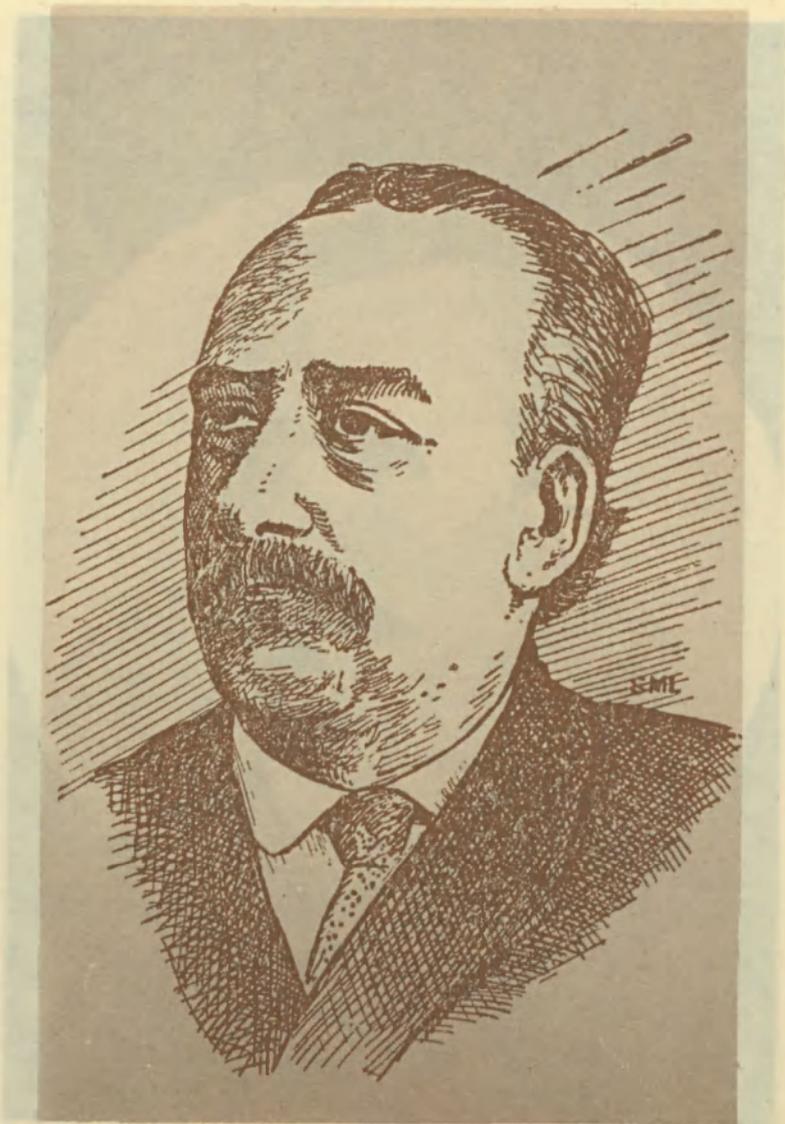
Antônio Franco da Costa Meireles nasceu em Salvador e faleceu no ano de 1889, nesta mesma cidade. Ligava-se ao poeta sobretudo por suas estreitas relações com a família Alves. Médico e professor da cadeira de língua inglesa no Liceu Provincial do Recife, foi autor do então famoso *Elementos da gramática inglesa*, de 1863, para estudos do nível secundário. Conhecedor profundo da língua inglesa, traduziu e publicou na Bahia, em 1869, os poemas “Melodias hebraicas” e “Manfredo, céu e terra e Caim” sob o título *Dramas de Byron*, de Lord Byron, poeta ultra-romântico que influenciou a obra de Castro Alves. Devido a este fato, foi para Franco Meireles que Castro Alves dedicou as traduções, também de Byron, dos poemas “Às trevas” e “A uma taça feita de um crânio humano”, editadas no livro *Espumas flutuantes*. Em 1871, na ocasião da morte de Castro Alves, Franco Meireles publicou um artigo na *Revista da Instrução Pública*, no qual exaltava a figura do *poeta original*.

Rui Barbosa



Famoso jurista brasileiro, Rui Barbosa de Oliveira nasceu na Bahia, em 5 de novembro de 1849. Foi companheiro de Castro Alves no Ginásio Baiano e na Faculdade de Direito do Recife, com quem fundou, no ano de 1866, juntamente com Plínio de Lima e outros amigos, uma sociedade abolicionista. Foi também com o poeta que Rui Barbosa partilhou seu amadurecimento político e literário, quando ambos se transferiram para a Faculdade de Direito de São Paulo, em 1868. Juntos comemoraram a Independência da Bahia, no Teatro São José, onde Castro Alves recitou a sua famosa "Ode ao dois de julho". No ano de 1875, quatro anos após a morte do amigo, Rui Barbosa publicou, anônimo, "Pelos escravos", no *Diário da Bahia*, que continha versos do famoso poeta abolicionista. Em 1881, foi editado seu discurso *Decenário de Castro Alves: elogio ao poeta*, obra em que dá seu depoimento sobre o autor de *Espumas flutuantes*. Faleceu em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em primeiro de março de 1923.

Melo Morais

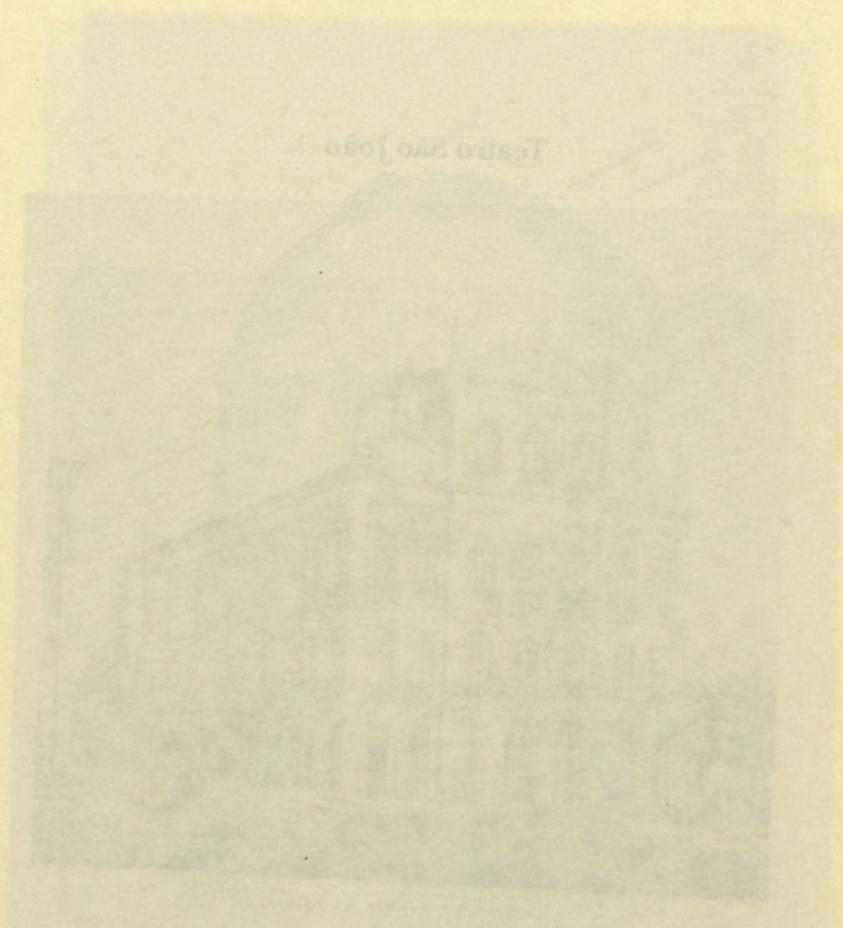


Alexandre José de Melo Morais Filho nasceu em 23 fevereiro de 1844, na Bahia e faleceu no Rio de Janeiro, em 1919. De formação eclesiástica, partiu do Rio de Janeiro em 1867, onde freqüentava o Seminário São José, rumo à Bahia, com a intenção de ordenar-se. Neste mesmo ano, conheceu Castro Alves, Antônio Alves de Carvalho, Elizério Lapa Pinto e outros. Sua relação com o grupo de literatos e estudantes tornou-se tão estreita, que alterou sua decisão de dedicar-se à vida sacerdotal. Foi grande amigo do poeta, que lhe dedicou o poema "Sub tegmine fagi" e com quem compartilhou, em 1869, a redação do jornal literário *O Miosótis*. No ano de 1870, escreveu um artigo sobre os poemas de Castro Alves no jornal *Coalisão*, do Rio de Janeiro. Em 1871, ao saber da morte de Castro Alves, escreveu no jornal *Eco Americano*, de Londres, um artigo com palavras de adeus ao amigo. Autor do poema "Castro Alves" e de vários livros, entre eles, *Curso de literatura brasileira*, de 1876, *Mitos e poemas*, de 1884, e *Prosadores brasileiros contemporâneos*, de 1903.

Teatro São João



Inaugurado em 13 de maio de 1812, em Salvador, defronte a atual Praça Castro Alves, o Teatro São João incendiou-se em 1923, não chegando aos nossos dias. Em seu palco Castro Alves estreou o drama *Gonzaga ou a revolução de Minas*, em 7 de setembro de 1867, com Eugênia Câmara no papel principal, e recitou seu poema “Ao dois de julho”, sendo carregado em triunfo pelas ruas da cidade. Lá, também em 1867, Eugênia Câmara declamou o poema “O livro e a América”, num evento em benefício ao Grêmio Literário da Bahia.



Inaugurado em 18 de maio de 1812, em substituição do antigo Teatro Alves, o Teatro São João incendiou-se em 1923, tendo sido reconstruído. Em seu pórtico, Castro Alves escreveu o drama *Guerra de Abreu* em 7 de setembro de 1867, com Eugénia Câmara no papel principal, e realizou sua primeira "Noite de glória", homenagem ao seu tio, em 1867, com o mesmo elenco. Também em 1867, Eugénia Câmara declamou o poema "O livro e a América", não escrito em benefício do Glorioso Instituto da Bahia.

Em 1867, o teatro recebeu a visita de Castro Alves, que se hospedou no Hotel de São João, onde escreveu o drama *Guerra de Abreu*. O teatro foi destruído em 1923, tendo sido reconstruído em 1924. Em 1924, o teatro recebeu a visita de Castro Alves, que se hospedou no Hotel de São João, onde escreveu o drama *Guerra de Abreu*. O teatro foi destruído em 1923, tendo sido reconstruído em 1924. Em 1924, o teatro recebeu a visita de Castro Alves, que se hospedou no Hotel de São João, onde escreveu o drama *Guerra de Abreu*. O teatro foi destruído em 1923, tendo sido reconstruído em 1924. Em 1924, o teatro recebeu a visita de Castro Alves, que se hospedou no Hotel de São João, onde escreveu o drama *Guerra de Abreu*.

FACULDADE DE FÉRIAS

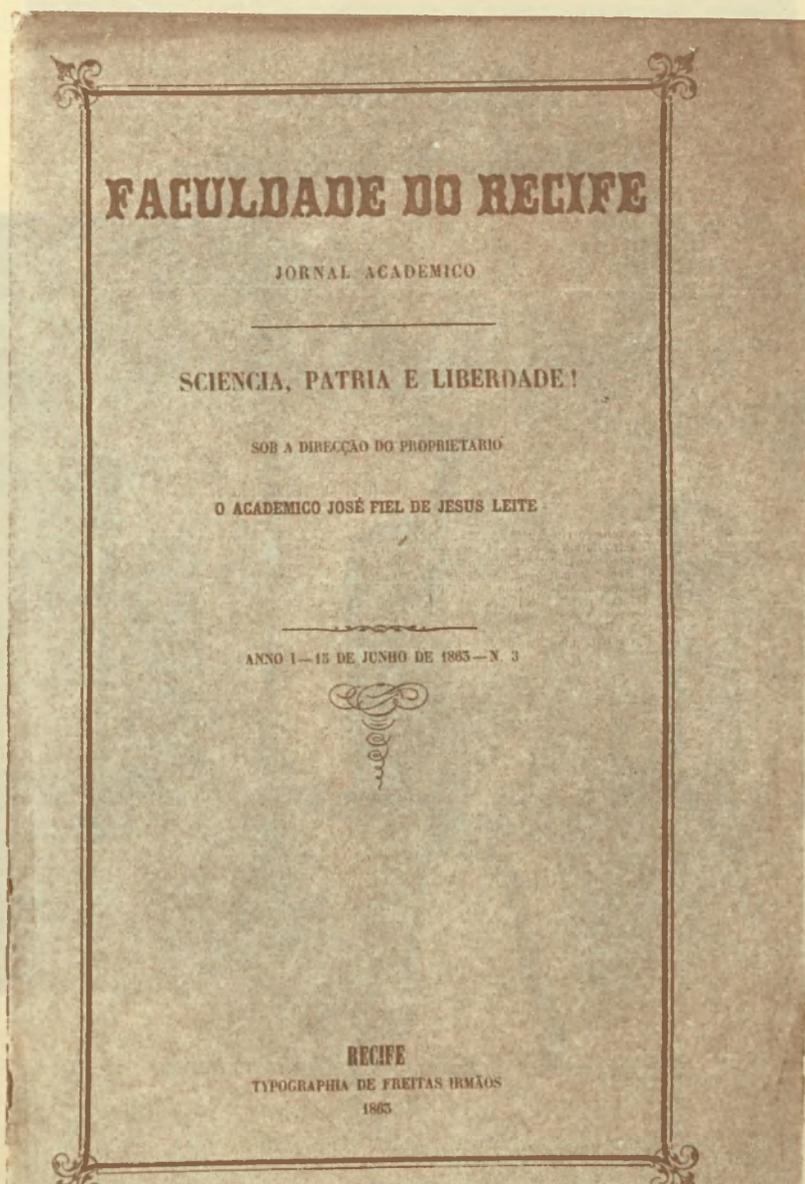
Castro Alves

Recife

o olhar do outro

Capa do livro *Castro Alves: o olhar do outro*,
da Faculdade de Direito do Recife, dirigido por José Edgar Leite,
do qual Castro Alves foi professor.

Recife



Capa do jornal *Ciência, Pátria e Liberdade* da Faculdade de Direito do Recife, dirigido por José Félix Leite, do qual Castro Alves foi subscritor.

Faculdade de Direito do Recife



Vista interior da Faculdade de Direito do Recife.

Primeira instituição de ensino superior no Brasil, a Faculdade de Direito do Recife diplomou, ao longo do século XIX, inúmeras gerações de bacharéis. Até 1827, data de sua fundação, os estudantes brasileiros precisavam viajar à Europa, para aprimorar os estudos. Com um perfil mais humanístico que jurídico, a faculdade do Recife foi criada por decreto do Governo Imperial, tendo-se tornado foco irradiador de grandes movimentos políticos no país. Lá, Castro Alves estudou no período de 1865 a 1867, quando se transferiu para a faculdade de Direito de São Paulo.

Augusto Álvares Guimarães



Augusto Álvares Guimarães nasceu na Bahia e faleceu no Rio de Janeiro. No Recife, cursou com Castro Alves e seu irmão, Antônio José, o preparatório que lhe permitiu o ingresso na Faculdade de Direito, em 1864. Amigo íntimo do poeta, com ele dividiu, juntamente com Rui Barbosa e outros, a fundação de uma sociedade abolicionista, no ano de 1866. Após sua formatura, Antônio Álvares mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trocou intensa correspondência com Castro Alves, mantendo-o informado das notícias literárias da corte. Em 1870, intermediou, junto ao jornal *Diário do Rio de Janeiro*, a publicação do poema “Estrofes de solitário” e do livro *Espumas flutuantes*, editado inicialmente com uma tiragem de 400 exemplares. Escreveu uma biografia do poeta, após a sua morte, publicada na *Gazeta Literária*, no ano de 1871. Casou-se com Adelaide, irmã do poeta, em 1874.



Caricatura de Augusto Álvares Guimarães feita por Castro Alves, desenhada na obra manuscrita *No Teatro*.




 Meu Charo Augusto.

 Paulo Abril de 68 N. 8

 Eis-me em S. Paulo, na terra de Agreste,

 na bella cidade das mercas e das

 encantilhas, na solo que cara Heide-

 berg com a Andaluçia...

 Olás os filhos do Norte (com a tua

 meta, talis q. palavra relativa) sonham

 S. Paulo o oasis da liberdade e

 da poesia plantada em plenas

 campinas de Ypiranga... Poesia

 não sonho é realidade e não é reali-

 dade... Te a poesia está no envergar

 do ponche escuro e largar se campo

 foia a divagar perdido nestas

 grades limpas e infinitas como um

 oceano de juncos, se a poesia está

 em fumar o cigarro com o

 cigarro clasico emquanto há fofas

 o vento infama o espaço com

 a garôa de uma nevoa se espaço

 nenhum q. se arrotasse pel-as nuas)

Carta manuscrita de Castro Alves para Augusto Álvares Guimarães, datada de abril de 1868.

Carta manuscrita de Castro Alves para Luis Cordeiro
 datada de 25 de maio de 1868

Meo charo Luiz Cornélio.
S. Paulo 25 de Maio de 1868.
Mta Saude. Mta Felicidade e a Sa-
de da familia...
Escrevo-te a propósito...
D. Eugênio te escreveu larga
muita. Tuas etc por ella
fizeres etc. do que se foye
a mim.
Dizem as tal editos que
eu no prologo, e ja esta prom-
pelo tentos de citar pedacos
do Drama, e nas tuas obri-
gacao de saber de cos. Dem.
esta vendida a Drama. P. um
miseria foi exigindo copia
que nao pode negar. E
dem... Publique o Dra-
ma e quizes sem prologo
mas nao me quiza fazer
perder um conto e causa de 200.

Carta manuscrita de Castro Alves para Luís Cornélio,
datada de 25 de maio de 1868.

“Parecia uma palmeira do Oriente pela sua flexibilidade. Uma leve inclinação da espinha fazia supor uma predisposição para as moléstias do peito. A cabeça de Alves Júnior parecia pesar-lhe tanto, que caía sobre o peito fraco e deprimido; mas a beleza dos olhos, a dourada palidez das faces, o negrume intenso dos cabelos, e sobretudo o sorriso angélico daquela fisionomia corrigia a talvez excessiva magreza daquele corpo. (...) tinha os cabelos muitos pretos escorredios (...). A boca era um pouco grande, mas ornada de belos dentes. (...) não era com certeza um belo modelo de estatuária, mas é a impossível encontrar-se um conjunto maior de graça e simpatia (...) e era impossível furtar-se à sua influência.

Havia apenas um defeito naquela criatura: era o orgulho. (...) não sei de que tinha orgulho, mas sei que ele já o tinha.

Uma predileção pronunciada pelas gravatas de cores muito vivas tornava-se notável desde já nesse menino, e um cuidado imenso pela beleza das mãos dava a compreender um misto esquisito de aristocracia e republicano.

A alma desse menino era de uma pureza inexcedível, a inteligência tinha lampejos que ofuscavam como o relâmpago.(...) A sua prodigiosa imaginação tinha vôos arrojados, que já era impossível acompanhá-lo sem sentir-se vertigem. A rima era de uma facilidade e beleza incrível ”

(Íntimas confidências: memórias de Luís Cornélio dos Santos, manuscrito inédito, [s.d.]

Grande amigo de Castro Alves, Luís Cornélio dos Santos retratou, em suas *Íntimas confidências*, o poeta ainda adolescente, a quem chamava de Alves Júnior, para diferenciá-lo do irmão, José Antônio. Luís Cornélio conheceu os irmãos Alves, quando finalizavam os exames preparatórios para o ingresso na Faculdade de Direito do Recife e com eles morou numa casa às margens do rio Capibaribe. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, manteve constante correspondência com Castro Alves, acolhendo-o em sua sua residência, no ano de 1869, depois do acidente que causou a amputação do pé do poeta. Castro Alves dedicou-lhe o poema “A Luís”, em 1868.

E tu fallaras de um amor celeste...
De um anjo... q' dep's se fez esposa...
Moça, que troca os risos de criança -
Pel-o meigo scismar de mãe formosa.

O meu amigo! Neste doce instante
O vanto do passado em mim suspira...
E meu seio estremece de alegria
Como ao hujo da noite gem a lyra.

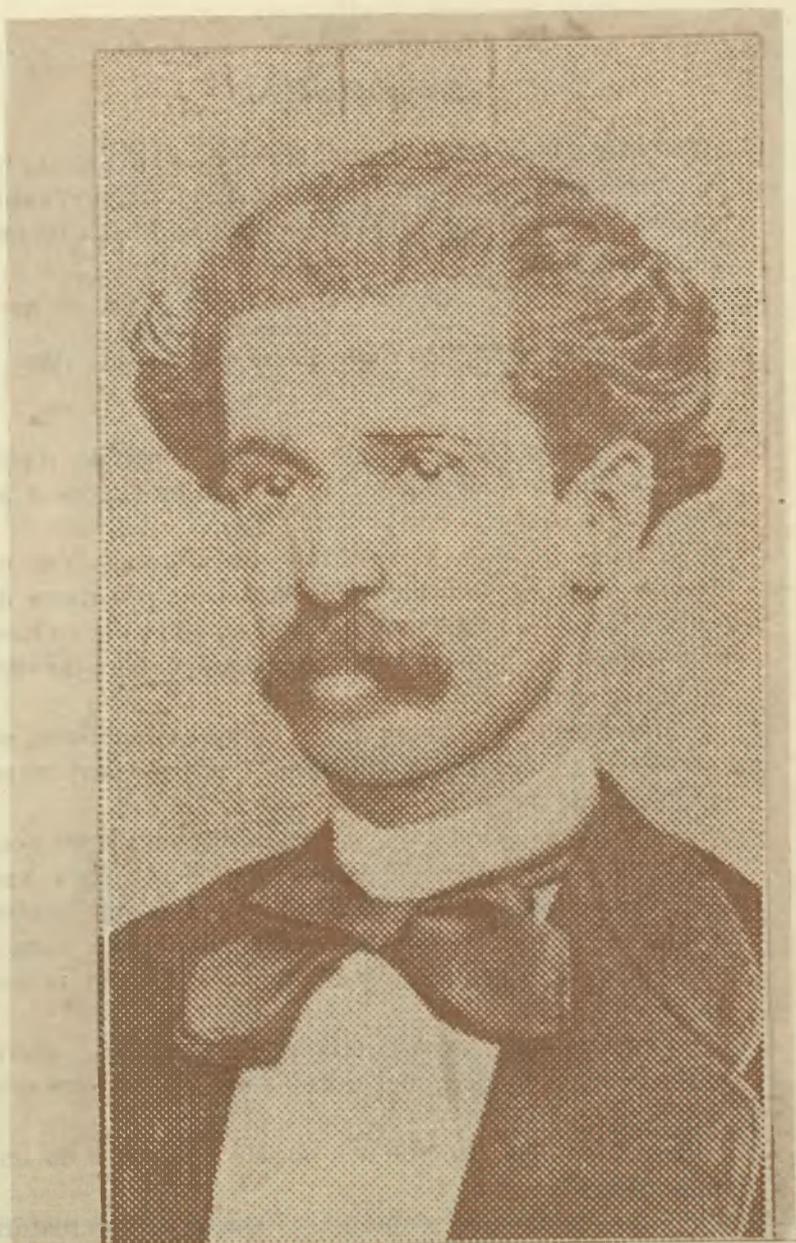
Tu paraste no lar... o peregrino!
Tu sou seguindo do deserto a trilha...
-Pois bem! Recibe a prece do viajante
Como benção do lar e da familia..

Corte 3 de Março de 68.

Castro Alves

Fragmento do poema "A Luiz", de Castro Alves,
publicado no livro *Espumas flutuantes*, em 1870.

Antônio Alves de Carvalho



Amigo de Castro Alves no Ginásio Baiano e na Faculdade de Direito do Recife, Antônio Alves de Carvalho nasceu em 14 junho de 1846, em Santo Amaro (BA), e faleceu em 16 junho de 1880, em Salvador. É no ano de 1864 que Carvalho, juntamente com Castro Alves e outros, funda o jornal literário e político *O Futuro*, que não chega a ultrapassar os três primeiros números. Carvalho foi o fiel copista das produções originais de Castro Alves e, graças a seu trabalho, muitos de seus poemas foram publicados. Autor do livro *Lésbia: páginas do coração*, de 1867 e *Alocução*, texto publicado no *Diário da Bahia*, em 1894, em homenagem a Castro Alves.

ALLOCUÇÃO

PROFERIDA PELO DR. ANTONIO ALVES DE CARVALHAL, NA
MISSA POR ESTE MANDADA CELEBRAR, EM SUFFRAGIO
DO DISTINCTO POETA CASTRO ALVES, NO 7.º DIA DE SEU
PASSAMENTO.

Oh! porque não? porque não hei de agora
Chorar-lhe a morte,
Bem como outr'ora lhe cantava a vida?

JUNQUEIRA FREIRE.

Deus! meu Deus! porque deste luz á estrella, o perfume á flor, a majestade ao cedro, e a intelligencia ao homem?

Porque, Senhor, se a estrella tinha de sumir-se no occaso, se a flor tinha de emmurchecer aos calores do sol, o cedro de baquear fulminado ao golpe de teu raio, e o espirito do homem — de apagar-se ao sopro inevitavel da morte?!

Ah! fizeste bem, Senhor!... Como são sublimes os mysterios de tua infinita sabedoria! Como são grandes os prodigios de tua omnipotencia!

— E' que a estrella, que se apaga, vae engastar-se em teu diadema! O perfume da flor, que se evapora, vae depositar-se em teu seio divino! O cedro, que tomba, echôa no estrondo soberbo, a grandeza de teu nome! O espirito, que vôa, vae renascer mais radiante em teu throno de luz!

Louvado sejas tu, ó Paç de misericordia, que assim infundiste em nossa alma uma porção de tua essencia divina!...

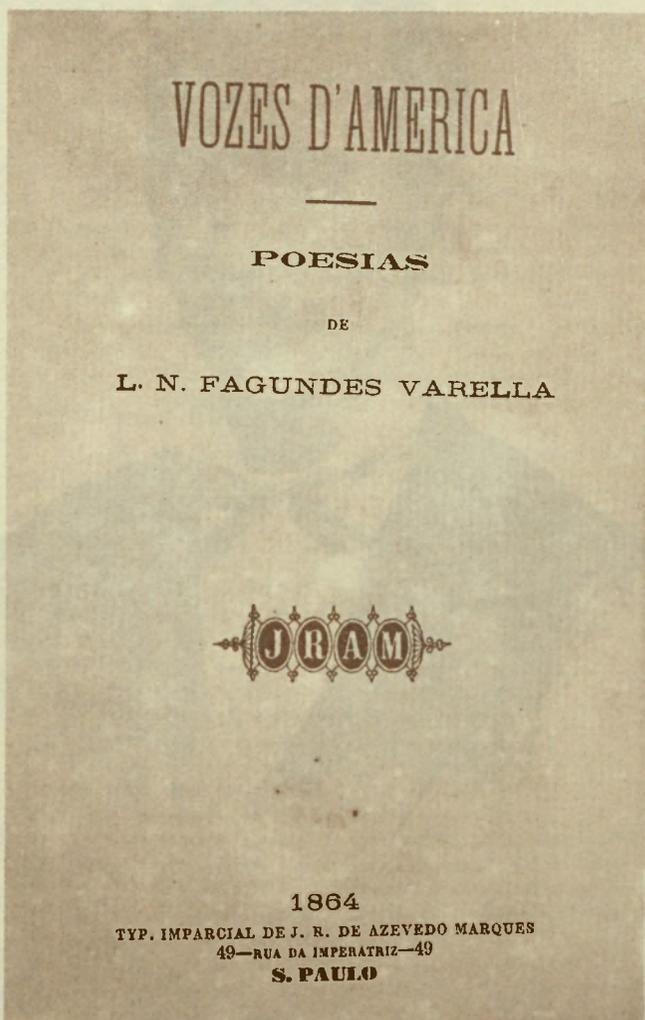
Louvado sejas tu, que nos abriste o thesouro da immortalidade!

A immortalidade, senhores!... Que seria da creatura humilde, nos transes amargurados da vida, se esta idéa não lhe viesse, como um balsamo consolador do céo, suavisar as feridas do coração angustiado?

Que seria do irmão, da irmã, do amigo, da patria inteira consternada diante desse tumulo, que ainda ha

Fragmento da "Alocução" de Antônio Alves de Carvalho,
escrito na ocasião do sétimo dia de falecimento do poeta.

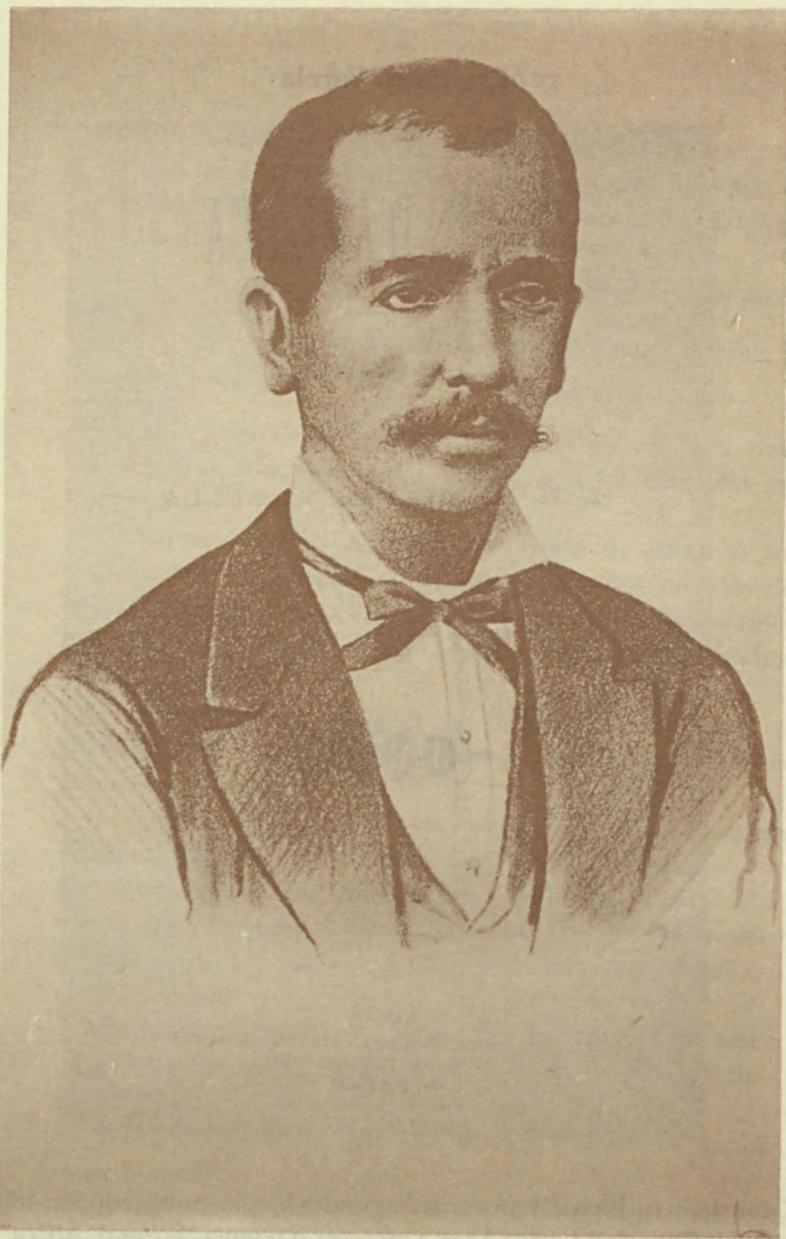
Fagundes Varela



Capa do livro *Vozes d'América*, de Fagundes Varela, publicado em 1864, que influenciou Castro Alves a escrever o poema "Vozes d' África".

Luís Nicolau Fagundes Varela nasceu em Rio Claro, Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1841. Em 1862, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, transferindo-se, no ano de 1865, para a Faculdade de Direito de Recife, onde estreitou amizade com Castro Alves. Ambos se conheceram no vapor Oiapock, quando seguiam rumo a Pernambuco, para dar prosseguimento aos estudos. Desde então, tornaram-se amigos nas letras, na vida boêmia e no círculo acadêmico. Juntos recitaram poemas no Teatro Santa Isabel, durante as homenagens prestadas aos Voluntários da Pátria da Guerra do Paraguai, iniciada neste mesmo ano de 1865. No final deste mesmo ano, Varela regressou a São Paulo, não mais retornando à cidade do Recife. Em 1869, após a morte da esposa, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro e, mais tarde, para Niterói, onde veio a falecer, em 18 de fevereiro de 1875. Poeta admirado por Castro Alves, Fagundes Varela deixou inúmeras obras publicadas, entre elas, *O estandarte auriverde*, de 1863, *Cantos e fantasias*, de 1865, *Cantos meridionais* e *Cantos do ermo e da cidade*, ambos de 1864. Foi seu livro *Vozes d'América*, de 1864, que inspirou Castro Alves a escrever o famoso poema "Vozes d'África", no ano de 1868.

Tobias Barreto



Autor de *Estudos Alemães*, conhecido intelectual do século XIX que influenciou várias gerações de estudantes brasileiros, Tobias Barreto de Meneses nasceu em 7 junho de 1839, em Campos do Rio Real, antiga província do Sergipe, e faleceu em 26 junho de 1889, no Recife. Foi contemporâneo de Castro Alves na Faculdade de Direito do Recife, onde estabeleceram uma estreita amizade demonstrada no poema a ele dedicado "O Rio e o gênio", que se perdeu. Com o tempo, algumas divergências literárias e políticas acentuaram-se entre ambos, dando origem a verdadeiros torneios verbais realizados no Teatro Santa Isabel, onde a musa de Castro Alves, Eugênia Câmara, e a musa de Tobias Barreto, Adelaide de Amaral, se apresentavam. A rivalidade deu lugar a ataques de cunho pessoal através da imprensa, e culminou com a troca de contundentes acusações publicadas no Recife, nos periódicos *A Luz* e *Revista Literária*, em 1866, quando se deu definitivamente a ruptura da relação entre o poeta baiano e o intelectual sergipano.

Castro Alves a Regueira Costa

«S. Salvador, 27 de Junho de 67.

«*Meu charo amigo Regueira.*—Como tens passado? E Pernambuco?

Bem... sempre bem.

Eu vou sempre no mesmo...

Trevas e luz. Tormentas e bonanças. Amargos e ambrosias... E' assim que eu vivo... A dôr e o prazer são as unicas affirmações da existencia... Convenço-me então de que existo.

Logo que cheguei fui eleito socio honorario do Conservatorio Dramatico... — luz.

No dia seguinte tive um critico contra — trevas... Fiz a leitura — bonança.

Nunca o Conservatorio teve tanta gente. Fui felicissimo. A commissão incumbida do juizo fez-me um elogio critico ultra-lisonjeiro...

Vae entrar em discussão; o meu adversario metteu a viola no sacco, receio de que elle se cale... Tenho certeza de que davalhe uma boa pòda.

Fez-me soberbo elogio *O Debate* sobre o drama. E' do Cyrillo Eloy.

O meu *Gonzaga* deve ir breve.

Agora é que formou-se a companhia. Creio que terei um grande triumpho. Conto com a mais illustrada rapaziada da Bahia que hoje são todos meus amigos.

Já tenho a Academia.

A d. Eugenia estreou; foi uma brilhatura como ha poucas. Fez o *Gaiato* como o Baufé.

Deixou estampado o seu nome em todos os espectadores.

Eis o que ha — por alto. Vive-se aqui de poesia, musica, theatro, discussões litterarias, etc., etc.

D. Eugenia está num certamen litterario-poetico com o Moniz Barretto... onde se têm espadeirado em sonetos reciprocos.

No dia 2 vou recitar no Theatro. Enviar-te-ei os versos.

Em Pernambuco recebeste sem duvida a critica do Deiró.

Será possivel reimprimil-a ahí?

E os outros juizos que aqui tenho?... (Entre nós) E's um grande patife. Que é do Juizo Critico? Inda não cristalizaste? ou diamantificaste? E nem ainda me escreveste. E' verdade que eu tambem... mas... *arcades ambo*. Manda-me novas dos meus amigos, dos camaradas, e de todos que se lembram ainda de mim.

E' verdade... não tenho um verso meu. Creio que levaram o diabo... Vê se tens alguns... Manda-m'os.

22

Carta de Castro Alves para Regueira da Costa, datada de 27 julho de 1827.

João Batista Regueira da Costa nasceu em Pernambuco, a 24 de junho de 1845. Exerceu o jornalismo, tendo-se diplomado na Faculdade de Direito de Recife, no ano de 1869. Em 1866, fundou juntamente com Castro Alves, Rui Barbosa e outros amigos, uma sociedade abolicionista. Intimo de Castro Alves, que lhe dedicou o poema "Perseverando", em 1867, Regueira da Costa freqüentou sua casa na Rua do Lima, e manteve correspondência com o amigo, quando este partiu do Recife. Colaborou nos jornais *A Cultura Acadêmica*, *Diário de Pernambuco* e no *Jornal do Recife*. Foi redator da *Tribuna Literária*, no período de 1902 a 1904. Traduziu vários livros e organizou a antologia *Nova seleta clássica*, de 1880. Autor do livro *A lírica de Maciel Monteiro* (1905), dedicou um soneto a Castro Alves, após a sua morte. Faleceu em 2 de julho de 1915, no Recife.

Luís Guimarães Júnior



Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior nasceu no Rio de Janeiro, a 17 fevereiro de 1845. Começou o curso de direito em São Paulo e foi terminá-lo no Recife, em cuja faculdade se formou, em 1869. Companheiro de estudos de Castro Alves, Guimarães Júnior assistiu inúmeras vezes às homenagens do poeta à sua musa Eugênia Câmara, no Teatro Santa Isabel. Atuou como secretário da Legação do Brasil em Londres, em 1873, e em Roma, em 1875. Na ocasião da morte do amigo, publicou, no *Diário do Rio de Janeiro*, um artigo em homenagem ao poeta, e em seu livro *Lírica: sonetos e rimas*, de 1880, o poema "Castro Alves". Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em Lisboa, no dia 17 de maio de 1898.

Maciel Pinheiro



Desenho de Maciel Pinheiro feito por Castro Alves.

Luís Ferreira Maciel Pinheiro nasceu em 1839, na Paraíba. Estudante da Faculdade de Direito do Recife, recebeu ampla solidariedade de Castro Alves e de toda a mocidade liberal e republicana quando, no ano de 1865, suas rivalidades políticas e acadêmicas com o professor Trigo de Loureiro, docente de direito civil, terminou por condená-lo a quatro meses de reclusão na própria faculdade, licenciando-o somente para assistir às aulas, o que lhe acarretou um atraso na conclusão do curso. Em 1870, alistou-se como voluntário na Guerra do Paraguai, o que motivou Castro Alves a dedicar-lhe o poema “A Maciel Pinheiro”, publicado em *Espumas flutuantes*. Exerceu também a função de jornalista e orador, levando à imprensa e à tribuna suas idéias abolicionistas e republicanas. Faleceu em 1889, no Rio de Janeiro.

Teatro Santa Isabel



12 THEATRO SANTA ISABEL.

Foi no Teatro Santa Isabel, localizado na cidade do Recife, que Castro Alves declamou seus versos de exaltação à musa Eugênia Câmara, grande atriz portuguesa da época. Suas sessões serviram de ponto de encontro para toda a sociedade pernambucana, que assistia a grandes temporadas teatrais atraída pelo talento de Eugênia Câmara e Adelaide de Amaral. Ambas tornaram-se fonte de inspiração e de divergências literárias e políticas entre o poeta e Tobias Barreto, que lotavam o teatro com embates literários realizados através de versos improvisados em homenagem às atrizes, em noites de espetáculo.

Faculdade de Direito de São Paulo

São Paulo

o olhar do outro

Criada por decreto em 11 de setembro de 1927, a Faculdade de Direito de São Paulo, ao lado da Faculdade de Direito do Recife, foi a primeira a ser criada no Brasil. Situada no Largo do São Francisco, iniciou suas atividades em 1928, marcando a autonomia da cidade de São Paulo, que desde então passou a ser conhecida por "cidade acadêmica" ou "bairro de estudantes". Retornando à obra, cabe destacar que, entre seus alunos, passaram intelectuais e escritores como Rui Barbosa, Augusto Nelson, Fernando Vilela e Castro Alves, que se matriculou no ano de 1868.

Teatro Santa Isabel

São Paulo



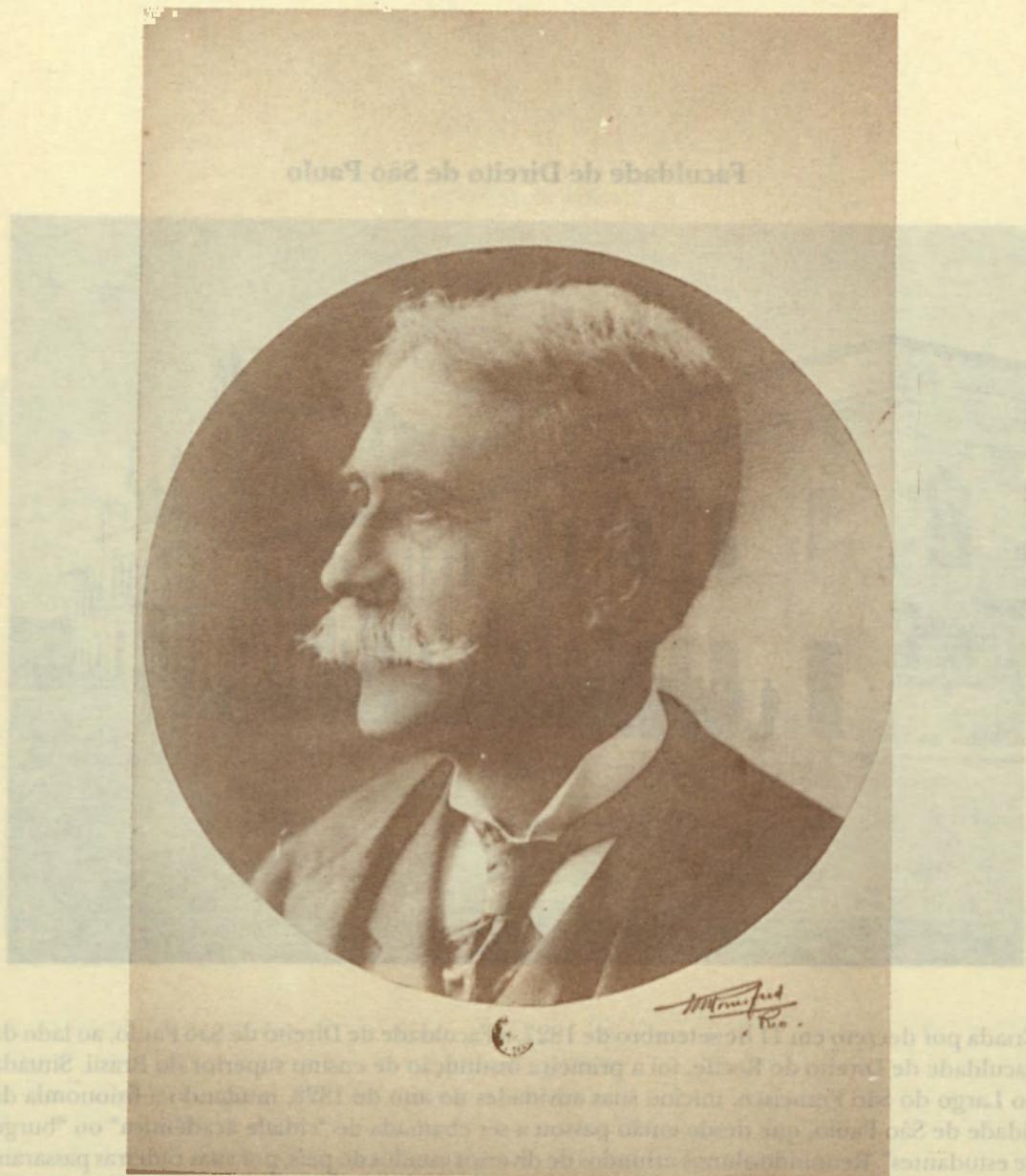
Foi no Teatro Santa Isabel, localizado na cidade do Recife, que Castro Alves declamou seus versos de exaltação à rainha Eugênia Câmara, grande atriz portuguesa da época. Suas sessões serviram de ponto de encontro para toda a sociedade pernambucana, que assistiu a grandes temporadas teatrais atraídas pelo talento de Eugênia Câmara e Adelaide de Amaral. Ambas tornaram-se fonte de inspiração e de divergências literárias e políticas entre o poeta e Tobias Barreto, que lutaram o teatro com estímulos literários realizados através de versos improvisados em homenagem às atrizes, em noites de espetáculo.

Faculdade de Direito de São Paulo



Criada por decreto em 11 de setembro de 1827, a Faculdade de Direito de São Paulo, ao lado da Faculdade de Direito do Recife, foi a primeira instituição de ensino superior do Brasil. Situada no Largo do São Francisco, iniciou suas atividades no ano de 1828, mudando a fisionomia da cidade de São Paulo, que desde então passou a ser chamada de “cidade acadêmica” ou “burgo de estudantes”. Reunindo alunos oriundos de diversos estados do país, por suas cadeiras passaram intelectuais e escritores com Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Fagundes Varela e Castro Alves, que lá se matriculou no ano de 1868.

Joaquim Nabuco



Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu no dia 19 de agosto de 1849, no Recife, e morreu em 17 de janeiro de 1910, em Washington, onde desempenhava o cargo de embaixador do Brasil. Contemporâneo de Castro Alves e de Rui Barbosa na Faculdade de Direito de São Paulo, pertencia à elite intelectual da época. Presidiu a sociedade acadêmica O Ateneu Paulistano que permitiu a Castro Alves declamar os versos dedicados a Pedro Ivo. Além de notável jornalista, foi um dos ferrenhos defensores da abolição dos escravos e também do federalismo na Câmara Federal. Escreveu alguns artigos sobre Castro Alves no jornal *A Reforma* e tem como principais livros publicados: *Minha formação*, *Estudos sobre Camões*, *Ensaios e discursos literários* e *Um estadista no Império*.

CASTRO ALVES ✓

ARTIGOS PUBLICADOS

NA

« REFORMA »

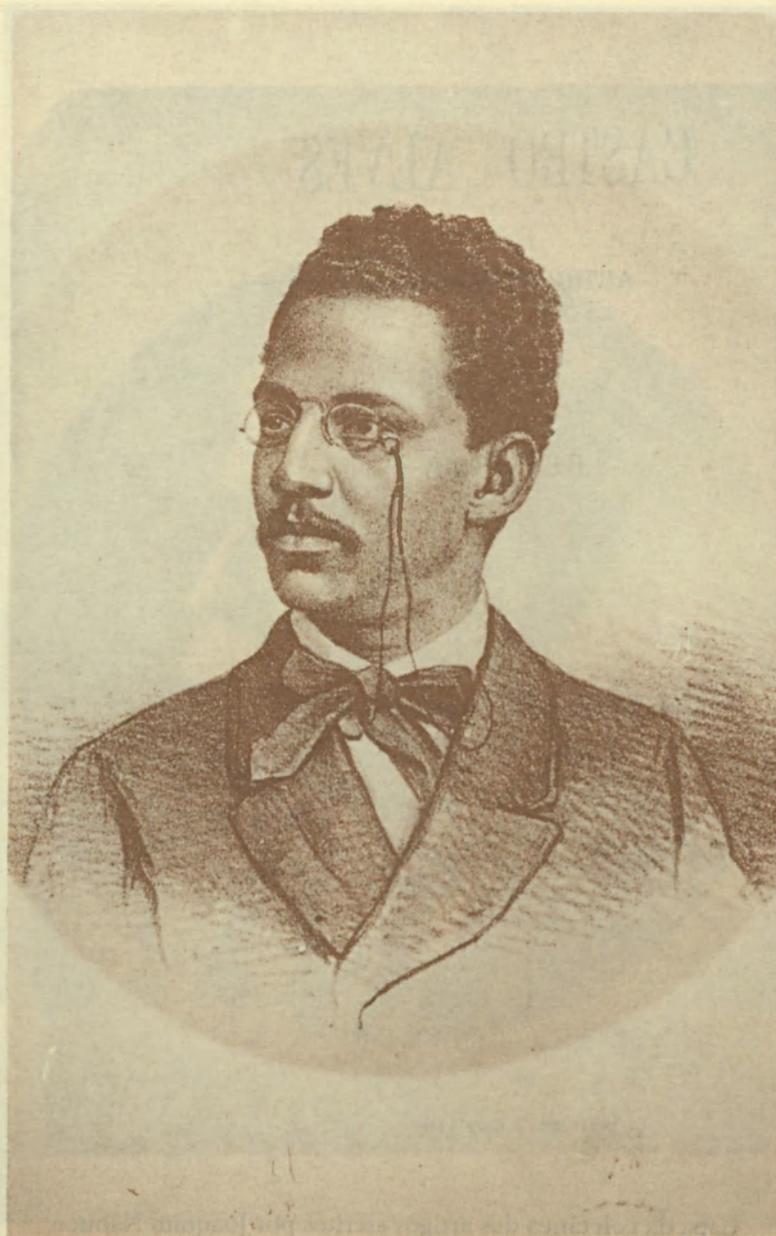
POR

JOAQUIM NABUCO ✓

RIO DE JANEIRO

Capa da coletânea dos artigos escritos por Joaquim Nabuco publicados no jornal *Reforma*, do Rio de Janeiro, em 1871.

Ferreira de Meneses



publicados no jornal *Aspêres* do Rio de Janeiro, em 1871.

Jornalista brilhante, abolicionista convicto, José Ferreira de Meneses nasceu em 1845, no Rio de Janeiro, e faleceu em 6 junho de 1881, nessa mesma cidade. Líder dos estudantes e companheiro de Castro Alves, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, entre outros, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em cuja sede da Mocidade Acadêmica discursou, a 12 de agosto de 1871, em homenagem ao amigo e poeta baiano.

Além de notável jornalista, foi um dos fervorosos defensores da abolição dos escravos e também do federalismo na Câmara Federal. Escreveu alguns artigos sobre Castro Alves no jornal *A Reforma* e tem como principais livros publicados: *Minha formação*, *Estudo sobre Casaca*, *Ensaio e discursos literários* e *Um estudante no Império*.

DUAS PALAVRAS

Castro Alves tinha vertigens no cerebro, e um dia, talvez do alto da montanha, como um propheta, como um tribuno, atiraria a sua palavra para que os vulcões se abrissem ou o povo atravessasse o mar vermelho.

FERREIRA DE MENEZES. (—Introdução ao poema—Anchieta—de Fa-gundes Varella.)

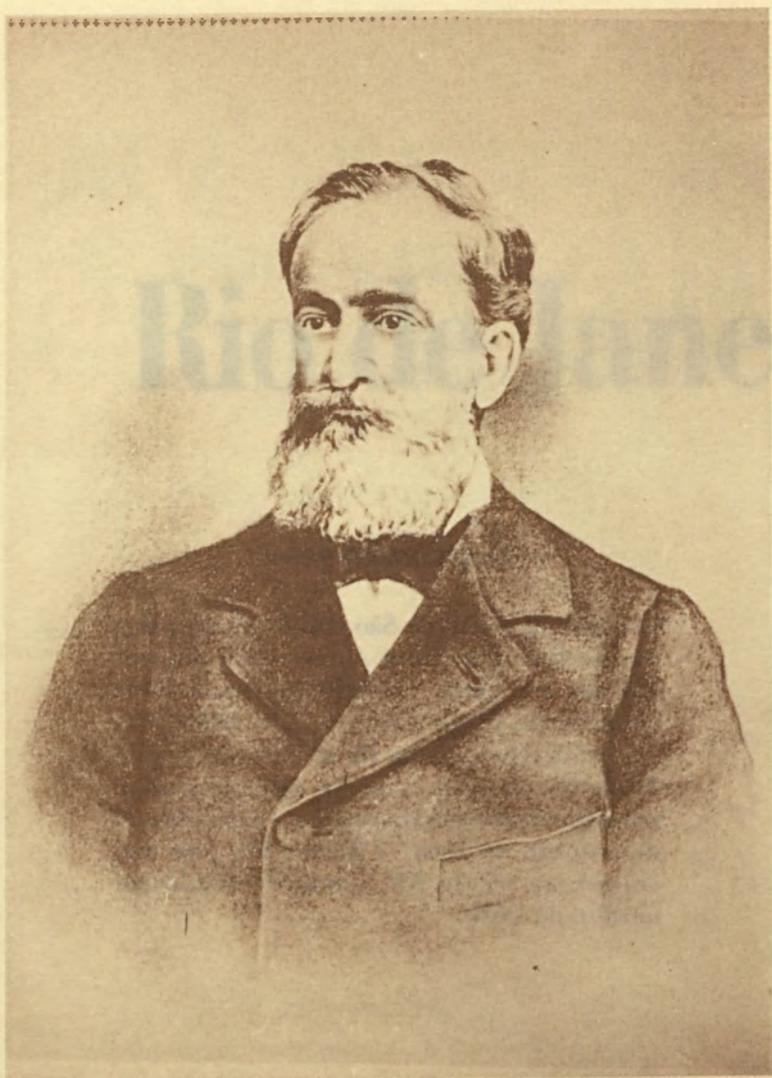
Fragmento do artigo *Duas palavras*
dedicado a Castro Alves por Ferreira de Menezes,
editado no jornal da Academia de São Paulo, em 10 de julho de 1881.

Rodrigues Alves

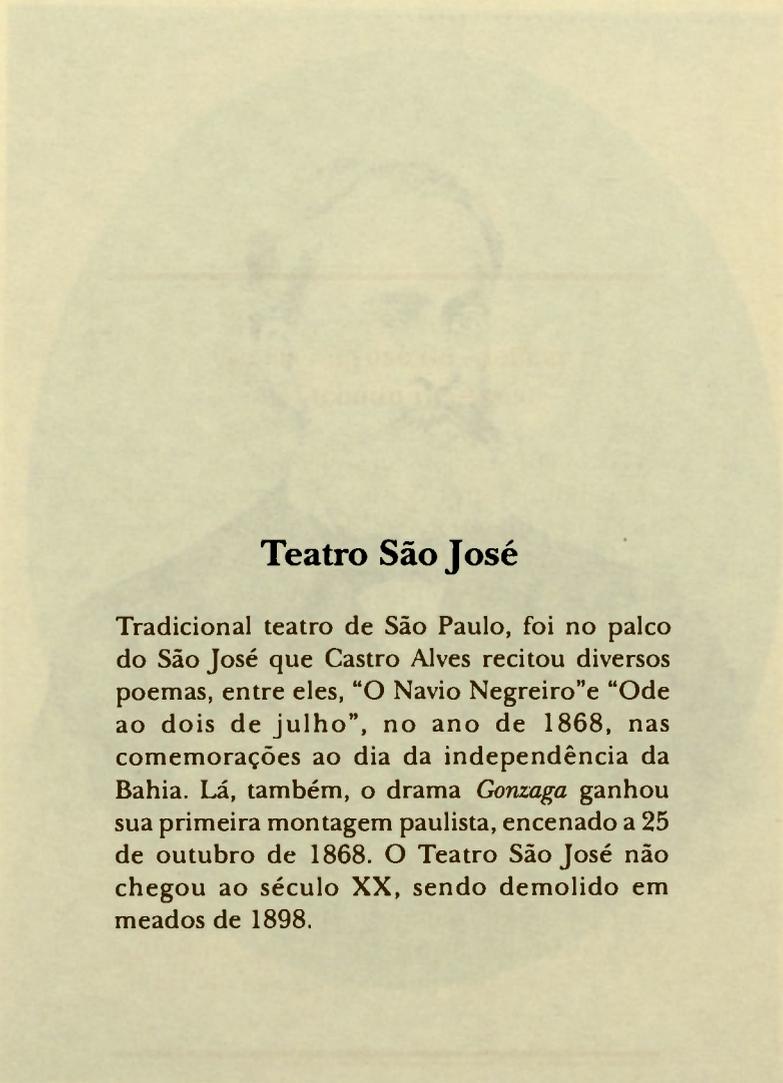


Francisco de Paula Rodrigues Alves, renomado político brasileiro, nasceu a 7 de julho de 1848, em Guaratinguetá (SP). No ano de 1866, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde estudou ao lado de Castro Alves, no ano de 1868. Lá, conta-se, teria auxiliado o poeta durante um exame oral. Após o término da vida acadêmica, Rodrigues Alves ingressou na política brasileira, exercendo a Presidência da República no período de 1902 a 1906. Sua campanha inseriu o Brasil na modernidade do século XX, que teve na cidade do Rio de Janeiro a representação do projeto de um Brasil “civilizado e ordenado”. Tal projeto realizou-se, sobretudo, a partir do apoio à reforma empreendida pelo prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, que buscou remodelar através do saneamento, das companhias de vacinação em massa e da urbanização das ruas, o antigo mundo colonial. Ainda em seu governo, foi resolvida a questão dos limites entre Bolívia e Acre, documentado no Tratado de Petrópolis, de 1903. Rodrigues Alves foi reeleito em 1918, mas não assumiu o cargo por problemas de saúde, vindo a falecer a 16 de janeiro de 1919, no Rio de Janeiro.

José Bonifácio (O Moço)



Filho de José Bonifácio Andrada e Silva, o patriarca da Independência, José Bonifácio, o Moço, nasceu em Bordeaux, França, em 8 novembro de 1827, e faleceu em São Paulo, em 26 de outubro de 1886. Formou-se em direito na Faculdade de São Paulo, em 1853, e recebeu a cátedra de direito criminal nesta mesma instituição, em 1861, tornando-se professor de muitos intelectuais, entre eles, Castro Alves, Ferreira de Meneses, Luís Cornélio dos Santos, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. Em 13 de agosto de 1868, foi homenageado num banquete da Mocidade Acadêmica de São Paulo, no qual Castro Alves discorreu em nome da juventude republicana e Rui Barbosa fez um discurso que o levou a distinguir-se no cenário político brasileiro. Escreveu o soneto "À margem da corrente" em memória de Castro Alves, após a sua morte, em 1871.



Teatro São José

Tradicional teatro de São Paulo, foi no palco do São José que Castro Alves recitou diversos poemas, entre eles, "O Navio Negreiro" e "Ode ao dois de julho", no ano de 1868, nas comemorações ao dia da independência da Bahia. Lá, também, o drama *Gonzaga* ganhou sua primeira montagem paulista, encenado a 25 de outubro de 1868. O Teatro São José não chegou ao século XX, sendo demolido em meados de 1898.

Filho de José Bonifácio Andrada e Silva, o patriarca da Independência, José Bonifácio, o Moço, nasceu em Bordacuz, França, em 8 novembro de 1827, e faleceu em São Paulo, em 26 de outubro de 1888. Formou-se em direito na Faculdade de São Paulo em 1852, e também a cidade de São Paulo em 1854. Foi nomeado professor de economia política em 1861, tornando-se professor de economia política em 1862. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1863, e ministro da Justiça em 1864. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1865, e ministro da Justiça em 1866. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1867, e ministro da Justiça em 1868. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1869, e ministro da Justiça em 1870. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1871, e ministro da Justiça em 1872. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1873, e ministro da Justiça em 1874. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1875, e ministro da Justiça em 1876. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1877, e ministro da Justiça em 1878. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1879, e ministro da Justiça em 1880. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1881, e ministro da Justiça em 1882. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1883, e ministro da Justiça em 1884. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1885, e ministro da Justiça em 1886. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1887, e ministro da Justiça em 1888. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1889, e ministro da Justiça em 1890. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1891, e ministro da Justiça em 1892. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1893, e ministro da Justiça em 1894. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1895, e ministro da Justiça em 1896. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1897, e ministro da Justiça em 1898. Foi nomeado ministro da Fazenda em 1899, e ministro da Justiça em 1900.

Rio de Janeiro

Bento Soares, Castro Alves, José de Alencar,
Ferreira de Castro, J. J. Torres, Castro
Alves, J. A. de Medeiros, J. G. de
Lima, J. de Barros Gomes, J. de
Almeida, J. de Barros, J. de Barros

RIO DE JANEIRO
TYP. DA OPINIÃO DA PÉROLA
15 MARÇO 1860

Capa do jornal literário O Município de São Paulo, em 1860

Rio de Janeiro

Teatro São José

Teatro São José, um dos mais importantes espaços teatrais do Rio de Janeiro, foi fundado em 1938 por Castro Alves. O teatro, que atua no bairro de São José, é conhecido por suas produções de alta qualidade e por ser um dos mais antigos e tradicionais do Brasil. O teatro foi fundado por Castro Alves, um dos mais importantes escritores e dramaturgos brasileiros. O teatro, que atua no bairro de São José, é conhecido por suas produções de alta qualidade e por ser um dos mais antigos e tradicionais do Brasil. O teatro foi fundado por Castro Alves, um dos mais importantes escritores e dramaturgos brasileiros.

MYOSOTE

3.405
52

JORNAL LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL POR

GRATULINO COELHO



BRUNO SEABRA—, CASTRO ALVES, DR. DIDIMO JUNIOR—,
 EUSTAQUIO PINTO, DR. F. F. TORRES, GRATULINO
 COELHO, J. F. DE MENEZES, J. CALASANS,
 LIMA JUNIOR, MELLO E CUNHA, MEFISTOFELES,
 MELLO MORAES FILHO, MARIA AMALIA E PIMENTA BUENO.



RIO DE JANEIRO

TYP. DA OPINIÃO LIBERAL

16 Rua d'Ajuda 16

1869

Capa do jornal literário *O Miosótis* do qual Castro Alves foi redator, em 1869.

Cartas de José de Alencar e Machado de Assis

Cartas de José de Alencar (1839-1877) e Machado de Assis (1839-1908) publicadas, respectivamente, em 22 de fevereiro e primeiro de março de 1868, no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro. Ambos teceram elogios ao jovem poeta, apontando sua originalidade e seu futuro promissor na carreira literária. Os comentários dos já então respeitados escritores da época abriram as portas do meio intelectual carioca para Castro Alves, proporcionando-lhe a oportunidade de recitar, em 1868, o seu texto dramático *Gonzaga*, no salão do periódico *Diário do Rio de Janeiro*, para uma platéia de homens letrados, e o poema "Pesadelo do Humaitá", na sacada do prédio deste mesmo jornal, para uma multidão, o que o tornou publicamente conhecido na capital do Império.

CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR

Tijuca, 18 de fevereiro de 1868.

Ilmo. Sr. Machado de Assis.

Recebi hontem a visita de um poeta.

O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o ha de conhecer o Brasil. Bem entendido, fallo do Brasil que sente; do coração e não do resto.

O sr. Castro Alves é hospede desta grande cidade, alguns dias apenas. Vae a S. Paulo concluir o curso que encetou em Olinda.

Nasceu na Bahia, a patria de tão bellos talentos; a Athenas brasileira que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros.

Podia acrescentar que é filho de um medico illustre. Mas para que? A genealogia dos poetas começa com o seu primeiro poema. E que pergaminhos valem estes sellados por Deus?

O sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do dr. Fernandes da Cunha, um dos pontifices da tribuna brasileira. Digo pontifice, porque nos caracteres dessa tempera o talento é uma religião, a palavra um sacerdocio.

Que jubilo para mim! Receber Cicero que vinha apresentar Horacio, a eloquencia conduzindo pela mão a poesia, uma gloria esplendida mostrando no horizonte da patria a irradiação de uma limpida aurora!

Mas tambem quanto, nesse instante, deplorei minha pobreza, que não permittia dar a tão caros hospedes regio agazalho. Carecia de seu Hugo ou Lamartine, os poetas-oradores, para preparar esse banquete da intelligencia.

Se ao menos tivesse nesse momento junto de mim a pleiade rica de jovens escriptores, á qual pertencem, o senhor, o dr. Pinheiro Guimarães, Bocayuva, Muzio, Joaquim Serra, Varella, Rozendo Moniz, e tantos outros!...

Entre estes, porque não lembrei o nome de Leonel de Alencar, a quem o destino fez ave de arribação na terra natal? Em litteratura não ha suspeições: todos nós que nascemos em seu regaço, não somos da mesma familia?

Mas a todos o vento da contrariedade os tem desfolhado por ahi, como flores de uma breve primavera.

Uma fez da penna espada para defender a patria. Alguns têm as asas crestadas pela indifferença; outros, como douradas borboletas,

presas da teia d'aranha, se debatem contra a realidade de uma profissão que lhes tolhe os vôos.

Felizmente estava eu na Tijuca.

O senhor conhece esta montanha encantadora. A natureza a collocou a duas leguas da Côrte, como um ninho para as almas cansadas de pousar no chão.

Aqui tudo é puro e são. O corpo banha-se em aguas crystalinas, como o espirito na limpidez deste céu azul.

Respira-se á larga, não somente os ares finos que vigoram o sopro da vida, porém aquelle halito celeste do Criador, que bafejou o mundo recém-nascido. Só nos ermos em que não caíram ainda as fezes da civilização, a terra conserva essa divindade do berço.

Elevando-se a estas eminencias, o homem approxima-se de Deus. A Tijuca é um escabelo entre pantano e a nuvem, entre a terra e o céu. O coração que sobe por este genuflexorio, para se prostar aos pés do Omnipotente, conta trez degraus; em cada um delles, uma contricção.

No alto da Boa Vista, quando se descortina longe, serpejando pela varzea, a grande cidade reptil, onde as paixões pullulam; a alam que se havia atrophiado no fóco do materialismo, sente-se homem. Em baixo era uma ambição; em cima contemplação.

Transposto esse primeiro estadio, além, para as bandas da Gavea, ha um logar que chamam Vista Chinezta. Este nome lembra-lhe naturalmente um sonho oriental, pintado em papel de arroz. E' uma téla sublime, uma decoração magnifica deste inimitavel scenario fluminense. Dir-se-hia que Deus entregou a algum de seus archanjos o pincel de Apelles, e mandou-lhe encher aquelle panno de horizonte. Então o homem sente-se religioso.

Finalmente, chega-se ao Pico da Tijuca, o ponto culminante da serra, que fica do lado opposto. Dahi os olhos deslumbrados vêem a terra como uma vasta ilha a submergir-se entre dous oceanos, o oceano do mar e o oceano do ether. Parece que estes dous infinitos, o abysmo e o céu, abrem-se para absorver um ao outro. E no meio dessa immensidades, um atomo, mas um atomo, rei de tanta magnitude. Ahi o impio é christão e adora o Deus verdadeiro.

Quando a alma desce destas alturas e volve ao pó da civilização, leva comsigo uns pensamentos sublimes, que do mais baixo remontam à sua nascença, pela mesma lei que faz subir ao nivel primitivo a agua derivada do topo da terra.

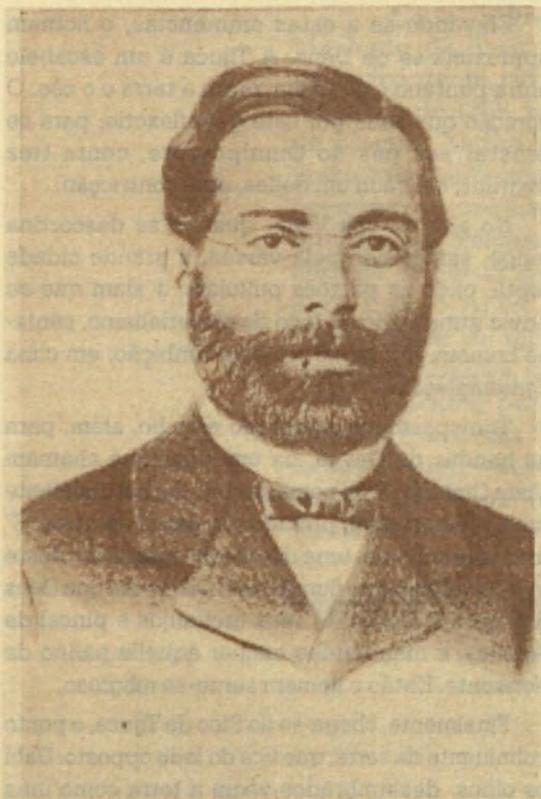
Nestas paragens não podia meu hospede soffrer jejum de poesia. Recebi-o dignamente. Disse á

natureza que puzesse a meza, e enchesse as amphoras das cascatas de limpha mais deliciosa que o falerno do velho Horacio.

A Tijuca esmerou-se na hospitalidade.

Ella sabia que o jovem escriptor vinha do norte, onde a natureza tropical se espanneja em lagos de luz diaphana, e, orvalhada de esplendores, abandona-se lasciva como uma odalisca ás caricias do poeta.

Então a natureza fluminense, que tambem, quando quer, tem daquellas impudencias celestes, fez-se casta e vendeu-se com as alvas roupagens das nuvens. A chuva a borrifou de aljofares; as nevoas delgadas resvalavam pelas encostas como as fimbrias da branca tunica roçante de uma virgem christão.



José de Alencar (1839-1877)

Foi assim, a sorrir entre os nitidos véos, com um recato de donzella, que a Tijuca recebeu nosso poeta.

O sr. Castro Alves lembrava-se, como o senhor e alguns poucos amigos, de uma antiguidade de minha vida; que eu outr'ora escrevera para o theatro. Avaliando sobre medida minha experiencia neste ramo difficil da litteratura, desejou ler-me um drama, primicia de seu talento.

Essa produção já passou pelas provas publicas em scena competente para julgal-a. A Bahia

applaudiu com jubilos de mãe a ascenção da nova estrella de seu firmamento. Depois de tão brilhante manifestação, duvidar de si, não é modestia unicamente, é respeito á santidade de sua missão de poeta.

Gonzaga é o titulo do drama que lêmos em breves horas. O assumpto, colhido na tentativa revolucionaria de Minas, grande manacial de poesia historica ainda tão pouco explorado, foi enriquecido pelo auctor com episodios de vivo interesse.

O sr. Castro Alves é um discipulo de Victor Hugo, na architectura do drama, como no colorido da ideia. O poema pertence á mesma escola do ideal; o estylo tem os mesmos toques brilhantes.

Imitar Victor Hugo só é dado ás intelligencias de primor. O Ticiano da litteratura possui uma palheta que em mão de colorista mediocre mal produz borrões. Os moldes ousados de sua phrase são como os de Bevenuto Cellini; se o metal não fôr de superior afinação, em vez de estatuas saem pastiços.

Não obstante, sob essa imitação de um modelo sublime desponta no drama a inspiração original, que mais tarde ha de formar a individualidade litteraria do auctor. Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria, que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos.

Não se admire de assimilar eu o cidadão e o poeta, duas entidades que no espirito de muitos andam inteiramente desencontradas. O cidadão é o poeta do direito e da justiça; o poeta é o cidadão do bello e da arte.

Ha no drama *Gonzaga* exhuberancia de poesia. Mas deste defeito a culpa não foi do escriptor; foi da idade. Que poeta aos vinte annos não tem essa prodigalidade soberba de sua imaginação, que se derrama sobre a natureza e a inunda?

A mocidade é uma sublime impaciencia. Diante della a vida se dilata, e parece-lhe que não tem para viver-as mais que um instante. Põe os labios na taça da vida, cheia a transbordar de amor, de poesia, de gloria, e quizera estancar-a de um sorvo.

A sobriedade vem com os annos; é virtude do talento viril. Mais entrando na vida, o homem aprende a poupar sua alma. Um dia, quando o sr. Castro Alves reler o *Gonzaga*, estou convencido que elle ha de achar um drama esboçado, em cada personagem desse drama.

Olhos severos talvez enxerguem na obra pequenos senões.

Maria, achando em si forças para enganar o governador em um transe de suprema angustia, parecerá a alguns menos amante, menos mulher,

do que devera. A acção, dirigida uma ou outra vez pelo accidente material, antes do que pela revolução intima do coração, não terá na opinião dos realistas, a naturalidade moderna.

Mas são esses defeitos da obra, ou do espirito em que elle se reflecte? Muitas vezes já não surprehendeu seu pensamento a fazer a critica de uma flôr, de uma estrella, de uma aurora? Se o deixasse, creia que elle se lançaria a corrigir o trabalho do supremo artista. Não somos homens debaldes: Deus nos deu uma alma, uma individualidade.

Depois da leitura do seu drama, o sr. Castro Alves recitou-me algumas poesias. *A Cascata de Paulo Affonso, As duas ilhas e A visão dos mortos* não cedem as excellencias da lingua portugueza neste genero. Ouça-as o senhor, que sabe o segredo desse metro natural, dessa rima suave e opulenta.

Nesta capital da civilização brasileira que o é tambem de nossa indiferença, pouco apreço tem o verdadeiro merito quando se apresenta modestamente. Comtudo, deixar que passasse por aqui ignorado e despercebido o joven poeta bahiano, fôra mais que uma descortezia. Não lhe parece?

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o theatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flôr desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade.

Lembrei-me do senhor. Em nenhum concorrem os mesmos titulos. Para apresentar ao publico fluminense o poeta bahiano, é necessario não só ter fóro de cidade na imprensa da Corte, como haver nascido neste bello valle do Guanabara, que ainda espera um cantor.

Seu melhor titulo, porém, é outro. O senhor foi o unico de nossos modernos escriptores, que se dedicou sinceramente á cultura dessa difficil sciencia que se chama critica. Uma porção de talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitall-o em criações proprias, teve a abnegação de applicall-o a formar o gosto e desenvolver a litteratura patria.

Do senhor, pois, do primeiro critico brasileiro, confio a brilhante vocação litteraria, que se revelou com tanto vigor.

Seja o Virgilio do joven Dante, conduza-o pelos invios caminhos por onde se vae á decepção, á indiferença e finalmente á gloria, que são os trez circulos maximos da *divina comedia* do talento.

José de Alencar.

Correio Mercantil, Rio, 22 fevereiro 1868.

CARTA DE MACHADO DE ASSIS

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1868.

Exmo. Sr. — E' boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebel-o das mãos de V. Ex., com uma carta que vale um diploma, com uma recommendação que é uma sagração. A musa do sr. Castro Alves não podia ter mais mais feliz introito na vida litteraria. Abre os olhos em pleno Capitolio. Os seus primeiros cantos obtêm o applauso de um mestre.

Ma se isto me enthusiasma, outra cousa ha que me commove e confunde, é a extrema confiança, que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão inutil fôra dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Ex. mais do que uma animação generosa.

A tarefa da critica precisa destes parabens; é tão ardua de praticar, já pelos estudos que exige, já pelas juctas que impõe, que a palavra eloquente de um chefe é muitas vezes necessaria para reavivar as forças exhaustas e reerguer o animo abatido.

Confesso francamente, que encetando os meus ensaios de critica, fui movido pela ideia de contribuir com alguma cousa para a reforma do gosto que se ia perdendo, e effectivamente se perde. Meus limitadissimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedil-o, se, por influencia irresistivel, o mal vinha de fóra, e se impunha ao espirito litterario do paiz, ainda mal formado e quasi sem consciencia de si? Era difficil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de litteratura, sem alento nem ideal, falseada e frivola, mal imitada e mal copiada. Nem os esforços dos que, como V. Ex. sabem exprimir sentimentos e ideias na lingua que nos legaram os mestres classicos, nem esses puderam oppor um dique á torrente invasora. Se a sabedoria popular não mente, a universalidade da doença podiadarnos alguma consolação quando não se antolha remedio ao mal.

Se a magnitude da tarefa era de assombrar espiritos mais robustos, outro risco havia: e a este já não era a intelligencia que se expunha, era o character. Comprehende V. Ex., que, onde a critica não é instituição formada e assentada, a analyse litteraria tem de luctar contra esse entranho amor paternal que faz dos nossos filhos as mais bellas crianças do mundo. Não raro se originam odios onde era natural travarem-se affectos. Desfiguram-se os

intentos da critica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antipathia o que é consciencia. Fosse esse, porém, o unico obstaculo, estou convencido que elle não pesaria no animo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpetuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é tambem.

Cansados de ouvir chamar bella á poesia, os novos athenienses resolveram banil-as da republica.

O elemento poetico é hoje um tropêço ao successo de uma obra. Aposentaram a imaginação. As musas, que já estavam apeadas dos templos, foram tambem apeadas dos livros. A poesia dos sentidos veiu sentar-se no santuario e assim generalizou-se uma crise funesta ás letras. Que enorme Alpheu não seria preciso desviar do seu curso para limpar este presepe de Augias?

Eu bem sei que no Brasil, como fóra delle, severos espiritos protestam com o trabalho e a lição contra esse estado de cousas; tal é, porém, a feição geral da situação, ao começar a tarde do seculo. Mas sempre ha de triumphar a vida intelligente. Basta que se trabalhe sem tregua. Pela minha parte, estava a está acima das minhas posses semelhante papel; comtudo, entendia e entendo - adoptando a bella definição do poeta que V. Ex. dá em sua carta - que ha para o cidadão da arte e do bello deveres imprescriptiveis, e que, quando uma tendencia do espirito o impelle para certa ordem de actividade, é sua obrigação prestar esse serviço ás letras.

Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor illustre, apto para este arduo mistér, erudito e profundo, que teria proseguido no caminho das suas estréas, se a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as criações que depois nos deu. Será preciso acrescentar que alludo a V. Ex.?

Escolhendo-me para Virgilio do joven Dante que nos vem da patria de Moema, impõe-me um dever, cuja responsabilidade seria grande se a propria carta de V. Ex. não houvesse aberto ao neophyto as portas da mais vasta publicidade. A analyse pôde agora esmerilhar nos escriptos do poeta bellezas e descuidos. O principal trabalho está feito.

Procurei o poeta cujo nome havia sido ligado ao meu e com a natural anciedade que nos produz a noticia de um talento robusto, pedi-lhe que me lêsse o seu drama e os seus versos.

Não tive, como V. Ex., a fortuna de os ouvir diante de um magnifico panorama. Não se rasgavam horizontes diante de mim: não tinha os pés nessa formosa Tijuca, que V. Ex. chama um

escabelo entre a nuvem e o pantano. Eu estava no pantano. Em torno de nós agitava-se a vida tumultuosa da cidade. Não era o ruido das paixões nem dos interesses; os interesses e as paixões tinham passado a vara á loucura: estavamos no carnaval.

No meio desse tumulto abrimos um oásis de solidão.

Ouvi o *Gonzaga* e algumas poesias.

V. Ex. já sabe o que é o drama e o que são os versos, já os apreciou comsigo, já resumiu a sua opinião. Esta carta, destinada a ser lida pelo publico, conterà as impressões que recebi com a leitura dos escriptos do poeta.

Não podiam ser melhores as impressões. Achei uma vocação litteraria, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificencias do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original. O mal da nossa poesia contemporanea é ser copista - no dizer, nas ideias e nas imagens. Copial-as é annullar-se. A musa do sr. Castro Alves tem feição propria. Se se adivinha que a sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma indole irmã levou-a a preferir o poeta das *Orientaes* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprazem certamente as tintas brancas e desmaiadas da elegia; quer antes as côres vivas e os traços vigorosos da ode.

Como poeta que tomou por mestre, o sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grande e o que é delicado, mas com igual inspiração e methodo identico; a pompa das figuras, a sonoridade do vocabulo, uma fórmula esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses labores o estro, a espontaneidade, o impeto. Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia: a fórmula e o estro. Os verdadeiros poetas são os que as têm ambas. Vê-se que o sr. Castro Alves as possui; veste as suas ideias com roupas finas e trabalhadas. O receio de cair em um defeito, não o levará a cair no defeito contrario? Não me parece que lhe haja acontecido isso; mas indico-lhe o mal, para que fuja delle. E' possivel que uma segunda leitura dos seus versos me mostrasse alguns senões faceis de remediar; confesso que os não percebi no meio de tantas bellezas.

O drama, esse li-o attentamente; depois de ouvil-o, li-o, e reli-o, e não sei bem se era a necessidade de o apreciar, se o encanto da obra, que me demorava os olhos em cada pagina do volume.

O poeta explica o dramaturgo. Reapparecem no drama as qualidades do verso; as metaphoras enchem o periodo; sente-se de quando em quando o arrojo da ode. Sophocles pede as asas a Pindaro.

Parece ao poeta que o tablado é pequeno; rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul.

Esta exuberancia, que V. Ex. com justa razão attribue á idade, concordo que o poeta ha de reprimil-a com os annos. Então conseguirá separar completamente a lingua lyrica da lingua dramtica; e do muito que devemos esperar temos prova e fiança no que nos dá hoje.

Estreando no theatro com um assumpto historico, e assumpto de uma revolução infeliz, o sr. Castro Alves consultou a indole do seu genio poetico. Precisava de figuras que o tempo houvesse consagrado; as da Inconfidencia tinham além disso a auréola do martyrio. Que melhor assumpto para excitar a piedade? A tentativa abortada de uma revolução, que tinha por fim consagrar a nossa independencia, merece do Brasil de hoje aquella veneração que as raças livres devem aos seus Spartacus. O insuccesso fel-os criminosos; a victoria tel-os-hia feito Washingtons. Condemnou-os a justiça legal; rehabilita-os a justiça historica.

Condensar estas ideias em uma obra dramatica, transportar para a scena a tragedia politica dos Inconfidentes, tal foi o objecto do sr. Castro Alves, e não se póde esquecer que, se o intuito era nobre, o commetimento era grave. O talento do poeta superou a difficuldade; com uma sagacidade, que eu amiro em tão verdes annos, tratou a historia e a arte por modo que, nem aquella o póde accusar de infiel, nem esta de copista. Os que, como V. Ex. conhecem esta alliança, hão de avaliar esse primeiro merecimento do drama do sr. Castro Alves.

Machado de Assis (1839-1908)



A escolha de Gonzaga para protagonista foi certamente inspirada ao poeta pela circumstancia dos seus legendarios amores, de que é historia aquella famosa *Narilia de Dirceu*. Mas não creio que fosse só essa circumstancia. Do processo resulta que o cantor de Marilia era tido por chefe da conspiração, em attenção aos seus talentos e lettras. A prudencia com que se houve desviou da sua cabeça a pena capital. Tiradentes, esse era o agitador; serviu á conjuração com uma actividade rara; era mais um conspirador do dia que da noite. A justiça o escolheu para a forca. Por tudo isso ficou o seu nome ligado ao da tentativa de Minas.

Os amores de Gonzaga traziam naturalmente ao theatro o elemento feminino, e de um lance casavam-se em scena a tradição politica e a tradição poetica, o coração do homem e a alma do cidadão. A circumstancia foi bem aproveitada pelo auctor; o protagonista atravessa o drama sem desmentir a sua dupla qualidade de amante e de patriota; casa no mesmo ideal os seus dous sentimentos. Quando Maria lhe propõe a fuga, no terceiro acto, o poeta não hesita em repellir esse recurso apezar de ser imminente a sua perda. Já então a revolução expira; para as ambições, se elle as houvesse, a esperanza era nenhuma; mas ainda era tempo de cumprir o dever. Gonzaga preferiu seguir a lição do velho Horacio comeiliano; entre o coração e o dever a alternativa é dolorosa. Gonzaga satisfaz o dever e consola o coração. Nem a patria a amante podem lançar-lhe nada em rosto.

O sr. Castro Alves houve-se com a mesma arte em relação aos outros conjurados. Para avaliar um drama historico, não se póde deixar de recorrer á história; suprimir esta condição é expor-se a critica a não entender o poeta.

Quem vê o Tiradentes do drama não o reconhece logo aquelle conjurador impaciente e activo, nobremente estouvado, que tudo arrisca e emprehende, que confia mais que todos no successo da causa, e paga emfim as demasias do seu character com a morte na forca e a profanação do cadaver? E Claudio, o doce poeta, não o vemos todo alli, galhofeiro e generoso, fazendo da conspiração uma festa e da liberdade uma dama, gamenho no perigo, caminhando para a morte com o riso nos labios, como aquelles emigrados do Terror? Não lhe rola já na cabeça a ideia do suicidio, que praticou mais tarde, quando a expectativa do patibulo lhe despertou a fibra de Catão, casando-se com a morte, já que se não podia casar com a liberdade? Não é aquelle o denunciante Silverio, aquelle o Alvarenga, aquelle o padre Carlos? Em tudo isso é de louvar a consciencia litteraria do auctor. A história nas suas mãos não foi um pretexto; não quiz profanar as figuras do passado, dando-lhes

feições caprichosas. Apenas empregou aquella exaggeração artistica, necessaria ao theatro, onde os caracteres precisam de relevo, onde é mister concentrar em pequeno espaço todos os traços de uma individualidade, todos os caracteres essenciaes de uma epoca ou de um acontecimento.

Concordo que a acção parece ás vezes desenvolver-se pelo accidente material. Mas esses rarissimos casos são compensados pela influencia do principio contrario em toda a peça.

O vigor dos caracteres pedia o vigor da acção; ella é vigorosa e interessante em todo o livro; pathetica no ultimo acto. Os derradeiros adeuses de Gonzaga e Maria excitam naturalmente a piedade, e uns bellos versos fecham este drama, que póde conter as incertezas de um talento juvenil, mas que é com certeza uma invejavel estréa.

Nesta rapida exposição das minhas impressões, vê V. Ex. que alguma cousa me escapou. Eu não podia, por exemplo, deixar de mencionar aqui a figura do preto Luiz. Em uma conspiração para a liberdade, era justo aventar a ideia da abolição. Luiz representa o elemento escravo. Comtudo o sr. Castro Alves não lhe deu exclusivamente a paixão da liberdade. Achou mais dramatico pôr naquelle coração os desesperos do amor paterno. Quiz tornar mais odiosa a situação do escravo pela lucta entre a natureza e o facto social, entre a lei e o coração. Luiz espera da revolução, antes da liberdade, a restituição da filha; é a primeira affirmação da personalidade humana; o cidadão virá depois. Por isso, quando no terceiro acto Luiz encontra a filha já cadaver, e prorompe em exclamações e soluços, o coração chora com ella, e a memoria, se a memoria póde dominar taes commoções, nos traz aos olhos a bella scena do rei Lear, carregando nos braços Cordelia morta. Quem os compara não vê nem o rei nem o escravo: vê o homem.

Cumpré mencionar outras situações igualmente bellas. Entra nesse numero a scena da prisão dos conjurados no terceiro acto. As scenas entre Maria e o governador tambem são dignas de menção, posto que prevalece no espirito o reparo a que V. Ex. alludiu na sua carta. O coração exigira menos valor e astucia da parte de Maria; mas, não é verdade que o amor vence as repugnancias para vencer os obstaculos? Em todo o caso uma ligeira sombra não empana o fulgor da figura.

As scenas amorosas são escriptas com paixão; as palavras saem naturalmente de uma alma para outra, prorompem de um para outro coração. E que contraste melancholico não é aquelle idyllo ás portas do desterro, quando já a justiça está prestes a vir separar os dous amantes!

Dir-se-ha que eu só recommendo bellezas e não encontro senões? Já apontei os que cuidei ver. Acho mais - duas ou trez imagens que me não parecem felizes; e uma ou outra locução susceptivel de emenda. Mas que é isto no meio das louçanias da fôma? Que as demasias do estylo, a exuberancia das metaphoras, o excesso das figuras devem obter a attenção do auctor, é cousa tão segura que eu me limito a mencional-as; mas como não acceitar agradecido esta prodigalidade de hoje, que póde ser a sabia economia de amanhã?

Resta-me dizer, que, pintando nos seus personagens a exaltação patriotica, o poeta não foi só fiel á lição do facto, mixturou talvez com essa exaltação um pouco do seu proprio sentir. E' a homenagem do poeta ao cidadão. Mas, consorciando os sentimentos pessoaes aos dos seus personagens é inutil distinguir o caracter diverso dos tempos e das situações. Os successos que em 1822 nos deram uma patria e uma dymnastia, apagaram antipathias historicas que a arte deve reproduzir quando evoca o passado.

Taes foram as impressões que me deixou este drama viril, estudado e meditado, escripto com calor e com alma. A mão é inexperiente, mas a sagacidade do auctor suppre a inexperencia. Estudou e estuda; é um penhor que nos dá. Quando voltar aos archivos historicos ou revolver as paixões contemporaneas, estou certo que o fará com a mão na consciencia. Está moço, tem um bello futuro diante de si. Venha desde já alistar-se nas fileiras dos que devem trabalhar para restaurar o imperio das musas.

O fim é nobre, a necessidade é evidente. Mas o successo coroará a obra? E' um ponto de interrogação que ha de ter surgido no espirito de V. Ex.. Contra estes intuitos, tão santos quanto indispensaveis, eu sei que ha um obstaculo, e V. Ex. o sabe tambem: é a conspiração da indifferença. - Mas a perseverança não póde vencel-a? Devemos esperar que sim.

Quanto a V. Ex., respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vae meditando, sem duvida, em outras obras primas com que nos ha de vir surprehender cá em baixo. Deve fazel-o sem temor. Contra a conspiração da indifferença, tem V. Ex. um alliado invencivel: é a conspiração da posteridade.

Machado de Assis

Correio Mercantil, Rio, 1 março 1868.

libres, eufónicas. Apesar das poucas palavras empregadas, a linguagem é rica e expressiva. O ritmo é marcado, e a prosa é clara e objetiva. O texto é bem estruturado, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

Apesar de ser um texto curto, ele contém muitas informações importantes. O autor aborda temas complexos de uma maneira acessível e clara. O texto é bem estruturado, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

De se há quem se desentenda de certas palavras e frases, não se trata de uma falha do autor, mas sim de uma limitação da linguagem. O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

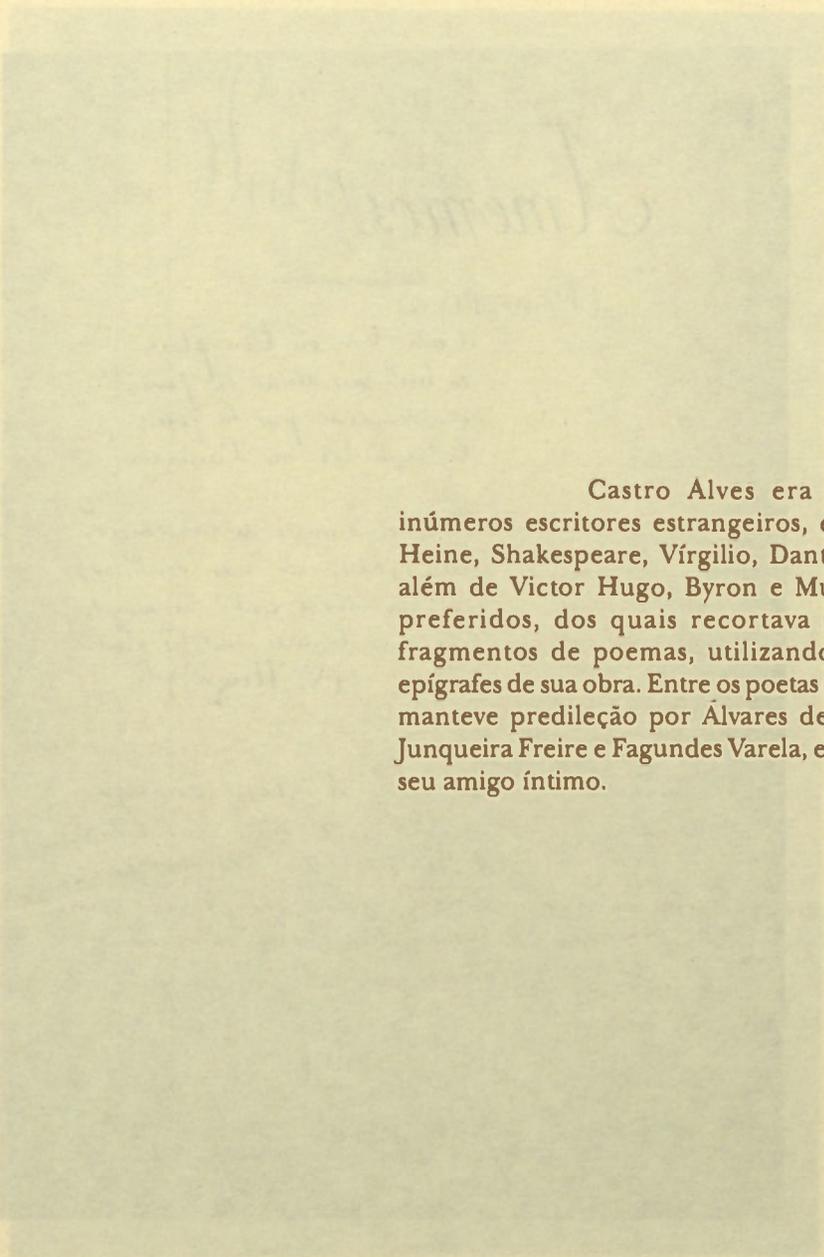
De se há quem se desentenda de certas palavras e frases, não se trata de uma falha do autor, mas sim de uma limitação da linguagem. O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

De se há quem se desentenda de certas palavras e frases, não se trata de uma falha do autor, mas sim de uma limitação da linguagem. O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.

O texto é bem escrito e fácil de ler. A linguagem é clara e objetiva, com frases curtas e diretas. O uso de metáforas e imagens é sutil, mas eficaz. O tom é sério, mas não excessivamente formal. O texto é fácil de ler e entender, mesmo para quem não é especialista no assunto.



Castro Alves era leitor de inúmeros escritores estrangeiros, entre eles, Heine, Shakespeare, Virgílio, Dante, Milton, além de Victor Hugo, Byron e Musset, seus preferidos, dos quais recortava pequenos fragmentos de poemas, utilizando-os como epígrafes de sua obra. Entre os poetas brasileiros, manteve predileção por Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Fagundes Varela, este último, seu amigo íntimo.

Amemos!

(Câmara-Negra)

A esta terra où l'on plonge
Sa tente au milieu du jour,
et se demande par la soif,
Contente-toi de l'Amour!

Sur ce monde de misères,
aller, j'aimerais mes douleurs,
Si mes rêves sont tes songes,
Si mes larmes sont tes pleurs!

(V. Hugo!)

Porque talvez um tempo de' esse mundo
será teu, serás minha... É um amor antigo
A terra dos amores!
Logo a harmonia antiga os penetra...
Logo ao som de arpas harmonizadas
Se abraçam entre flores.

Fragmento do poema manuscrito "Amemos!",
de Castro Alves, dedicado à Eugênia Câmara,
com epígrafe de Victor Hugo.

Oh! si je délirais des larmes
C'est que je t'ai vu pleurer.
Oh! si je délirais des larmes

X Dalila

Fair copy of nature

Milton (Fair copy)

Foi despoça, meu Deus! Não! Foi buçã
Pedir siva de vida - a' sepultura
Em gelo - me abraçar.
Pedir amores - a' Marco com brio
E a rebolcar-me em leito imundo e frio
- a' scutura buscar.

Quando maior - senti-me a' alfinbra
E adormeci da mancinha a' dormebra
Em berço de latim.
Embalava-me a brisa no meu leito.
- Fimã o arrem a lacrar em o peito
- a' morte dentro no peito.

Fragmento do poema manuscrito "Dalila", de Castro Alves, com epígrafe de Milton.

Em que pensas?

O Pepeta, charmanha filha,
Mon amour, a qual pensas-tu?
(all. de Musset.)

Tu pensas na flor que nasce
Menos bella do que tu!
a ta borbuleta vivace
Beijando teu collo nu!

Fragmento do poema manuscrito "Em que pensas?",
de Castro Alves, com epígrafe de Musset.

É TARDE!

Olha-me, ó virgem, a fronte
Olha-me os olhos sem luz,
A pallidez do infortunio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem—não te illudas—
Eu só tenho a lyra e a cruz.

(Junqueira Freire.)

É tarde! É muito tarde!

(Mont'Alverne.)

É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
O fogo—sancto já no altar não arde.
Vestall não venhas tropeçar nas pyras...
É tarde! É muito tarde!

Fragmento do poema "É tarde!", de Castro Alves,
com epígrafe de Mont'Alverne, publicado em *Espumas flutuantes*.

Fragmentos

IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS.

Sibila lambebant linguas vibrantibus ora.

(Virgilio.)

I

Resvala em fogo o sol dos montes sobre a espalda,
E lustra o dorso nú da índia americana...
Na selva zumba emtanto o insecto de esmeralda,
E pousa o colibri nas flores da liana.

Ali—a luz cruel, a calmaria intensa!
Aqui—a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambús a tremular immensa...
E o canto de aves mil..., e a solidão..., e a matta...

Fragmento do poema "Immensis orbibus anguis", de Castro Alves,
com epigrafe de Virgilio, publicado em *Espumas flutuantes*.

IMRENSIS ORIBUS ANOIR

LEONARDO

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

Fragmento do poema "Imrens Orbis Anois", de Castro Alves,
com o epigrama de Virgílio, publicado em *Revista Brasileira*,
vol. 1, n. 1, p. 10, Rio de Janeiro, 1911.

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é verdade... se é verdade
Tanta honra perante os céus?
Quem por que não opera?

Castro Alves

Fragmentos

Avós do Brasil
Solu das lúas do outro
Vagou os mares, todos

Das três corais negreiros...
Que dos braços brancos...
Eas saque a se lambas...
Tudo de levas... estalar de agulha...
Inglês de linhões negros...
Florescência a dançar...

Negras mulheres, suspendendo as tetas
Magras crianças, cujas bocas preta
Roga o sangue das mães...
Outras, moças, nus e espartadas
No turbilhão de espartadas...
Em farda e mágoa vici!

Fragmentos do poema "Nada Negro", de Castro Alves, datado de 18 de abril de 1868.

Fragmentos

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus?
Ó mar, por que não apagas
Co' a esponja das tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Era um sonho dantesco!... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães...
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

Fragmentos do poema "Navio Negreiro", de Castro Alves, datado de 18 de abril de 1868.

Ser ucarato = é nascer no alceio escuro
Dois rios infamados da tendida...
-Fiche da perdição no beco impuro
Sem leite para a boca ressequida...
É mil tarde, nas sombras do futuro,
Não descobrir estrela forajida...
É ver = viajante morto de cançãço -
A terra sem amor!... sem Deus o espaço!...

Ser ucarato = é, dos homens repellido,
Ser também repellido pela fira;
Lendo dos seus irmãos parte querido
Que o tigre come e o homem se amara...
- É do lobo no lobo sacubido
Ver que aqui ou além nada o separa,
Que em cada leito morto ha mancha nova...
No beco... aqui no topo... após na cova!...

Fragmento manuscrito do poema "Desespero",
reunido em *A cascata* de Paulo Afonso, de 1870.

E oi visão? Pohre criança!
A luz que dos astros coa,
E teu, Maria, o cadáver
Que desce nesta canoa?

Caída, pálida, branca!...
Não há quem dela se doa?
Vão-lhe os cabelos a rastos
Pela esteira da canoa!...

E as flores róseas dos golfos,
— Pobres flores da lagoa,
Enrolam-se em seus cabelos
E vão seguindo a canoa!...

Fragmento do poema "A canoa fantástica", de Castro Alves.

Eu sinto em mim o borbulhar do génio.
Vejo além um futuro radiante:
— «Avante!» brada-me o talento na alma.
E o eco ao longe me repete — «Avante!»
O futuro... o futuro... no seu seio
Entre louros e bênçãos dorme a glória!
Após — um nome do universo na alma,
Um nome escrito no Panteon da história.

Fragmento do poema "Mocidade e morte", de Castro Alves.

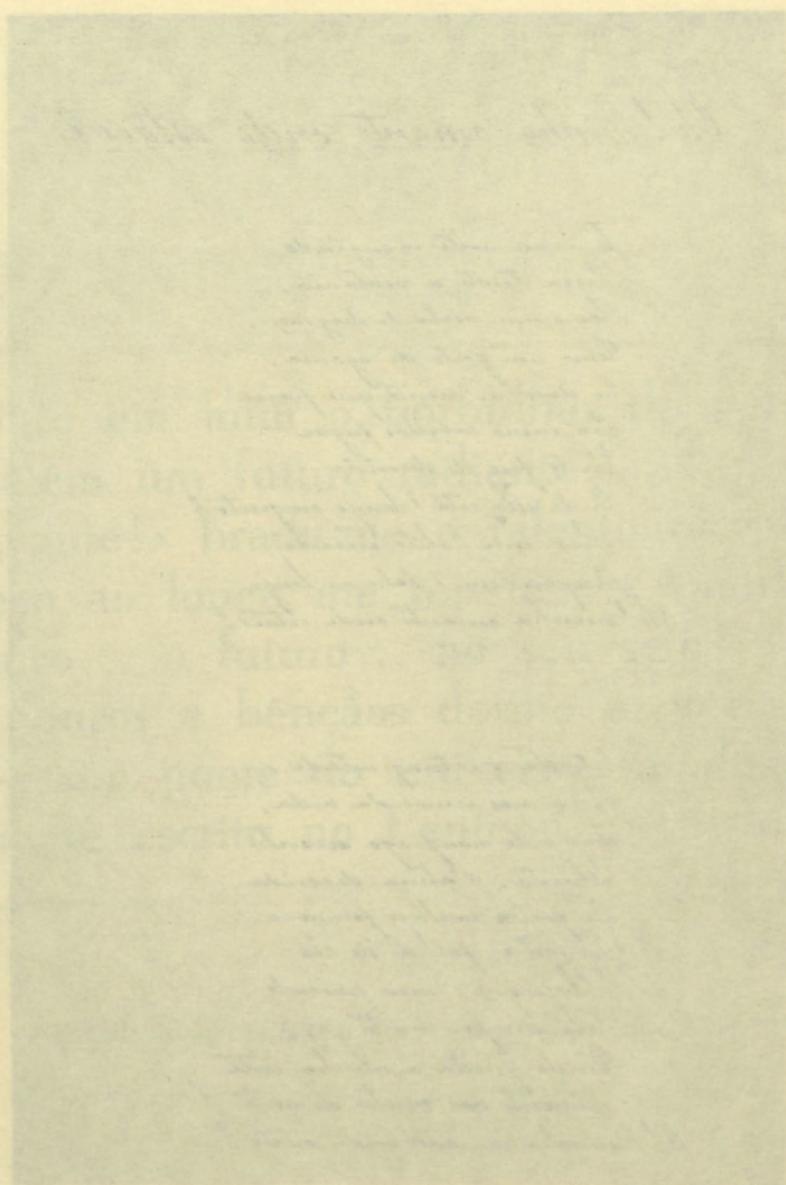
Fragmento do poema "A mocidade e a morte", de Castro Alves.

Oh! minha amante onde estais?

É meia noite - surgindo
Tassa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
Eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz
Vento frio do deserto
Onde ella está? longe ou perto?
Mas sem halito incerto
Respondeem e icho ao longe
Oh! minha amante onde estais?

Letralla na tempestade
Flora nos ermos da vida,
Tris - de naufrago errante
Ilusão - d'alma desorida.
Tu fostes mulher formosa,
Tu fostes, filha do céu
É hoje que o meu passado
Cria sempre neste jaz,
Vendo fuida a minha sorte
Perquisto aos ventos do norte
Oh! minha amante onde estais?

Fragmento do poema manuscrito
"Oh! minha amante onde estais", de Castro Alves.



"Oh! minha amante onde estás", de Castro Alves
Fragmento do poema manuscrito

O olhar do outro

Castro Alves
o olhar do outro

Capa do periódico de divulgação da Associação de Estudos de Castro Alves de Porto Alegre

O olhar do outro

Castro Alves e seu tempo

DISCURSO PROFERIDO
NO CENTRO ACADEMICO ONZE DE AGOSTO,
DE S. PAULO



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1907

8401

Capa da publicação do discurso *Castro Alves e seu tempo*,
de Euclides da Cunha, realizado em São Paulo.

920
VII

ABC
de
Castro Alves

Ilustrações de Santa Rosa

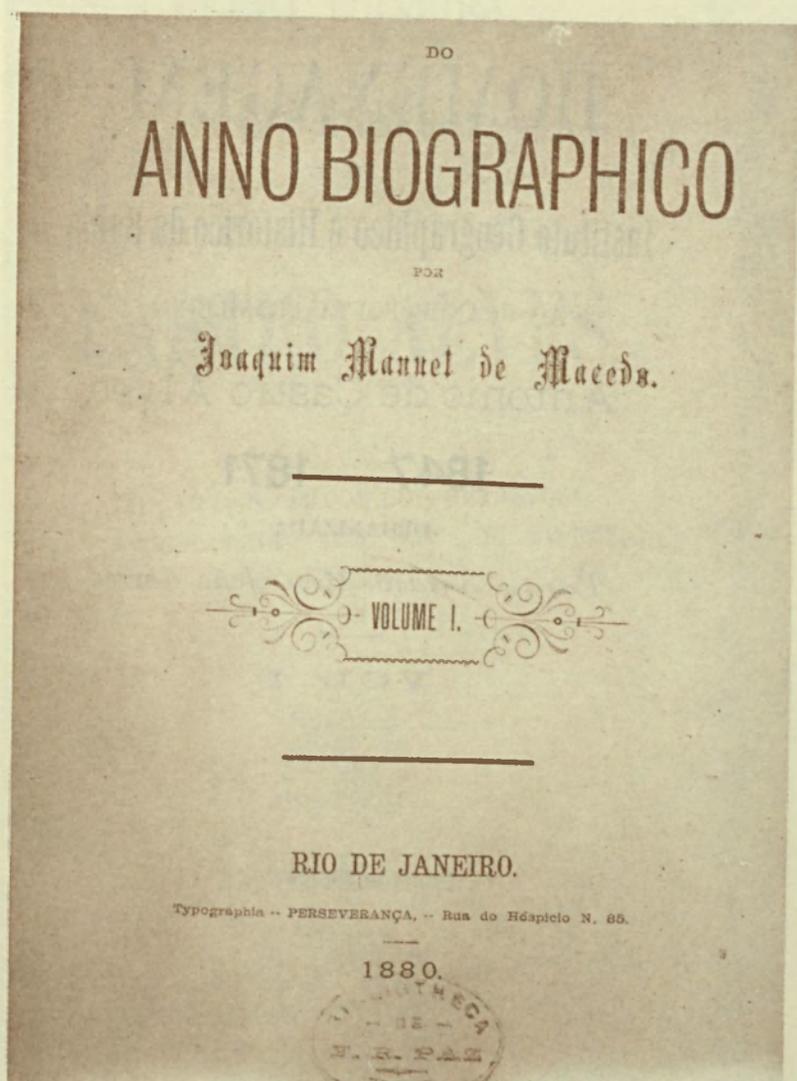
Capa de Clóvis Graciano

2.ª edição

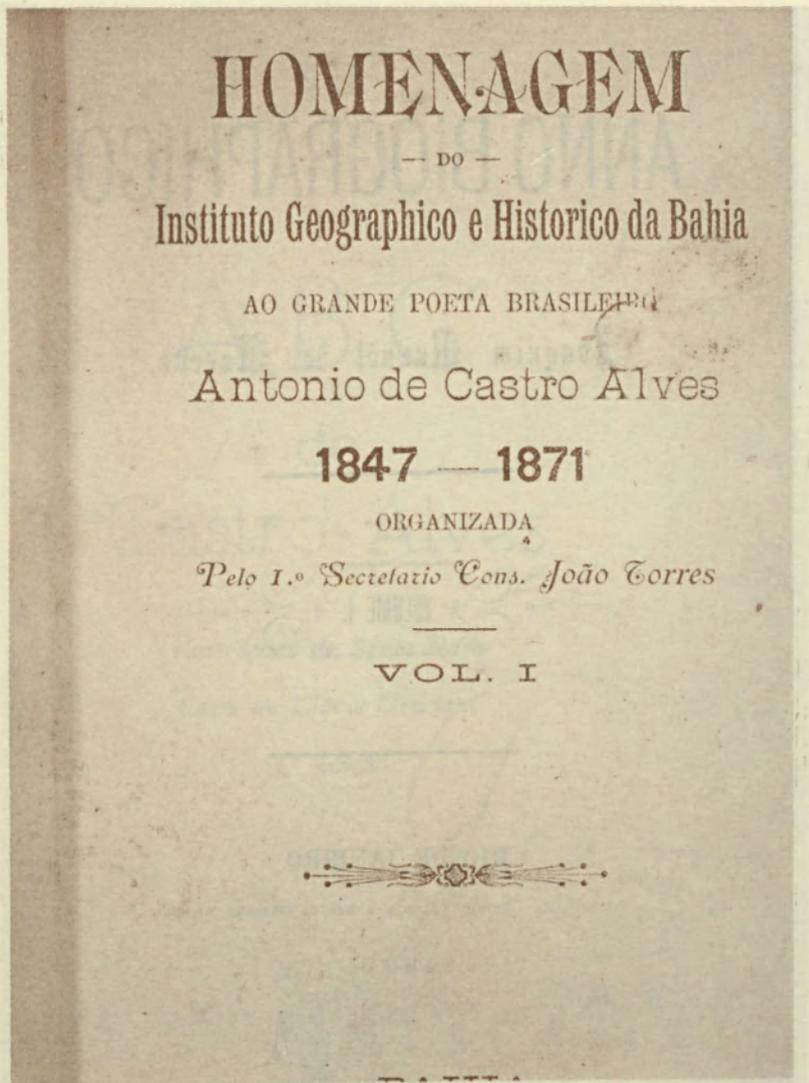
*

1945 Rio de Janeiro

Capa da segunda edição do livro *ABC de Castro Alves*, de Jorge Amado, de 1945.



Capa do *Ano Biográfico*, de 1880,
organizado por Joaquim Manuel de Macedo, com biografia de Castro Alves.



Capa do volume do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, de 1910, em homenagem a Castro Alves.

MUCIO TEIXEIRA

VIDA E OBRAS

DE

CASTRO ALVES

EDIÇÃO ORNADA COM DOIS RETRATOS
DO BIOGRAPHADO, UM AOS 18 ANNOS,
OUTRO AOS 24



BAHIA

TYP. E ENCADERNAÇÃO DO «DIÁRIO DA BAHIA»
101—Praça Castro Alves—101

1896

Capa do livro *Vida e obras de Castro Alves*, de 1896,
escrito por Múcio Teixeira, biógrafo do poeta.



CASTRO ALVES

Gênio é previsão. Gênios chamamos os precursores. Os que viram para além da realidade. Para além do tempo. Para além da vida presente, da idéia atual, dos conceitos ou dos preconceitos de sua época. Do ângulo da estrêla. Fora das referências normais do espírito. Com o dom profético da antecipação, a qualidade maravilhosa que se presumem os adivinhos, que os poetas adquirem e alguns políticos alcançam - de sondar o futuro; porém com a condição especial de o conquistarem. Castro Alves pertence a essa espécie superior de homens predestinados, cuja alma lírica dificilmente se situaria na prisão estética de uma "escola", no cativeiro cronológico de um "período", na área restrita de um "seculo", na zona limitada de uma "região", no cárcere musical de uma "lingua literaria". Cantor da fraternidade universal, é uma voz do Mundo. Advogado romântico da liberdade, é uma consciência imortal. Mensageiro da justiça social, é um arauto in-

candescente. Poeta dos escravos, é um anjo redentor. E amando o amor como ele amou na combustão alegórica da mocidade sacrificada e destumbrante - é o irmão americano de Hugo e Lamartine, de Musset e Gautier, a quem não faltou o senso realista das dores do povo, das angústias e da dignidade da Pátria, dos tormentos e do progresso do Homem. Harpa ecôila, milagrosamente sensível a todas as emoções generosas, a sua arte tem o vigor exuberante das reivindicações no colorido, na fluidez, na graça e na pompa do discurso heróico: fez-se de ênfase - que falava às massas - e de ternura - que comovia a juventude; de paixão cívica e de confissão sentimental; de retórica e de sofrimento; de revolução verbal e de autobiografia; de entusiasmo e verdade. Assim o compreendeu o Brasil, assim o venerou e sagrou o, primeiro poeta nesta terra de poesia. Gênio tutelar e luminoso. Apóstolo das divinas harmonias. Símbolo de eterna inquietação. Ariel contraditório. CASTRO ALVES!

PEDRO CALMON
DA ACADEMIA BRASILEIRA



Artigo de Pedro Calmon sobre Castro Alves,
de 9 de março de 1947, editado no *O Jornal* do Rio de Janeiro.

Tenho ante os olhos a imagem de Castro Alves. Sorri.

Poeta ! Não possuo homenagem mais sincera a offertar-te. nem mais profunda...

Pousando a mão sobre a Biblia luminosa que escreveste dictada pelo arquejar doloroso dos *Escravos*, eu peço perdão para estes condemnados sem crime e atiro aos exploradores dos precitos uma palavra, uma palavra só ; mas que traduz compaixão e asco, que synthetisa o horror vingativo da escuridão do olvido que lhes reserva a Historia :

Desgraçados !

RAUL POMPEIA.

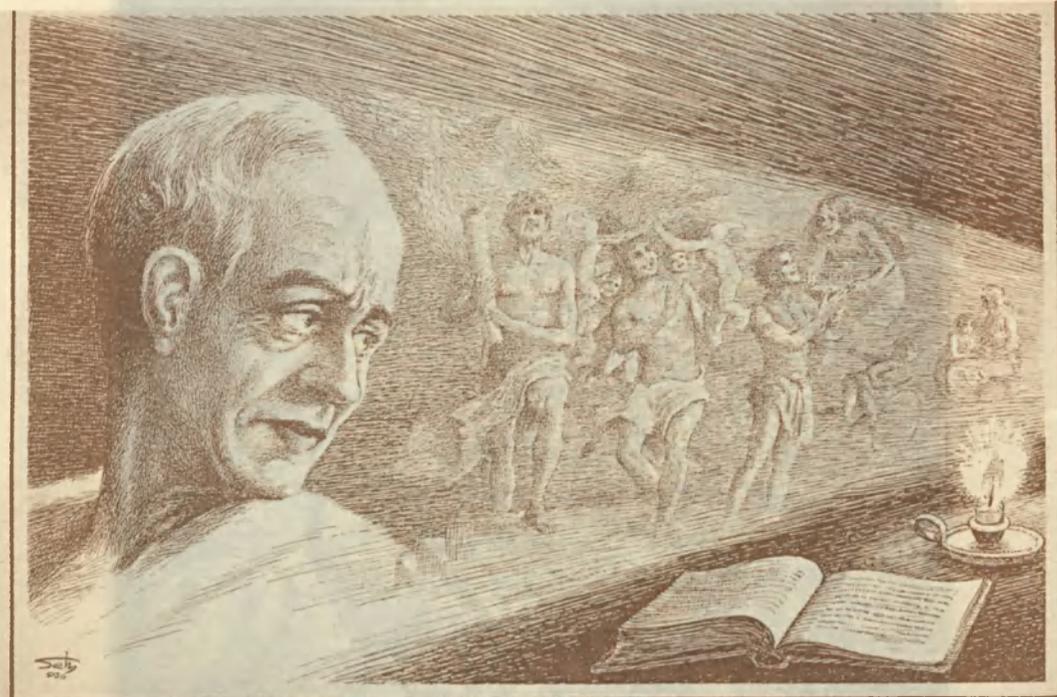
Fragmento da homenagem da Academia de Direito de São Paulo, escrita por Raul Pompéia, autor de *O Ateneu*.



A HISTÓRIA

Desenho de Seth, pseudônimo de Álvaro Marins, inspirado no fragmento de Castro Alves:

*“Não! Nem templos feitos de ossos
Nem gládios a cavar fossos
São degraus do progredir...”*



SAUDADE

"Quando o nauta, no meio da tormenta

Desenho de Seth, pseudônimo de Álvaro Marins, inspirado no fragmento de Castro Alves:

*"Quando o nauta, no meio da tormenta
Vê o frágil batel quase a fundir-se,
As praias que deixou dirige as vistas
E tarde chora a paz que ali gozava!"*

ANTOLOGIA poética. Rio de Janeiro: J. Aguiar. INL, 1971. 293 p.

BN - DIOGE

ANTOLOGIA poética. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Aguiar, 1975. 136 p.

BN - DIOGE

BANDEIRA, Murilo. *Antologia das poesias brasileiras de seu tempo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950. 341 p.

BN - DIOGE

CANTO da esperança. Poesia social, libertária e de luta. Seleção e introdução de Hilda Rocha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. 100 p.

BN - DIOGE

CASTRO Alves, Obras. Paris, França: Albin Michel, 1968. 1000 p. (Obras completas de Castro Alves, organizada por Afrânio Peixoto e Cláudio Torres)

BN - DIOGE

CASTRO Alves, Seleção de textos, notas, estudos, comentários. São Paulo: Global, 1983. 131 p.

BN - DIOGE

Bibliografia

Castro Alves

CASTRO Alves: antologia poética. Organizado por... BN - DIOGE

BN - DIOGE

CASTRO Alves: antologia poética. Organizado por... BN - DIOGE

BN - DIOGE

CASTRO Alves: antologia poética. Organizado por... BN - DIOGE

BN - DIOGE

CASTRO Alves: antologia poética. Organizado por... BN - DIOGE

BN - DIOGE

CASTRO Alves: antologia poética. Organizado por... BN - DIOGE

BN - DIOGE

CASTRO Alves: antologia poética. Organizado por... BN - DIOGE

BN - DIOGE

COLLECIONÁRIA de poemas de Castro Alves. Luta Cultural. São Paulo: Global, 1983. 131 p.

BN - DIOGE

DINIS, Aldegato. *Antologia da língua portuguesa*. Salvador: Casa da Palavra, 1974. 602 p.

BN - DIOGE

AS MAIS belas poesias de Castro Alves, escolhidas por José Régio. Lisboa: Portugal: [s.n.], 1963. 42 p.

BN - DIOGE

OS MAIS belos poemas. Texto integral. São Paulo: Nova, 1974. 185 p. (Obras completas de Castro Alves)

BN - DIOGE

OS MELHORES poemas de Castro Alves. Seleção de Lúcio José. São Paulo: Global, 1983. 131 p.

BN - DIOGE

OS MELHORES poemas de Castro Alves. 4. ed. São Paulo: Global, 1983. 131 p.

BN - DIOGE

Bibliografia

Castro Alves

BN - DIICO	Divisão de Iconografia
BN - DIOGE	Divisão de Obras Gerais
BN - DIORA	Divisão de Obras Raras
BN - DIMAS	Divisão de Música e Arquivo Sonoro
BN - DIMAS	Divisão de Manuscritos
BN - DIPER	Divisão de Periódicos
BN - SREF	Seção de Referência e Difusão

Desenho de Seth, pseudônimo de Álvaro Moreira, impresso no Inaugurante de Castro Alves.

*Quando o naufr. no meio da tormenta
Vê o fragor do mar quase a fundir-se,
As praias que desceia dirige as vistas
E tarde chega a paz que ali guarda!*

Antologias

ANTOLOGIA poética. Rio de Janeiro: J. Aguilar: INL, 1971. 293 p.

BN - DIOGE

ANTOLOGIA poética. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1975. 236 p.

BN - DIOGE

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940. 381 p.

BN - DIOGE

CANTO da esperança: poesia social, libertária e lírica. Seleção, introdução e notas por Hildon Rocha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 331 p.

BN - DIOGE

CASTRO Alves. Obras. Paris, França: Ailland; Lisboa, Portugal: Bertrand, 1921. 234 p. Antologia brasileira organizada por Afrânio Peixoto e Constâncio Alves.

BN - DIOGE

CASTRO Alves. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Marisa Lajolo e Samira Campedelli. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 107 p. (Literatura comentada).

BN - DIOGE

CASTRO Alves: antologia poética. Organizada por Maria Chaves de Mello. Ensaios críticos de Fernando Whitaker da Cunha e J. Galdino. Rio de Janeiro: Barrister's, 1987. 179 p.

BN - DIOGE

CASTRO Alves falou: antologia didática. Organizada por Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. xvi, 119 p.

BN - DIOGE

CASTRO Alves: melhores poesias. Organizada por Célia A. N. Passoni. São Paulo: Núcleo, 1996. 119 p.

BN - DIOGE

CASTRO Alves: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1960. 129 p., il. (Nossos Clássicos, 44).

BN - DIOGE

CASTRO Alves: poesia. 5 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977. 128 p., il. (Nossos Clássicos, 44).

BN - DIOGE

CASTRO Alves: poesia. 8 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990. 123 p.

BN - DIOGE

COLLECTANEA de sonetos de amor, de Castro Alves, Luiz Guimarães Júnior, Luiz Delfino e outros. Organizado por Renato Travassos. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1932. 220 p., p. 7-12.

BN - DIOGE

DINIS, Almáquio. *Antologia da língua vernácula*. Salvador: Catalina, 1913. 602 p.

BN - DIOGE

AS MAIS belas poesias de Castro Alves, escolhidas por José Régio. Lisboa, Portugal: [s.n.], [1965?]. 42 p., il. (As mais belas poesias da língua portuguesa, 16).

BN - DIOGE

OS MAIS lindos poemas. Texto integral. São Paulo: Três, 1974. 185 p. (Obras imortais de nossa literatura).

BN - DIOGE

OS MELHORES poemas de Castro Alves. Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983. 131 p.

BN - DIOGE

OS MELHORES poemas de Castro Alves. 4 ed. São Paulo: Global, 1988. 131 p.

BN - DIOGE

- POEMAS de amor. Organização e prefácio de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1957?] 172 p. (Coleção Vera Cruz. Literatura brasileira, 8).
BN - DIOGE
- POEMAS de amor. Introdução, seleção e notas de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: BUP, [1963?] 200 p. (Biblioteca Universal Popular, 7).
BN - DIOGE
- POEMAS escolhidos de Castro Alves. Seleção e prefácio de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Cultrix, [1967?]. 193 p.
BN - DIOGE
- POEMAS revolucionários. Prefácio e seleção de Fernando Góes. São Paulo: *Jornal dos livros*, [1950?]. 175 p.
BN - DIOGE
- POESIA. 4 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972. 125 p., il. (Nossos Clássicos, 44).
BN - DIOGE
- POESIA. Rio de Janeiro: Agir, 1980. 125 p., il. (Nossos Clássicos, 44).
BN - DIOGE
- POESIAS escolhidas. Seleção, prefácio e notas de Homero Pires. Edição comemorativa do centenário do nascimento do poeta, 1847-1947. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Instituto Nacional do Livro, 1947. xxix, 463 p., il.
BN - DIOGE

Avulsos Poesia e Prosa

- ALVES, Castro. Adeus, meu canto! In: GAMA, A. C. Chichorro da. *Românticos brasileiros*: apontamentos sobre alguns. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1972. 121 p. p. 105-119.
BN - DIOGE
- _____. Aves migratorias. Yeso y bronce. Esther. Versión española de tres poemas... *Revista de Cultura Brasileira*. n. 23, p. 339-342, dez. 1967.
BN - DIPER
- _____. No camarote. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 6.
BN - DIPER
- _____. Canção de um bohemio. *Imprensa Academica*: jornal dos estudantes de São Paulo, São Paulo, 27 ago. 1868, ano 2, n. 14, p. 3.
BN - DIPER
- _____. Cartas às senhoras bahianas. *O Abolicionista*: publicação quinzenal da Sociedade Libertadora Sete de Setembro, Bahia, série 1, n. 4, 30 abr. 1871.
BN - DIORA
- _____. *Consuelo*, de Castro Alves, seguida de lindas cançonetas, monólogos, lundus, recitativos, modinhas etc. São Paulo: Casa Endrizzi, [18-]. [34] p. Contém o poema "Fatalidade".
BN - DIOGE
BN - DIORA
- _____. A cruz da estrada. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 7.
BN - DIPER
- _____. Destruição de Jerusalém. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Pagina dos poetas, 18 dez. 1915.
BN - DIPER
- _____. Deusa incruenta. *Ensaios literários*. Revista mensal da Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Typ. Cosmopolita, anno 5, n. 1, p. 568-570, 31 jan. 1874.
BN - DIOGE

- O gondoleiro do amor. In: *Antologia de poesia brasileira: Romantismo*. Organização de Valentim Facioli e Antônio Carlos Olivieri. São Paulo: Atica, 1985. p. 86-93. Durante um temporal. Adormecida. Vozes d'África. Navio Negroiro.
BN - DIOGE
- Jesuítas e frades: um fragmento inédito de Castro Alves. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 152-179, mar. 1958.
BN - DIPER
- O livro e a América. In: *Antologia de antologias 101 poetas revisitados*. Organizada por Magali Trindade Gonçalves, Zélia Thomaz de Aquino, Zina Bellodi Silva. São Paulo: Musa, 1995. p. 256-175. (Ler os Clássicos, 4). A queimada. Adormecida. O navio negroiro. Tragédia no mar. Último fantasma. O coração. Crepúsculo sertanejo. Vozes d'África.
BN - DIOGE
- *Navio negroiro*. Rio de Janeiro: Imp. Pacheco, [s. d.]. 19 p.
BN - DIOGE
- O navio negroiro. In: *Três grandes poemas brasileiros*. Rio de Janeiro: Serviço de economia Escolar, 1945? p. 23 - 33.
BN - DIOGE
- O navio trigueiro. [O navio negroiro]. In: *Antologia da poesia brasileira*. Organizada por José Valle de Figueiredo. Lisboa, Portugal: Verbo, [1985?]. 222 p., p. 53-58. (Biblioteca básica verbo, 24).
BN - DIOGE
- Pedro Ivo. *Imprensa Academica*: jornal dos estudantes de São Paulo, São Paulo, ano 2, n. 12, 2 ago. 1868, p. 2 - 3.
BN - DIPER
- Rezas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 8-9. Reprodução de original manuscrito de um poema.
BN - DIPER
- Sub tegmine fagi. In: *Brasilica: poesia brasileira*. Selecta organizada pelo dr. Américo Chagas. Rio de Janeiro: [s. n.], 1933. 256 p., p. 9, 14, 16, 92, 95, 154, 159, 163. O baile na flor. A queimada. A cachoeira. Ode aos dois de julho. Vozes d'África. Lúcia. O navio negroiro.
BN - DIOGE
- Último fantasma. A volta da primavera. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 14.
BN - DIPER
- *Uma página da escola realista*: drama cômico em quatro palavras... Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1943. 26 p. 1 v. Impresso com fac-símile do autógrafo.
BN - DIMSS
- *Uma página da escola realista*. [s. l.: s. n., s. d.]. 20 p. Texto impresso e fac-símile do manuscrito.
BN - DIMSS
- Versos de um viajante. Canção do violeiro. Crepúsculo sertanejo. *A manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 5.
BN - DIPER
- Vozes d'África, Navio negroiro, de Castro Alves e Cântico do calvário, de Fagundes Varela. [s.l., s. n., s.d.]. 30 p.
BN - DIOGE
- Vozes d'África. Tragédia no mar. [Navio negroiro]. In: *Os escravos*. Lisboa, Portugal: Tavares Cardoso & Irmão, 1884. 30 p.
BN - DIOGE

PASSONI, Célia A. N. Castro Alves. In: *Romantismo no Brasil*. São Paulo: Núcleo, 1993. 112 p. p. 39-47.
Poemas de Castro Alves.
BN - DIOGE

Correspondência Manuscrita

- ALVES, Castro. *Carta dirigida a Eunápio Deiró*. Bahia, 1871. Original. Manuscrito. 6 p. Em português. Assuntos particulares; fragmentos.
BN - DIMSS
- ____. *Carta ao "prezado amigo Dr. Dutra"*. [José Pereira Dutra]. [s. l.], 15 nov. 1870. Original com autógrafo. Manuscrito. 3 f. Em português. Iniciais coloridas do autor.
BN - DIMSS
- ____. *Carta a seu amigo Augusto Álvares Guimarães*. [s. l.], 1867. Manuscrito com autógrafo. 4 f. Em português. Assunto: poesia e suas obras.
BN - DIMSS
- ____. *Carta a seu amigo Augusto Álvares Guimarães*. Corte, Rio de Janeiro, 24 fev. 1868. Original com autógrafo. Manuscrito. 4 f. Em português. Assuntos particulares.
BN - DIMSS
- ____. *Carta a seu amigo Augusto Álvares Guimarães*. São Paulo, abr. 1868. Original com autógrafo. 6 p. Em português. Assunto: São Paulo.
BN - DIMSS
- ____. *Carta a seu irmão Guilherme*. Corte, Rio de Janeiro, 24 fev. 1868. Original com autógrafo. Manuscrito. 2 f. Em português. Assuntos particulares.
BN - DIMSS
- ____. *Carta a seus irmãos Guilherme, Elisa, Sinhá [Adelaide] e Amélia*. Recife, 18 Jul. 1862. Original com autógrafo. Manuscrito. 1 f. Em português.
BN - DIMSS
- ____. *Carta à sua irmã Adelaide, minha querida Sinhá*. Curralinho, Bahia, 23 abr. 1870. Original. Manuscrito. 4 f. Em português.
BN - DIMSS
- ____. *Cartas*. [s. d.]. Original com autógrafo. Manuscrito. 5 f. Em português. Assuntos particulares; incompletas, sem destinatários.
BN - DIMSS

Correspondência Impressa

- ALVES, Castro. *Correspondência e crítica*. Prefácio e coordenação de Alfredo Mariano de Oliveira. Com um estudo do conselheiro Rui Barbosa e a conferência do dr. Afrânio Peixoto, realizada em 6 de novembro de 1917, na Biblioteca Nacional, além de outros trabalhos. Rio de Janeiro: H. Antunes & Cia. [1920?]. 206 p. il. (Obras completas).
BN - DIOGE
- ____. *Correspondência: inéditos e dispersos*. Salvador: Progresso, 1956. 206 p.
BN - DIOGE

Desenhos, Pinturas e Caricaturas

ALVES, Castro. *Auto-retrato*. Desenho a lápis (2 esboços). Original. Em moldura. 13,5 x 7,5 cm.

BN - DIICO

___ *Cabeças de pessoas*. Desenho a lápis. Original. 15,5 x 10,5 cm e 17,5 x 11 cm.

BN - DIICO

___ *Caricaturas de pessoas feitas por Castro Alves na mesa de jogo em casa de um amigo, em 1869, no Rio de Janeiro*. Fotografia de desenho a lápis. 11,8 x 19,3 cm.

BN - DIICO

___ *Desenhos*: 1. Caçada ao veado. 2. Os tabaréus. 3. Auto-retrato. 4. Vista do tanque. 5. Uma plantação de fumo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de mar. 1947. Letras e artes, contracapa.

BN - DIPER

___ *Um homem a meio corpo de perfil e no verso um cabeça de mulher com alguns versos*. Desenho a lápis. Original. 20 x 11,5 cm e 23 x 14 cm.

BN - DIICO

___ *Madalena aos pés da cruz*. Pintura a óleo. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro, 1958. p. 246.

BN - DIICO

BN - DIORA

___ *Paisagem*. Pintura a óleo em madeira, montada em moldura dourada, feita por Castro Alves. 14 x 12 cm.

BN - DIICO

___ *Reprodução do quadro de Ary Scheffer: Francesca da Rimini*. Desenho original. Em moldura. 10,4 x 15,8 cm.

BN - DIICO

___ *Retrato de Clélia B. de Castro Alves*. Reprodução de um desenho por Castro Alves. 16 x 7,9 cm.

BN - DIICO

___ *Retrato de Eugênia Câmara*. No verso: duas cabeças de homem. Desenho a lápis. Original. 17 x 13 cm e 14,5 x 12,5 cm.

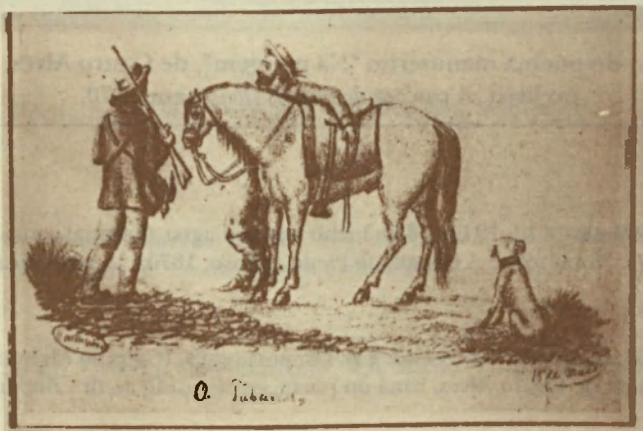
BN - DIICO

___ *Um tabaréu*. Desenho a lápis. Original. 16 x 26 cm.

BN - DIICO

___ *Os tabareos*. Bahia, 13 de março. Fotografia de um desenho a lápis. 17,7 x 11,8 cm.

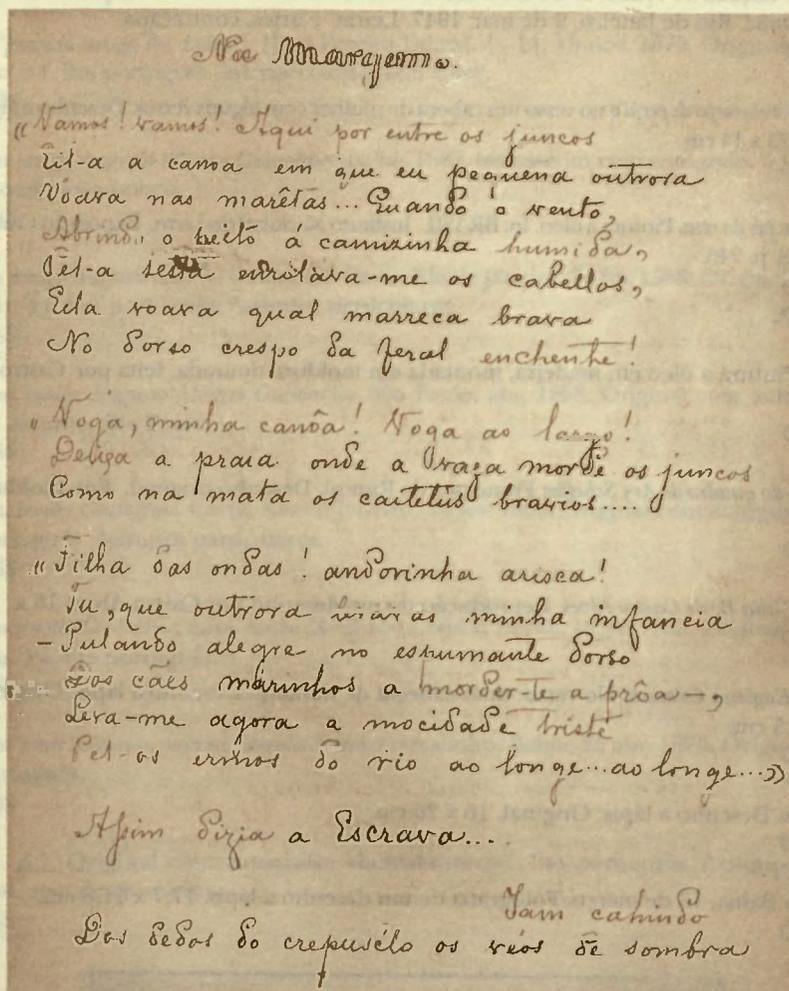
BN - DIICO



Os tabaréus, desenho de Castro Alves.

Manuscritos

- ALVES, Castro. *Agonia e glória*. Último canto do drama-poema Gonzaga. [s. l.], fev. 1867. Original com autógrafo. Manuscrito. 6 f. Em português. Com dedicatória em nome da família Castro Alves, de 29 set. 1901. BN - DIMSS
- ___ . *Amemos!* [s. l.], 1867. Original com autógrafo. Manuscrito. Em português. Citação de "Dama Negra", de Victor Hugo. BN - DIMSS
- ___ . *Boa noite, Maria!* [s. d.]. Original com autógrafo. Manuscrito. 4 f. Em português. BN - DIMSS



Fragmento do poema manuscrito "Na margem", de Castro Alves, reunido no livro *A cascata de Paulo Afonso*, em 1870.

- ___ . *A cascata de Paulo Afonso*. [s. l.], 12 set. 1870. Inclui marca d'água. Original com autógrafo manuscrito. 96 p. Em português. Notas sobre *A cascata de Paulo Afonso*, 1870; "A república dos palhares", 1870. BN - DIMSS
- ___ . *Dalila*. Recife, 1864. Original. Manuscrito. 4 p. Em português. (Coleção Mendes de Moraes.) Cartão de visitas de Adelaide de Castro Alves, irmã do poeta, endereçado ao dr. Berlamino Cordeiro. BN - DIMSS
- ___ . *A Exma. Iaiá Brazilia*. [s. d.]. Original Manuscrito. 1 p. Em português. Rascunho de poema. BN - DIMSS

- . *O gondoleiro do amor*. Recife, 9 jun. 1866. Original com autógrafo. Manuscrito. 4 f. Em português. BN - DIMSS
- . *Hebréa. Onde estás? As duas ilhas*. Bahia/Recife, 1865-1866. Original com autógrafo. Manuscrito. 12 f. Em português. BN - DIMSS
- . *A mãe do captivo*. [s. d.]. Original. manuscrito. 2 p. Em português. BN - DIMSS
- . *Maria Candinha*. [s. l.], 1869. Original. Manuscrito. 1f. Em português. Desenho. BN - DIMSS
- . *Miscelâneas poéticas*. Madrid. Veneza. Se eu te dissesse. O derradeiro amor de Byron. Os anjos da meia-noite. Octavio. Epitáfio para um túmulo de mãe. A cestinha de costura. Pássaro viajante. Durante o temporal. Canção de Gounod. No camarote. O junco e o cipreste. Virgem dos últimos amores. A minha irmã Adelaide. Remorsos. Em que pensas? Bahia, 1870. original com autógrafo. Manuscrito. 68 p. Em português. BN - DIMSS
- . *Ode ao dous de julho*. [s. d.]. Original. Manuscrito. 4 p. Em português. Três caricaturas a tinta e a lápis. BN - DIMSS
- . *Pedro Ivo*. [s. l., s. d.]. Original com autógrafo. Manuscrito. 12 f. Em português. Com o poema “Tríplice diadema”. BN - DIMSS
- . *Penso em ti*. [s. l., s. d.]. Original Manuscrito. 2 f. BN - DIMSS
- . Rascunho de poema. [s. d.]. Original. Manuscrito. 1 f. Em português. Fragmento de um poema de Castro Alves. BN - DIMSS
- . *Sub tegmine fagi*. Boa Vista, 1867. Fotocópia. 2 f. Poema dedicado a Melo Morais. BN - DIMSS
- . *Temporal*. [s. l.], 2 mar. Original com autógrafo. Manuscrito. 2 f. Em português. BN - DIMSS
- . *No teatro*. [s. d.]. Original. Manuscrito. 2 f. Em português. Caricatura e legenda de Augusto Álvares de Azevedo. BN - DIMSS
- . *Tríplice diadema*. Recife, ago. 1866. Original com autógrafo. Manuscrito. 1 f. Em português. Com o poema “Pedro Ivo”. BN - DIMSS
- . *Tudo o que resta do Drama D. Juan*, ou a prole de Saturno. [s. l., s. d.]. Original. Manuscrito. 42 f. Em português. (Coleção Regina de Castro Álvares Guimarães). BN - DIMSS
- . *A violeta*. [s. l.], 23 jan. Original com autógrafo. Manuscrito. 4 f. Em português. BN - DIMSS
- . *O vidente e outros poemas*. São Paulo, 1868. Apógrafos. Manuscritos. 4 doc. Em português. BN - DIMSS

Obras

- ALVES, Castro. *A cachoeira de Paulo Affonso*: poema original brasileiro com prefácio de Amador Santelmo. Rio de Janeiro: H. Antunes, [1920?]. 69 p.
BN - DIOGE
- _____. *A cachoeira de Paulo Afonso*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1952?] 113p.
BN - DIOGE
- _____. *A cachoeira de Paulo-Affonso*: poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos, sob o título de Manuscriptos de Stenio. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1976. 122 p. Ed. fac-similar.
BN - DIOGE
- _____. *Os escravos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. 240 p. Rio de Janeiro: F. Alves, 1921. Ed. fac-similar.
BN - DIOGE
- _____. *Os escravos*. Introdução de Oliveira Ribeiro Neto. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Martins, [1947?]. 190 p. il. (Biblioteca de literatura brasileira, 9).
BN - DIOGE
- _____. *Os escravos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1952?]. 100 p.
BN - DIOGE
- _____. *Os escravos*. Introdução de Oliveira Ribeiro Neto. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Martins, [1955?]. 266 p. il. (Biblioteca de literatura brasileira, 3).
BN - DIOGE
- _____. *Os escravos*. Introdução de Oliveira Ribeiro Neto. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1972. 240 p. (Biblioteca de literatura brasileira).
BN - DIOGE
- _____. *Os Escravos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. 240 p. Ed. fac-similar de 1921.
BN - DIOGE
- _____. *Espumas fluctuantes*: poesias de Castro Alves, estudante do quarto anno da Faculdade de Direito de São Paulo. Bahia: Camillo de Lellis Masson & C., 1870. 204 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- _____. *Espumas fluctuantes*: poesias de Castro Alves. 2. ed. Bahia: Francisco Olivieri, 1875. 216 p.
BN - DIOGE
- _____. *Espumas fluctuantes*. Prefacio de Franklin Távora. Nova edição. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [188 -]. 259 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- _____. *Espumas fluctuantes*: poesias. 4. ed. correcta. Bahia: Francisco Olivieri, 1880. 240 p.
BN - DIOGE
- _____. *Espumas fluctuantes*: poesias. 5. ed. corr. e augm. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1881. 221 p.
BN - DIOGE
- _____. *Espumas fluctuantes*: poesias de Castro Alves. 5. ed. corrigida por um distinto poeta e augmentada; muitas poesias ineditas. Rio de Janeiro: Serafim José Alves, [1881?]. 160 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- _____. *Espumas fluctuantes*. Nova ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1883. xi, 267 p.
BN - DIOGE

PROLOGO.

Era por uma d'essas tardes em que o azul do céu oriental—é pallido e saudoso, em que o rumor do vento nas vergas—é monotonico e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio—è queixoso e tetrico.

Das bandas do occidente o sol se atufava nos mares « como um brigue em chammas »... e d'aquelle vasto incendio do crepusculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Além... os cerros de granito d'essa formosa terra de Guanabara, vacillantes, á luctarem com a onda invasora de azul, que descia das alturas,... recortavam-se indecisos na penumbra do horisonte.

Longe, inda mais longe... os cimos phantasticos da serra dos Orgãos embebiam-se na distancia, sumiam-se, abysmavam-se n'uma especie de naufragio celeste.

Só e triste, encostado á borda do navio, eu seguia com os olhos aquelle esvaccimento indifinido e minha alma apegava-se á forma vacillante das montanhas—derradeiras atalaias dos meus arraiaes da mocidade.

É que lá d'essas terras do sul, para onde eu levava o fogo de todos os entusiasmos, o viço de todas as illusões, os meus vinte annos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de gloria e de futuro;... é que d'essas terras do sul, onde eu penetra « como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano; »... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por única ambição—a esperança de repouso em minha patria.

Foi então que, em face d'estas duas tristezas,—a noite que descia dos céus,—a solidão que subia do oceano—, recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara; nem se quer a lembrança d'esta alma, que convoseo e por vós vivera e sentira, gemera e cantara..

O' espiritos errantes sobre a terra! O' velas enfunadas sobre os mares!... Vós bem sabeis quanto sois ephimeros...—passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando—comediantes do infinito—vos obumbraes nos bastidores do abysmo, o que resta de vós?

—Uma esteira de espumas...—flores perdidas na vasta indifferença do oceano.—Um punhado de versos...—espumas fluctuantes no dorso fero da vida!...

E o que são na verdade estes meus cantos?...

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, elles são filhos da musa—este sopro do alto; do coração—este pelago da alma.

E como as espumas são, as vezes, a flora sombria da tempestade, elles por vezes reventaram ao estalar fatidico do latego da desgraça.

E como tambem o aljofre dourado das espumas reflecte as opalas, rutilantes do arco-iris, elles por acaso reflectiram o prisma phantastico da ventura ou do entusiasmo—estes signos brilhantes da alliança de Deus com a juventude!

Mas, como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a lagrima saudosa do marujo... possam elles, ó meus amigos!—ephimeros filhos de minh'alma—levar uma lembrança de mim ás vossas plagas!...

S. Salvador—Fevereiro de 1870.

CASTRO ALVES.

Prólogo da primeira edição
de *Espumas flutuantes* escrito na cidade de Salvador, em fevereiro de 1870.

- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova edição. Porto Alegre: Carlos Pinto & C., sucessores, Americana, [1888?]. 301 p.
BN - DIORA
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. rev. e melhorada. S. Paulo: Teixeira & Irmão, 1889. 267 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Prefácio de Franklin Távora. Nova ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1895?]. 259 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Prefácio de Franklin Távora. Nova ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1897?]. 259 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Prefácio de Franklin Távora. Nova ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. 259 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Prefácio de Franklin Távora. Nova ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904. 259 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. Porto Alegre: C. Echenique, 1909. 216 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. São Paulo: Magalhães, [1915?]. 256 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. São Paulo: Magalhães, [1918?]. 256 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. completa e augmentada com um breve prefácio de Amador Santelmo.
Rio de Janeiro: H. Antunes, 1918. 140 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. correcta. Rio de Janeiro: H. Antunes, [1920?]. 144 p. (Obras completas).
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Nova ed. correcta. Prefácio de Cândido de Figueiredo. Rio de Janeiro: H. Antunes,
1923. 166 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*. Reprodução fiel da ed. de 1870, com introdução, bibliographia e notas críticas de
Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Guanabara, [1933?]. 282 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*: poesias. Notas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1943. 250 p. il.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas fluctuantes*: poesias de Castro Alves. Ilustrações de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos
do Brasil, 1947. 240 p. il.
BN - DIORA
- ___ *Espumas flutuantes*: poesias. Nova edição. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1947. 206 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Salvador: Progresso, 1952. 223 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1957. 215 p.
BN - DIOGE

- ___ *Espumas flutuantes*. Edição rigorosamente de acordo com a primeira, publicada em vida do autor. Salvador: Progresso, [1958?]. 227 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1969. 189 p. il. (Edições de ouro. Biblioteca idade de ouro).
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*: poesias. Salvador: GRD; Rio de Janeiro: INL, 1970. 205 p. Ed. fac-similar.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. São Paulo: Círculo do Livro, [1973?]. 204 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1974?]. 188 p.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Com estudo de Ivo Barbieri. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1974. 122 P.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Ed. escolar. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1974?]. 122 p. (Edições de ouro). Texto completo e cotejado; dados críticos e biográficos.
BN - DIOGE
- ___ *Espumas flutuantes*. Preparo do texto e introdução por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: CEA, 1974. 140 p. (Coleção Anel, 2).
BN - DIOGE
- ___ *Gonzaga ou a revolução de Minas*. drama historico brasileiro. Precedido de uma carta do Exm. Sr. Cons. José de Alencar e outra do Ilmo. Sr. Machado de Assis. Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1875. xx, 90 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- ___ *Gonzaga ou a revolução de Minas*: drama histórico brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. de Escola Serafim José Alves, [1876?]. 88 p. (Bibliotheca theatral).
BN - DIORA
- ___ *Gonzaga ou A revolução de Minas*. Drama histórico brasileiro, precedido de um prefácio de Amador Santelmo. Rio de Janeiro: H. Antunes, [1920?]. 144 p. (Obras completas).
BN - DIOGE
- ___ *Gonzaga ou A revolução de Minas*. Salvador: Progresso, 1956. 219 p.
BN - DIOGE
- ___ *Gonzaga ou a revolução de Minas*. drama em 4 atos. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972. 175 p. (Coleção dramaturgia brasileira).
BN - DIOGE
- ___ *Hymnos do Equador*. Com introdução e notas de Afranio Peixoto. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934. 282 p. (Obras completas).
BN - DIOGE
- ___ *Hinos do Equador*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1952?]. 80 p.
BN - DIOGE
- ___ *Hinos do Equador*. Cidade do Salvador: Progresso, 1956. 250 p.
BN - DIOGE

Obras Completas

- ALVES, Castro. Obra completa. Organização, fixação do texto, cronologia, notas e estudo crítico por Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. 906 p. il. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, 18).
BN - DIOGE
- _____. Obra completa. Organização, estudo crítico, fixação do texto, cronologia e notas liminares por Eugênio Gomes... 2 ed. Rio de Janeiro: J. Aguilar, [1966?]. 794 p. il. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série brasileira, 18).
BN - DIOGE
- _____. Obra completa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. 906 p. il. (Biblioteca luso brasileira. Série brasileira, 18).
BN - DIOGE
- _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
BN - DIOGA
- _____. Obras completas de Castro Alves. Novíssima ed. precedida de uma notícia sobre o autor por M. Said Ali. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. 2 v.
BN - DIOGE
- _____. Obras completas de Castro Alves... Ed. crítica comemorativa do cinquentenário do poeta... Rio de Janeiro: F. Alves, 1921. 2 v. il.
BN - DIOGE
- _____. Obras completas de Castro Alves... São Paulo: Nacional, 1938. 2 v. il. (Livros do Brasil).
BN - DIOGE
- _____. Obras completas de Castro Alves, v. 1: *A cachoeira de Paulo Affonso. Os escravos*. Traduções e inéditos. Nova ed. rigorosamente revista, com um prefácio de Agripino Grieco. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943. (Coleção grandes poetas do Brasil)
BN - DIOGE

Obras Reunidas

- ALVES, Castro. *A cachoeira de Paulo-Afonso*: poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos, sob o título de Manuscriptos de Stenio. Bahia: Imprensa Economica, 1876. 122 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- _____. *A cachoeira de Paulo Affonso*: poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos, sob o título de Manuscriptos de Stenio. 2 ed. aumentada. Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1882. 188 p.
BN - DIOGE
- _____. *A cachoeira de Paulo Affonsa* poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos, sob o título de *Manuscriptos de Stenio. Gonzaga ou A revolução de Minas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [18-]. 191, xxiii p., f., 135, 2 p.
BN - DIOGE
- _____. *A cachoeira de Paulo Affonsa* poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos sob o título de Manuscriptos de Stenio. *Gonzaga ou A revolução de Minas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888. 352 p. (Obras completas, 2).
BN - DIOGE
- _____. *A cachoeira de Paulo Affonso*: poema original brasileiro. Fragmentos dos Escravos sob o título de Manuscriptos de Stenio. *Gonzaga ou A revolução de Minas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1895?]. 352 p.
BN - DIOGE

- ____. *A cachoeira de Paulo-Affonso*: poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos, sob o título de Manuscriptos de Stenio. *Gonzaga ou A revolução de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902. 352 p. (Obras completas, 2).
BN - DIOGE
- ____. *A cachoeira de Paulo-Affonso*: poema original brasileiro. Fragmento dos Escravos, sob o título de Manuscriptos de Stenio. *Gonzaga ou A revolução de Minas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1906]. 352 p. (Obras completas, 2).
BN - DIOGE
- ____. *A cachoeira de Paulo Affonso e Os escravos*. Nova ed. Prefácio de Renato Travassos. Rio de Janeiro: Guanabara, [1932?]. 163 p.
BN - DIOGE
- ____. *A cachoeira de Paulo Affonso. Os escravos*. Nota biographica e revisão de Bandeira Duarte. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1938. 211 p.
BN - DIOGE
- ____. *Os escravos*: poema brasileiro dividido em duas partes: I - *A cachoeira de Paulo-Affonso*, II - *Manuscriptos de Stenio*. Precedido da biographia do poeta por Mucio Teixeira. Ed. Popular. Rio de Janeiro: Typ. da Escola de Serafim José Alves, [1883?]. lxxi, 110 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- ____. *Os escravos e A cachoeira de Paulo Afonso*. Salvador: Progresso, 1956. 200 p. (Obras completas de Castro Alves).
BN - DIOGE
- ____. *Os escravos. A cachoeira de Paulo Afonso*. II de Edmundo Rodrigues. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1969. 182 p. il. (Edições de ouro. Biblioteca idade de ouro).
BN - DIOGE
- ____. *Espumas fluctuantes e Hymnos do Equador*. Com uma nota biographica e revisão de Bandeira Duarte. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1938. 252 p.
BN - DIOGE
- ____. *Espumas fluctuantes e Hymnos do Equador*. com uma nota biographica e revisão de Bandeira Duarte. Nova ed. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1940. 252 p.
BN - DIOGE
- ____. *Espumas stutuantes e Hymnos do Equador*. com uma nota biographica e revisão de Bandeira Duarte. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1946. 256 p.
BN - DIOGE
- ____. *Espumas stutuantes. Navio negroiro. Vozes d'África*. Ilustrações de Alberto Lima. Rio de Janeiro: Laemmert, [1948?]. 160 p.
BN - DIOGE
- ____. *Espumas stutuantes*. Hinos do Equador. Os escravos. A cachoeira de Paulo Afonso. A canção do africano. O voluntário do sertão. A bainha do punhal. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. São Paulo: Lep, [1950?]. 1157 p. p. 1035 - 1157.
BN - DIOGE
- ____. *Espumas stutuantes. Vozes d'África. Navio negroiro*. poesias. Nova ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1951. 222 p.
BN - DIOGE
- ____. *Espumas stutuantes. Vozes d'África. Navio negroiro*: poesias. Ed. Popular. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1955. 224 p.
BN - DIOGE

- ____. *Espumas flutuantes e Tragédia no mar*. [O navio negreiro]. Rio de Janeiro: Brand, [1957?]. 215 p. BN - DIOGE
- ____. *Espumas flutuantes. Vozes d'África. Navio negreiro*: Ed. popular. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1957. 224 p. BN - DIOGE
- ____. *Espumas flutuantes. Vozes d'África. Navio negreiro*: poesias. Ed. popular. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1960. 189 p. il. BN - DIOGE
- ____. *Espumas flutuantes. Vozes d'África. Navio negreiro*: poesias de Castro Alves. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964. 189 p. il. (Edições de ouro). BN - DIOGE
- ____. *Espumas flutuantes. Vozes d'África. Navio negreiro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964. 189 p. il. (Edições de ouro. Clássicos brasileiros). BN - DIOGE
- ____. *Poesias até agora não reunidas em volume*. Bahia: Catilina de Romualdo dos Santos, [1913?]. 192 p. Hinos do Equador. BN - DIOGE

Periódicos

O FUTURO: periodico scientifico e litterario. Recife: Typ. Commercial de G. H. de Mira, ano 1, n. 2, 4, 30 jun., 30 ago. 1864. Redactores: Antônio de Castro Alves, Luiz Ferreira Maciel Pinheiro, Aristides Milton, Antônio Alves de Carvalho. BN - DIORA

O MYOSOTE: jornal litterario. Rio de Janeiro: Typ. da Opinião Liberal, ano 1, n. 1, 1869. Publicação mensal por Gratulino Coelho, Bruno Seabra, Castro Alves *et al*. BN - DIORA

Gazeta Litteraria

PUBLICAÇÃO QUINZENA

Assignada e vendida no escritório de Viana & Lixa, rua do Ouvidor, n.º 74.

TRIMESTRE: — Cênto 15000. PROVINCIAS 18200. Numero avulso 200 rs.

ANNO I.

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1884.

N.º 12.



O Cantor dos Escravos.

Qualquer que seja o nome da crítica e do — cultura no paizão dos cre-
particularmente a terra do Brasil — seja paião de seja o lado "do lugar
bora empallidece o fulgor de sua vida; porventura, — um tanto de gloria, quan-
do posta deante do largo sul da l'arte: — talis, e de benedicta a a geração por



CASTRO ALVES

N. 14 de Março de 1847. † 9 de Julho de 1871.

vir, não lhe ha de ser seguramente negado
e de gl'ria de louros, quando em-
marcha, um heroi vultuoso com brilho
e frasco immarcescíveis.
No torvelim das ondas do tempo apa-

gar-se em talco vaporizadas as fúllan-
te: espuma' que grida fúrtim nos mae-
e expira... como cantos d'acordes
... .. e d'acordes nas amplidões
fronteras e solitarias do Oceano.

Capa da *Gazeta Literária* que dedica a Castro Alves a edição do dia 31 de março de 1884.

Poemas Musicados (Partituras)

O baile na flor. Romanza para soprano com acompanhamento de piano. Música de Meneleu Campos. Poesia de Castro Alves. Milão, Itália: Cop. Mus. do prof. Achille Bernardi, [s. d.]. 5 p. Partitura.

BN - DIMAS

O baile na flor. Coro para vozes femininas. Música de Alberto Nepomuceno. Poesia de Castro Alves. Rio de Janeiro: E. S. Mangione. [s. d.]. 5 p. Partitura.

BN - DIMAS

Canção do bohemio. Recitativo para piano. Op. 8. Música de E. do Lago. Poesia de Castro Alves. [s. l., s. n.]. 3 p. Partitura.

BN - DIMAS

Canção do violeiro. Para canto e piano. Op. 38. Música de O. Lorenzo Fernandes. Poema de Castro Alves. 2 ed. Rio de Janeiro: Viúva Beviláqua, [s. d.]. 3 p. Partitura.

BN - DIMAS

O coração. Canção brasileira. Música de João B. Julião. Versos de Castro Alves. São Paulo: A Melodia, [c. 1941]. 5 p. Canto e piano. Partitura.

BN - DIMAS

O coração. Cantiga. Música de Manuel Maria. Poesia de Castro Alves. Rio de Janeiro: Vieira Machado & C., 1915. 3 p. (Cantos escolares.) Partitura.

BN - DIMAS

O coração. Música de Homero Dornelas. Versos de Castro Alves. [s. l., s. n., 19 -]. 3 p. Partitura.

BN - DIMAS

GONDOLÊIRO DO AMOR
Solo, Ou Solo e Côro
MODINHA BRASILEIRA

Letra de CASTRO ALVES
Harmonização e Arranjo Orquestral de
JOÃO BAPTISTA JULIÃO

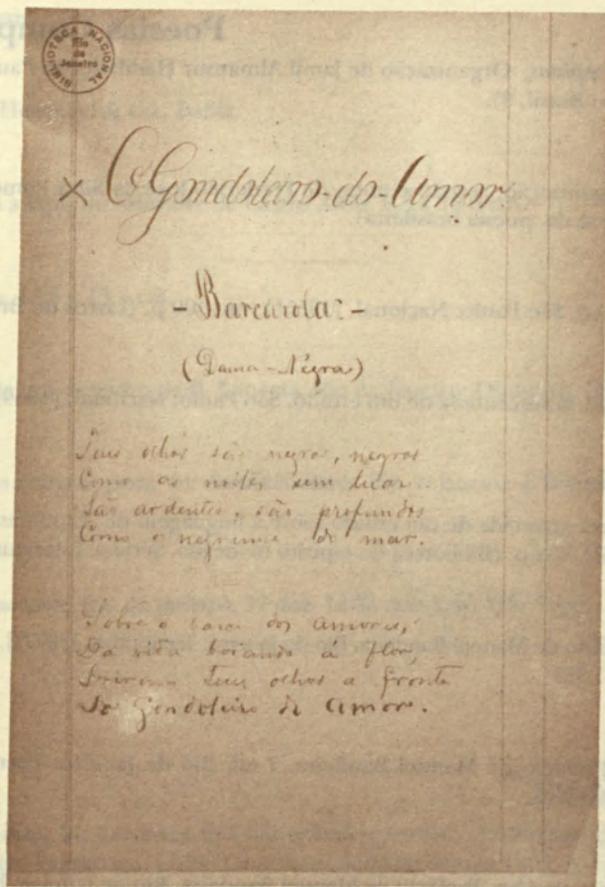
TEMPO LEVÉ CARCÓLA

1.^a 2.^a e 3.^a Var.
PIANO

1.^a 2.^a e 3.^a Var.
PIANO

Reprodução autorizada para todos os países "B. B. MARIANO" - BRITICA "A. M. B. L." - J. Paulo - Brasil
Copyright 1956 by "B. B. MARIANO" e Editor J. S. Paulo - Brasil - All rights reserved under various names
Reproduction de toutes les formes de diffusion musicale et intellectuelle pour tous les pays
Impression de l'Imprimerie Nacional de Música do Rio de Janeiro.

Partitura do poema "O gondoleiro do amor" de Castro Alves, harmonizado pelo maestro João Batista Julião, em 1956.



Fragmento do poema manuscrito "O gondoleiro do amor", dedicado à Eugênia Câmara, escrito em 9 de junho de 1866.

As duas flores. Letra de Castro Alves. Música de Fabiano R. Lozano. 3 volumes iguaes a capella ou com acompanhamento de piano. São Paulo: G. Ricordi & C., [s. d.]. 6 p. (Biblioteca orfeônico-escolar, 3). Partitura
BN - DIMAS

Gondoleiro do amor. Modinha. Poema de Castro Alves. Arranjo e harmonização para piano ou canto e piano por João Portaro. São Paulo: Fermata do Brasil, [c. 1956]. [2] p. (Coleção grandes obras para pequenos pianistas.) Partitura.
BN - DIMAS

Gondoleiro do amor. Modinha brasileira. Palavras de Castro Alves. Harmonização e arranjo orfeônico de João B. Julião. S. Paulo: E. S. Mangione, [c. 1942?]. 5 p. Coro e solo parapiano. Partitura
BN - DIMAS

Maria. Modinha popular da Bahia recolhida e harmonizada por Olga Prager. Poema de Castro Alves. [1] p. Partitura. Suplemento da Ilustração Musical, ano 2, nº. 2, fev. 1931.
BN - DIMAS

Minha Maria. Canção. Op. 1, nº. 2. Original para voz aguda. Música de Oswaldo Lacerda. Poema de Castro Alves. São Paulo: E. S. Mangione, [194 -]. 5 p. Canto e piano. Partitura.
BN - DIMAS

Noite de amor. Música de Sílvio Salema. Poema de Castro Alves. [s. l., s. n., 19 -]. 2 p. Partitura.
BN - DIMAS

O poeta e o caminheiro. Canção. Poema de Castro Alves. Música de Francisco Gomes Faro. São Paulo: E. S. Mangione. [S. d.]. 3 p. (Coleção Marcy Gomes, 7.) Canto e piano. Partitura.
BN - DIMAS

Poesias Completas

- ALVES, Castro. *Poesias completas*. Organização de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Nacional, [1952?]. viii, 500 p. (Livros do Brasil, 9).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas*. Organização, revisão e notas de Frederico José da Silva Ramos. São Paulo: Saraiva, 1953. 619 p. (Estante da poesia brasileira).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas*. 2. ed. São Paulo: Nacional, [1955?]. viii, 500 p. (Livros do Brasil, 9).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas*. 3. ed. acrescentada de um estudo. São Paulo: Nacional, [1959?]. lxxiii, 506 p. (Livros do Brasil, 9).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas*. 4. ed. acrescida de um estudo sobre a linguagem de "Espumas flutuantes". São Paulo: Ed. Nacional, [1966?]. 432 p. (Biblioteca do espírito moderno. Série 4. Literatura, 25).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas*. Prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1972?]. 521 p. il. (Edições ouro. Clássicos brasileiros, 1.313).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas*. Prefácio de Manuel Bandeira. 7 ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, c 1990. 300 p. (Coleção Prestígio).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas de Castro Alves*. Prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Ediouro, [1993?]. 300 p. (Prestígio).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas de Castro Alves*. Prefácio de Manuel Bandeira. 17 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. 300 p. (Prestígio).
BN - DIOGE
- _____. *Poesia completas de Castro Alves*. 18 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [1995?]. 300 p. (Prestígio).
BN - DIOGE

Retratos de Castro Alves

- AGOSTINI, Angelo. Litografia. Rio de Janeiro: Lit. Imp. Rensburg, [1890?]. 18,7 x 21,8 cm.
BN - DIICO
- _____. Litografia. 22, 8 x 19 cm.
BN - DIICO
- BRASIL. Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro, 1958. 372 p. il.
BN - DIORA
BN - DIICO
- Busto. Reprodução de litografia. P & B. 32 x 24 cm.
BN - DIICO
- FERREIRA, Hermelino Lopes Rodrigues. Castro Alves aos 16 anos. In: *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Pongetti, [1947?]. v. 1.
BN - DIOGE

Fotografia. 10,7 x 7,1 cm.

BN - DIICO

Fotografia de Alberto Henschel & Co., Bahia.

BN - DIICO

Fotografia do desenho a lápis de Adelaide de Castro Alves. 8,5 x 13,6 cm.

BN - DIICO

Fotografia de litografia. 18,5 x 13,4 cm.

BN - DIICO

Fotogravura colorida de um desenho de B. Lanceta. Rio de Janeiro: Olímpica, [1957?]. 20,9 x 14,8 cm.

BN - DIICO

GARNIER, M. J. Desenho a bico de pena. In: *Sonetos brasileiros*. Rio de Janeiro: F Briguiet & Cia., 1834 - 1851. v. 2, n. 81. 11,9 x 9,9 cm.

BN - DIICO

A meio corpo. *Vida fluminense*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1870, ano 3, n. 155. Capa.

BN - DIPER

Traduções

ALVES, Castro. La calandria. In: *Los cantos del Sabiá: artículos y poesias...* Traducidos por Clemente Barahona Vega y Leonardo Eliz. Valparaiso, Chile: Lit. e Imp. SudAmericana, 1903. p. 15.

BN - DIOGE

_____. La cascada. In: *Antologia de poetas líricos brasilenos*. Organización de Francisco Soto y Calvo. Buenos Aires, Argentina: Agencia General de Librería y Publicaciones, 1922. p. 244-252. Com outras poesias do autor.

BN - DIOGE

_____. *Elektitaj poema* Tradukis L. H. Knoedt. Rio de Janeiro: Zamenhof-Jaro, 1959. 184 p. il. Ministerio de Edukado Kaj Kulturo. Univertato de Bahia.

BN - DIOGE

_____. *Kaxmpy Aubee* Tradução por Inna Tynianova. Moscou: Ed. de Literatura Artística do Estado, 1958. 132 p.

BN - DIOGE

_____. *Navio negreiro*. Traduções de David Barnhart, van der Haegen e Hubert Reichsgrafv Schoenfeld. Comentários de Pinto de Aguiar, Edison Carneiro e Godofredo Filho. Salvador: Progresso; Universidade da Bahia, 1959 [c. 1958]. 1 v. il. 19 est. Tradução para o português, francês, inglês e alemão.

BN - DIICO

_____. *El navio negreiro y otros poemas de Castro Alves*. Traducción de Francisco Villaespesa. Madrid, Espanha: Alexandre Pueyo, 1930. 163 p. (Biblioteca brasilena. Los Poetas).

BN - DIOGE

_____. *Otoci*. Prelolizi a poznámlcami opatrili Kamil Bednar a Zdenek Hampys. Praha: Knihovna Klasiku, 1951. 144 p. Tradução para o tcheco de: *Os escravos*.

BN - DIOGE

CARMO, José Arimateia Pinto do. *Ciclos de la poesia brasilena*. Traducción del dr. Andrés J. Abad. Bogotá: Fondo de Ed. Indoamericanos, 1955. 144 p. il. (Ensayistas brasileiros).

BN - DIOGE

Fotografia de 107 x 147 cm. BN - DICO

Fotografia do desenho a lápis de Abelardo de Castro Alves, 22 x 13,8 cm. BN - DICO

Fotografia de 107 x 147 cm. BN - DICO

Fotografia colorida de um desenho de B. Lacerda, Rio de Janeiro, Olímpica, [1927?], 20,9 x 14,8 cm. BN - DICO

GARNIER, M. J. Desenho a lápis de poeta. In: Semanário. Rio de Janeiro: F. Brigante & Cia., 1891-1892. v. 2. BN - DICO

A meio corpo. Visto de frente. Rio de Janeiro, 17 dez. 1870, ano 2, n. 155. Capa. BN - DICO

Traduções

ALVES, Castro. La calandria. In: L'Amour de la Patrie. Tradução por G. de S. BN - DICO

Aves y el conde. In: L'Amour de la Patrie. Tradução por G. de S. BN - DICO

Edição de Castro Alves. Rio de Janeiro: Xamandô, 1959. 184 p. Il. minúscula de E. de S. BN - DICO

Russia. Tradução por J. de S. BN - DICO

Retratos de Castro Alves

Comissão de Fato de Aguiar, Edson Carneiro e Godofredo Filho. Rio de Janeiro: Livraria da Bahia, 1939. 1 e. 19 cm. Tradução para o português, francês, inglês e espanhol. BN - DICO

El poeta negro y sus poemas de Castro Alves. Tradução de Francisco Vilaspeca. Madrid, Espanha: Alarcón, 1959. 162 p. BN - DICO

Obra. Prefácio a português. Rio de Janeiro: Xamandô, 1959. 184 p. BN - DICO

GARCIA, José Adalberto. Fato de Aguiar. Rio de Janeiro: Xamandô, 1959. 144 p. Il. (reprodução em cores). BN - DICO

- ALENCAR, José. Carta ao Brasil, sr. Machado de Assis, Salvador, 18. 12. 1871. 1.ª ed. Imprensa de ALVES, Castro. A cathoico de Paulo Alfonso, 1871.
BN - DIOGE
- ___ Um Poeta: carta a Machado de Assis. *Correio Mensual*, Rio de Janeiro, 28 set. 1898.
BN - DIPER
- ALVES, José Augusto de Castro. *Sturto Improvisado*. Bahia, 1923. Original com autógrafo. 1 p. Em português.
BN - DIMSS
- ALVES, Antônio José. *Considerações sobre a poesia portuguesa que resultou d'essa patria*. Rio de Janeiro, 1841. 30 p.
BN - DIOGE
- ___ *Alguns estudos de caracterização da poesia portuguesa de Bento Gonçalves*. In: *Castro Alves: o olhar do outro*. Outros Autores. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. 11 p. Em português.
BN - DIOGE
- AMADO, Jorge. *O nome de Castro Alves*. In: *Castro Alves: o olhar do outro*. Outros Autores. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. 11 p. Em português.
BN - DIOGE
BN - DIOGA
- ARTIGO da Comissão Mista sobre a poesia de Castro Alves. Bernardo Guimarães na Associação de Ciências e Letras de Pernambuco. [s. n.]. Recife, 1908. Cópia datilografada. 5 l. Em português.
BN - DIMSS
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Resposta a um sr. Alencar*. Rio de Janeiro, *Correio Mensual*, 1 mar. 1858.
BN - DIPER
- BARRETO, Rosendo Monte. *Castro Alves*. No *2.ª seção*, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1881.
BN - DIPER
- BRASH, Lauffonar A. *Castro Alves e Zélio de Moraes*, 25 mar. 1917, ano 35, n. 12005.
BN - DIPER
- GÂMARA, Eugênia. *Alves viveu dois alves, o poeta e o soldado*. Original com autógrafo. 3 p. Em português. Poema dirigido a Castro Alves.
BN - DIMSS
- ___ *Segunda edição* de poemas da atriz Eugênia Infante Casassa. Nova ed. seguida de uma seleção de outras poesias de diversos autores dedicadas a mesma atriz durante as suas viagens ao Império do Brasil, 1860 - 1864. Fortaleza: Typ. Commercial, 1924. 100. 48 p.
BN - DIOGA
- CARVALHO, Aloisio de. *Castro Alves e o Brasil*. Um debate de Castro Alves iniciado pelo poeta. *Revista*, *Jornal de Notícias*, Bahia, 5 jul. 1898.
BN - DIPER
- CARTA da Gelina Francisca de Nóbrega endereçada a Castro Alves em verso: "No momento de Castro Alves". Escrita em favor das causas republicanas francoprogressivas. *Diário da Bahia*, 27 set. 1871. assinada por Eug. Maria, Gelina. Assinada do nome mesmo. 1 l. Em francês.
BN - DIMSS

Castro Alves

o olhar do outro

Outros Autores

Outros Autores

Avulsos

- ALENCAR, José. *Carta... ao ilmo. sr. Machado de Assis*. Salvador: [s. n.], 1871. v-xii. Separata de: ALVES, Castro. *A cachoeira de Paulo Affonso*, 1871.
BN - DIOGE
- _____. Um Poeta: carta a Machado de Assis. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1868.
BN - DIPER
- ALVES, José Antônio de Castro. Soneto improvisado. Bahia, 1861. Original com autógrafo. 1 p. Em português.
BN - DIMSS
- ALVES, Antônio José. *Considerações sobre os enterramentos por abusos praticados nas igrejas e recintos das cidades: perigos que resultão d'essa pratica... tese: Faculdade de Medicina da Bahia*. Bahia: Typ. de E. S. Pedroza, 1841. 30 p.
BN - DIOGE
- _____. *Memória histórica dos acontecimentos ocorridos no anno de 1851 na Faculdade de medicina da Bahia organizada para servir-lhe de chronica...* Bahia: Typ. dec. de Lellis Masson, 1858. 32 p.
BN - DIOGE
- AMADO, Jorge. *O amor de Castro Alves: história de um poeta e sua amante (em um prólogo, três atos e um epílogo)*. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1947. 185 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- ARTIGO do *Correio da Manhã* sobre a posse das cadeiras de Castro Alves e Bernardo Guimarães na Associação de Ciências e Letras de Petrópolis. [s. l.], 19 maio 1926. Cópia datilografada. 5 f. Em português.
BN - DIMSS
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Resposta a José de Alencar. Rio de Janeiro, *Correio Mercantil*, 1 mar. 1868.
BN - DIPER
- BARRETO, Rosendo Moniz. Castro Alves. *Rio de Janeiro, Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1881.
BN - DIPER
- BRASIL, Laudionor A. Castro Alves. *A Tarde*. Salvador, 23 mar. 1947, ano 35, n. 12065.
BN - DIPER
- CÂMARA, Eugênia. *Adeos irmão desta alma, digo-te adeos!* Original com autógrafo, 3 p. Em português. Poema dirigido a Castro Alves.
BN - DIMSS
- _____. *Segredos d'alma: poesias da actriz Eugenia Infante Camara*. Nova ed. seguida de uma colleção de varias poesias de diversos autores dedicadas a mesma actriz durante as suas viagens no Império do Brasil, 1860 - 1864. Fortaleza: Typ. Constitucional, 1964. 100, 48 p.
BN - DIORA
- CARVALHO, Aloísio de. Cantando e rindo. Em defesa de Castro Alves atacado pelo poeta Olavo Bilac. *Jornal de Notícias*, Bahia, 6 jul. 1898.
BN - DIPER
- CARTA da Colônia Francesa da Bahia agradecendo a Castro Alves os versos "No meeting do Comité du Pain", escritos em favor das vítimas da guerra franco-prussiana. Datada da Bahia, 11 fev. 1871, assinada por Eug. Marsóo. Original. Autógrafo manuscrito. 1 f. Em francês.
BN - DIMSS

- CARTA de Balu Torqual à D. Adelaide de Castro Alves, pedindo-lhe subsídios poéticos referentes ao poeta Guilherme de Castro Alves, para o Novo parnaso brasileiro. [s. l.], 6 maio 1901. Autógrafo.
BN - DIMSS
- CASTRO, Galdino de. Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947, ano 72, n. 74.
BN - DIPER
- CASTRO ALVES DE BRASIL. In: NERUDA, Pablo. *Obras Completas*. Buenos Aires, Argentina: Losada, 1956. p. 1166.
BN - DIOGE
- CORREIA, Raimundo. Castro Alves. Soneto. *O Americano*, São Paulo, 6 jul. 1881.
BN - DIPER
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Castro Alves: o anjo da liberdade*. Salvador: Edição do autor, 1981. 8 p.
BN - DIMAS
- _____. *Castro Alves: o apóstolo da liberdade*. Salvador: Edição do autor, 1982. 8 p. (Literatura de cordel, 1581).
BN - DIOGE
- _____. *Castro Alves: o apolo mártir do amor*. Salvador: Edição do autor, 1986. 7 p. (Literatura de cordel, 1745).
BN - DIMAS
- _____. *Parque Histórico Castro Alves: Fazenda Cabaceiras, ninho do Poeta, Muritiba, Bahia*. Salvador: Edição do autor, [s.d.]. (Literatura de cordel, 1685).
BN - DIMAS
- _____. *Castro Alves: o poeta dos escravos*. Salvador: Edição do autor, 1983. 8 p. (Literatura de cordel, 1628).
BN - DIOGE
- CORDEIRO JÚNIOR, Antônio da Cruz. *Bosquejo litteraria a proposito do decennario de Castro Alves por Antonio da Cruz Cordeiro Júnior, estudante do quinto anno medico, natural da Parahyba do Norte*. Bahia: Typ. do *Diário da Bahia*, 1881.
BN - DIOGE
- _____. *Poesia... em nome do Club litterario e recreativo Parahyba do Norte na sessão litteraria celebrada no Theatro S. João por ocasião de commemorar-se o primeiro decennario de Castro Alves*. [Bahia, 1881?]. 9 p.
BN - DIOGE
- DIAS, Teófilo. A Castro Alves. *O americano*, São Paulo, 6 jul. 1881.
BN - DIPER
- DOCUMENTOS diversos. Coleção Darcy Damasceno.
BN - DIMSS
- DELFINO, Luís. *Rosas negras*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1983. 239 p.
BN - DIOGE
- INVENTÁRIOS de D. Clélia de Castro Alves e Dr. José Antonio Alves, pais do poeta. *Anais do Arquivo Público da Bahia*, Bahia, v. 30, p. 7-202, 1947.
BN - DIPER
- LITERATURA pantagruelica: os abestruzes no ovo e no espaço (ninhada de poetas). Rio de Janeiro: Typ. Progress, 1868. 32 p., p. 5-17. Cartas trocadas entre José de Alencar e Machado de Assis, sobre Castro Alves, datadas respectivamente: Rio de Janeiro: 18 fev. 1868 e 29 fev. 1868.
BN - DIOGE

- MACAÚBAS, Abílio César Borges, barão de. *Conferência feita... sobre o ensino moderno dado no Collegio Abilio...* Bruxellas: Typ. e lytogr. E. Guyet, 1887. 29 p.
BN - DIOGE
- _____. *A lei nova do ensino infantil...* Rio de Janeiro: Typ. Univ. de H. Laemmert, 1883. 29 p.
BN - DIOGE
- _____. *Vinte annos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios avillantes no ensino da mocidade.* Rio de Janeiro, 5 de março, 1876. iv, 46 p. Extraído do Globo.
BN - DIOGE
- _____. *Vinte dous annos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brasil...* Bruxellas, Bélgica: Typ. e lytogr. E. Guyot, 1884. 56 p.
BN - DIOGE
- MACHADO, Brasília. *Mocidade e morte.* *Imprensa Acadêmica de São Paulo.* São Paulo, 21 ago. 1871. Poema recitado na sessão fúnebre.
BN - DIPER
- MUSSET (pseud.) *A canoa do Martinho*: paródia do "Navio negreiro" de Castro Alves. Rio de Janeiro, Tiphographya Cosmopolita, 1882. 13p. (Sátiras políticas, 1)
BN - DIOGE
- RIBEIRO NETO, Oliveira. *Soneto a Castro Alves.* *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 2.
BN - DIPER
- SILVA, Argileir. *Castro Alves.* *A Tarde*, Salvador, 4 mar. 1947, ano 35, n. 12049.
BN - DIPER
- VALENTE, Sílvio. *Canto real a Castro Alves.* *A Tarde*, Salvador, 22 mar. 1947, ano 35, n. 12065.
BN - DIPER

Iconografia

- ÁLBUM de Pernambuco. Recife: Contemporânea de R. M. Costa, [1896?]. 16 foto
BN - DIICO
- BAHIA. Secretaria da Indústria e do Comércio. *Inventário de proteção do acervo cultural.* IPAC - BA. Salvador: Coordenação de Fomento ao Turismo, Projeto Patrimônio Histórico, 1975.
BN - DIICO
- BALLÁ, Júlio. *Cascatinha da Tijuca.* Rio de Janeiro: Lith. D. Robin & cia., [ca. 1880].
BN - DIICO
- BERTICHEN, Pedro Godofredo. *O Brasil pittoresco e monumental.* Rio de Janeiro: Lith Imperial de Rensburg, 1856.
BN - DIICO
- _____. *O Rio de Janeiro e seus arrabaldes.* 1856. Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1976.
BN - DIICO
- BRASIL, Instituto Nacional do Livro. *Exposição Castro Alves.* Rio de Janeiro, 1958.
BN - DIORA
BN - DIICO
- BRASIL. Biblioteca Nacional. *Exposição Castro Alves: centenário da morte de Antônio de Castro Alves, 1871 - 1971.* Rio de Janeiro, 1971. 67 p. il.
BN - DIORA

- O BRASIL pela imagem. Rio de Janeiro: Indústria do Livro 1943. 188 p.
BN - DIICO
- BRUNO, Ernani Silva. *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes, 1553 - 1958*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Seção Técnica de Divulgação e Publicações, 1981. 218 p. il.
BN - DIICO
- CARLS, Francisco Henrique. *Album de Pernambuco e seus arrabaldes*. Recife: Lithographia de F. H. Carls, [1878?]. 46 Lit. col. 42 cm.; 25 lit. col. 42 cm.
BN - DIICO
- _____. *Memória de Pernambuco* álbum para os amigos das artes. Série de 25 estampas. Pernambuco, [s. n., 1863-1868]. lit. 26,5 x 18,4 cm.
BN - DIICO
- CASA da fazenda Cabaceiras onde nasceu Castro Alves. Rio de Janeiro: Galeria Moderna, [s. d.]. foto em moldura. 18 x 24,2 cm.
BN - DIICO
- CENAS de navio negreiro e castigos de escravos. 3 reprod. (Coleção Brício de Abreu).
BN - DIICO
- COLÉGIO São José. Antigo Ginásio Bahiano. Foto des. Local onde Castro Alves fez parte de seu estudo secundário.
BN - DIICO
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* Paris: R. de Castro Maya, 1954.
BN - DIICO
- _____. *Voyage pittoresque et historique au Brésil...* Paris, França: Didot Frères, 1834-1839.
BN - DIICO
- _____. *Vista de Salvador*. Salvador: [s. n.], [18-] 2 fotos aquarela.
BN - DIICO
- FACULDADE de Direito do Recife. 1 foto p & b. 23 x 18cm. Vista da fachada principal.
BN - DIICO
- FACULDADE de Direito do Recife. 1 foto 22,9 x 16,9 cm. Vista do interior e fachada principal.
BN - DIICO
- FACULDADE de Direito do Recife [s. l., s. n., 192?]. 1 cartão postal: p & b. 9 x 14 cm.
BN - DIICO
- FACULDADE de Direito de São Paulo. [1880?]. foto 20,5 x 14,7 cm.
BN - DIICO
- FACULDADE de Direito de São Paulo: In: *São Paulo antigo e São Paulo moderno. 1554 -1904*. São Paulo: Vanorden, 1905.
BN - DIICO
- FAZENDA Boa Vista. Desenho a lápis por Adelaide de Castro Alves. Fotografado por Lopes Rodrigues, em 1928. foto 8,5 x 13,6 cm.
BN - DIICO

FERREZ, Gilberto. *O álbum de Luís Schlappriz: memória de Pernambuco; álbum para os amigos das artes*, 1863. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife, 1981. 90 p. (Coleção Recife, 17).

BN - DIICO

_____. *Bahia: velhas fotografias: 1858 - 1900*. Salvador: Banco da Bahia Investimentos; Rio de Janeiro: Kosmos, 1988. 199 p.

BN - DIICO

_____. *A fotografia no Brasil*. Separata da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 10, [S. n.], 1953.

BN - DIICO

_____. *A fotografia no Brasil: 1840-1900*. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. 248 p.

BN - DIICO

_____. *A iconografia do Recife do século XIX*. In: *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 abr. 1953, 2. seção.

BN - DIICO

_____. *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife: 1755-1855*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Diretoria de Assuntos Culturais, 1984. 66 p.

BN - DIICO

_____. *Velhas fotografias pernambucanas 1851-1890*. 2 ed. Rio de Janeiro: Campo Visual, 1988. 90 p.

BN - DIICO

FOTOGRAFIA de escravo carregando água em antigo bairro do Recife.

BN - DIICO

FOTOGRAFIAS da cidade de Salvador, na Bahia; c 1870. 8 fotos (Coleção Thereza Christina Maria).

BN - DIICO

FRAGOSO, Danilo. *Velhas ruas do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. 78 p.

BN - DIOGE

FRANCA, Rubem. *Monumentos do Recife: estátuas e bustos, igrejas e prédios, lápides, placas e inscrições históricas do Recife*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977. 382 p. il.

BN - DIOGE

GAENSLY, Guilherme. *Lembrança da Bahia: vista panorâmica de Salvador*. Photographia do Comércio, [ca. 1870]. 1 Álbum.

BN - DIICO

_____. *Vues de Bahia*. [ca. 1870]. 1 Álbum.

BN - DIICO

GALERIA Nacional: vultos proeminentes da história brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, fascículo 1, p. 200, 1931.

BN - DIICO

GALVÃO, B. F. Ramiz. *Galeria de historia brasileira: 1500 - 1900, segundo quadros e monumentos e estampas célebres*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s. d.]. 115 p.

BN - DIICO

GERSON, Brasil. *A Tijuca nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro: [s. n.; s. d.]. Artigo de jornal doado pelo autor.

BN - DIICO

- GRUPO de Lucas e Maria, personagens da obra *A cachoeira de Paulo Afonso*. Foto do monumento a Floriano Peixoto.
BN - DIICO
- GUIA dos bens tombados da Bahia. Coordenação e pesquisa Alcídio Mafra de Souza; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1983. 323 p. il. mapa.
BN - DIICO
- GUIA dos bens tombados. Coordenação e pesquisa por Maria Elisa Carrazoni. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, [198-]. xxvi, 517 p. il.
BN - DIOGE
- GUIA dos bens tombados do Brasil. Coordenação de Maria Elisa Carrazoni; 2 ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987. 512 p. il.
BN - DIICO
- ICONOGRAFIA de Pernambuco: cartas, fortificações, aspectos urbanos. Recife: Pool, 1983. 151 p.
BN - DIICO
- KOENIGSWALD, Gustavo. *São Paulo*. São Paulo, 1894. 45 p. il.. Álbum de fotografias.
BN - DIICO
- LEUZINGER, G. *Album de photogravuras do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s. n., s. d.].
BN - DIICO
- LEVASSEUR, Emile. *Le Brésil...* avec la collaboration de M.m de Rio Branco, Eduardo Prado, d'Ourém et al.. Paris: H. Lamirault et cie., [1889?]. 2 v. il. Publié par le Syndicat franco-brésilien pour l'Exposition universelle de Paris en 1889.
BN - DIICO
- LEWIS, H. et al. *Usos, costumes e vistas da Bahia do século XIX*. 61 fotos des.
BN - DIICO
- MALTIEIRA, Jorge. *Brasil histórico, arquitetura: Salvador*. Salvador, Casa da Medalha, [1976?]. 14 f., 12 est.
BN - DIICO
- MARTIN, Jules. *Vista geral da imperial cidade de São Paulo*. Gravado por Jules Martin. [s. l.; s. n.], 1875.
BN - DIICO
- _____. *VISTA geral da imperial cidade de São Paulo*. São Paulo: Imp. lithog. Jules Martin, 1875.
BN - DIICO
- MARTINET, Joseph Alfred. *O Brasil pittoresco, histórico e monumental...* Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laermert, 1847. 21 p. il.
BN - DIICO
- MEDINA, José. *São Paula*. O que foi e o que é. São Paulo: [s. n.], 1954. 52 p. il.
BN - DIICO
- MICHELLIS, P. A. *Cidade de Salvador: Bahia de Todos os Santos*. Reprodução facsimilar. Aquarela. 18,7 x 14,6 cm.
BN - DIICO
- MONUMENTO ao 2 de julho. [c 1890]. 1 foto sépia. 17 x 11 cm.
BN - DIICO
- MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora: evocações da metrópole*. 3 ed. São Paulo: Martins, 1954. 262 p.
BN - DIICO

- PALLIÈRE, Jean Leon. *Um mercado em Bahia*. Rio de Janeiro: Pelvilain, [18 -]. Litografia aquarelada.
BN - DIICO
- 25 POETAS: Bahia de 1633 a 1968. Rio de Janeiro: Atelier Planejamento Gráfico, 1968. [33] Foto incl. est. col. Poemas.
BN - DIICO
- PRAÇA Dionísio Cerqueira na cidade de Castro Alves, antiga Curalinho. 1 foto.
BN - DIICO
- PUSTKOW, Freiderick. *Vistas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Leuzinger Editor, [1840?]. (Colleção Pustkow).
BN - DIICO
- REBOUÇAS, Diógenes et FILHO, Godofredo. *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*. Salvador: Odebrecht S.A.: Raízes Editora, 1985. 244 p.
BN - DIICO
- RENOULEAU, Georges. *Faculdade de Direito de São Paulo*. [1880?]. foto 25,3 x 19 cm.
BN - DIICO
- RIBEYROLLES, Charles. *Brazil pittoresco*. album... Paris, França: Lemercier, 1861.
BN - DIORA
- RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, barão do. *Album de vues du Brésil...* Paris: Imp. A. Lahure, 1889. 4 f. 94 est. em 69 f. 13 p. Alg. des.
BN - DIICO
- RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. *Relação das peças constantes na exposição "Usos e costumes do Brasil colonial e imperial": Catálogo*. Rio de Janeiro, 1951. 12 f.
BN - DIICO
- RUGENDAS, Johann Moritz. *Brasil antigo*. [São Paulo: Cultura, 1946]. 4 v.
BN - DIICO
- _____. *Brasil romântico*. Tradução e adaptação de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, [1966?] 40 p. (Série documentos históricos, 8).
BN - DIICO
- _____. *Coleções Rugendas*. São Paulo, 1940. 2 v.
BN - DIICO
- _____. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: [s. n.], 1937.
BN - DIICO
- _____. *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Tradução do alemão por M. de Gobéry. Paris, França: Engelmann & cie., 1835.
BN - DIICO
- SALVADOR da Bahia de Todos os Santos no século XIX. Salvador: Odebrecht, Raízes 1985. 244 p.
BN - DIICO
- SANT'ANNA, Affonso Romano de et al. *Literatura brasileira*: singular e plural. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994. 127 p.
BN - DIICO
- SÃO PAULO. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. *Memória paulistana*. São Paulo, 1975.
BN - DIICO
- SÃO PAULO. Departamento do Patrimônio Histórico. *Paulicéias perdidas*. São Paulo, 1991.
BN - DIICO

SÃO PAULO em três tempos: álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887-1914). Fotografias de Militão Augusto de Azevedo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982. 1 porta - fôlio. 25 pr.
BN - DIICO

SCHLEIR, J. *Vistas da cidade de Salvador*. Bahia: J. Schleir, [1870?]. foto.
BN - DIICO

SCHUTZ, J. *Album pittoresco do Rio de Janeiro*: doze vistas escolhidas. Rio de Janeiro: E. & H. Laermmert, [18].
BN - DIICO

SESSO JÚNIOR, Geraldo. *Retalhos da velha São Paulo*. [s. l.]: Gráfica Municipal de São Paulo, [1983]. 348 p.
BN - DIICO

SONETOS brasileiros. Organização Freire Laudelino. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C. Editores, [s.d.].
BN - DIICO

SOUVENIR de Pernambuco. 11 lit. color. coladas em álbum de autor desconhecido.
BN - DIICO

TAUNAY, Afonso de E. *Velho São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, [1982?]. 3 v.
BN - DIICO

TEATRO Santa Isabel. Foto 24,5 x 18 cm.
BN - DIICO

TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FENAME/DAC, 1975. 347 p.
BN - DIICO

TIJUCA: bairro da cidade do Rio de Janeiro. [s. l.], [ca. 1860]. foto col. à mão.
BN - DIICO

USOS e costumes do Recife, 3 foto 12,9 x 7,9 cm.
BN - DIICO

VALADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. v. 2. Salvador: Odebrecht, 1991. 518 p.
BN - DIICO

_____. *Nordeste histórico e monumental*. v. 3. Salvador: Odebrecht, 1993. 485 p.
BN - DIICO

VISTA do prédio da Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco. [194]. 1 foto p & b, 18 x 24 cm.
BN - DIICO

Livros

ALCÂNTARA, Ruyz. *Cinco poemas de Castro Alves*: seu sentido político-social. Teresópolis [RJ]: Cadernos da Serra, 1979. 81 p., il. (Coleção Imbuí. Ensaios e crônicas, 2).
BN - DIOGE

ALMEIDA, Norlândio Meirelles de. *Castro Alves para você*. Brasília: Thesaurus, 1989. 157 p.
BN - DIOGE

ALVES, Eoys Black Vieira. *O poeta da liberdade*. Rio de Janeiro: Shogun, 1984. 110 p.
BN - DIOGE

- AMADO, Gilberto. *A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932. 282 p.
BN - DIOGE
- AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. Capa e ilustrações de Santa Rosa. São Paulo: Livraria Martins, [1941?]. 386 p., il.
BN - DIOGE
BN - DIORA
BN - DIICO
- _____. *Le bateau negrier. La vie du poète Castro Alves*. Traduction Isabel Meyrelles. Paris [França]: Messidor, 1988. 321 p.
BN - DIOGE
- _____. *O amor do soldado: história de um poeta e sua amante em um prólogo, três atos e um epílogo*. 3. ed. Capa de Clóvis Graciano. São Paulo: Martins [1960?]. 225 p. (Obras, 11).
BN - DIOGE
- _____. *Basník svobody: život Castra Alvese*. [Preložil Zdeněk Hampejs] Praha: Československý Spisovatel, 1951. 225 p. Tradução para o theco de: *ABC de Castro Alves*.
BN - DIOGE
- _____. *Opowiesc o Castro Alviesie*. Przelozyli Malgorzata Holynska i Eugeniusz Gruda. [Warszawa]: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1957. 201 p. Tradução de: *ABC de Castro Alves*.
BN - DIOGE
- AMORA, Antônio Soares. O Romantismo: 1833 - 1838/1878 - 1881. In: *A literatura brasileira*. v. 2. São Paulo: Cultrix, 1967. 356 p., p. 182 - 191.
BN - DIOGE
- ANDRADE, Almir. Castro Alves, sentido atual de sua poesia. In: *Aspectos da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1939. p. 136-140.
BN - DIOGE
- ANDRADE, Mário de. Castro Alves. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Americana, 1943. 259 p. 145-164 p. (Coleção Joaquim Nabuco).
BN - DIOGE
- ASSIS, Pedro Pinho de. *O drama do tráfico: abordagem intertextual do "Navio negreiro"*. 1988. Tese (Doutorado em Poética) - Universidade Federal do Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 1988.
BN - ANEXO II - D
- AUTUORI, Luís. *Os quarentas imortais*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1945. 92 p.
BN - DIOGE
- AZEVEDO, Ciro de. Conferencias sobre literatura brasileña. Versión taquigráfica. Montevideo (Uruguai): Talleres Gráficos & A. Baneiro y Ramos, 1918. p. 81-86. (Anales de la Universidad de Montevideo)
BN - DIOGE
- AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943. 553 p., il.
BN - DIOGE
- _____. A poesia social no Brasil. In: *Ensaio: crítica literária para o Estado de S. Paulo*. 1924-1925. São Paulo: Melhoramentos, 1929. p. 90-101.
BN - DIOGE
- AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. Castro Alves In: *A vida amorosa dos poetas românticos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, [1971?]. p. 115-175.
BN - DIOGE

- _____. *O poeta da liberdade*. Nota explicativa de Mário Graciotti. Capa de Vicente di Grado. São Paulo: Clube do Livro, 1971. 157 p.
BN - DIOGE
- BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. *Aspectos do 2 de julho*. 150 anos de independência da Bahia. [Salvador], 1973. [72 p.].
BN - DIOGE
- BAHIA. Fundação de Pesquisas. *Bibliografia baiana*. Salvador: 1977-79. 3 v. (Série bibliografias, 3).
BN - SREF
- BANDEIRA, Manuel. Um poema de Castro Alves. In: *De poetas e de poesia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, [1954?]. p. 77-85.
BN - DIOGE
- _____. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: CEB, 1946. p. 88-92.
BN - DIOGE
- _____. *Noções de história das literaturas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1940. p. 302-304.
BN - DIOGE
- BARBOSA, Rui. *Decennario de Castro Alves*. elogio do poeta pelo Dr. Ruy Barbosa, seguido de um escripto do mesmo autor pelos escravos as mães de família, mandados imprimir pela Comissão do decennario. Bahia: Typ. do *Diario da Bahia*, 1881. 52, 18 p.
BN - DIOGE
- _____. Castro Alves. In: *Elogios academicos e orações de paronympho*. Rio de Janeiro: *Revista de Língua Portuguesa*, 1924. 397 p. p. 3-54.
BN - DIOGE
- _____. *Trabalhos diversos* 1881. Prefácio e revisão de Luís Viana Filho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. xviii, 208 p., il. (Obras completas, v. 8, t. 1). "Decennario de Castro Alves. Elogio de Castro Alves". p. 1 - 43.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- BARRETO, Fausto Carlos et De LAET, Carlos. *Antologia Nacional de Collecção de exerptos dos principaes escriptores da língua portugueza do XIX ao XVI século...* Rio de Janeiro: J. G. Azevedo, 1895. 386 p.
BN - DIOGE
- BARRETO, Belarmino. *Discussão litteraria* entre o notável jornalista bahiano Belarmino Barreto e os drs. Frederico Lisboa, Arthur Americano e Aquino Fonseca acerca das poesias de Castro Alves, por ocasião das manifestações do decennario do desaparecimento deste immortal poeta. Cachoeira: Typ. Genésio de Souza Pitanga, 1902. 105 p. (Bibliotheca de A Vida, 2. Educação e recreio. Collecção para o povo).
BN - DIOGE
- BARROS, Frederico Pessoa de. *Poesia e vida de Castro Alves*. São Paulo: Editora das Américas, [1962?]. 320 p. (Coleção poesia e vida).
BN - DIOGE
- BARROS, Jaime de. O poeta dos escravos. In: *Espelho dos livros*. 1 série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. p. 337-342. (Coleção estudos literários).
BN - DIOGE
- _____. *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. 270 p.
BN - DIOGE
- BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. Curitiba: Ed. Guaíra, 1947. 148 p. (Coleção Caderno Azul, 24).
BN - DIOGE

- BASSECHES, Bruno. *A Bibliography of Brazilian Bibliographies*. Detroit, EUA: B. Ethridge-Books, c 1978. viii, 185 p.
BN - SREF
- BEHAR, Eli. *Vultos do Brasil: dicionário biobibliográfico brasileiro ilustrado*. São Paulo: Exposição do Livro, 1967. 22 p., il.
BN - DIOGE
- BELLEGARDE, Guilherme Candido. *Conferencia no Grêmio literario Castro Alves: sessão de 26 setembro de 1882...* Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. 23 p.
BN - DIOGE
- _____. *Subsídios Literários*. Rio de Janeiro: Contemporanea, 1883. v. 1. 350p.
BN - DIOGE
- BELO, José Maria. *Castro Alves: Imagens de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. p. 9-14.
BN - DIOGE
- _____. Síntese da evolução literária do Brasil. In: *À Margem dos livros*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. 220 p.
BN - DIOGE
- BIBLIOGRAFIA universitária: obras de nível superior. São Paulo: Nacional, 1971.
BN - DIOGE
- BIERRENBACH, César. *Produções Literárias*. v. I Curitiba: Guaíra, [s. d.]. 200 p.
BN - DIOGE
- A BIOGRAPHICAL sketch of Dr. Abílio Cesar Borges, founder and principal of the Abílio College. Rio de Janeiro: Typ. of The South American Mail, 1875. 34 p.
BN - DIOGE
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. v.1 Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883. p. 131-132.
BN - DIOGE
- BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *Parque Histórico Castro Alves*. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1985. 35 p. (Publicação da Universidade Federal da Bahia,109).
BN - DIOGE
- _____. *A perenidade de Castro Alves: ata 701 do Sadoyle de 11 julho em homenagem aos 140 anos do poeta*. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1987. 16 p. (Publicação da Universidade Federal da Bahia, 129)
BN - DIOGE
- BOCCANERA, Sílio. *Castro Alves na vida e na morte*. conferência realizada ... no Lyceu de Artes e Offícios, a 14 de março de 1910, em solemne Sessão Cívica da Liga Bahiana Contra o Analfabetismo, para comemorar a data genethliaca do Poeta dos escravos. Bahia: [s. n.], 1918. 83 p., il.
BN - DIOGE
- BORBA, Osório. *A comédia literária*. Rio de Janeiro: Alba, 1941. 269 p. (Coleção crítica e ensaio).
BN - DIOGE
- BOSCOLI, J. V. *Lições de literatura brasileira*. Niterói, [Rio de Janeiro]: [s.n.], 1912. 469 p.
BN - DIOGE
- BRASIL, Assis. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979. 324 p., il.
BN - DIOGE
- BRASIL, Zeferino. *Boêmia da pena*. Porto Alegre: Globo, 1932. 177 p.
BN - DIOGE

- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. *Exposição Castro Alves: centenário do nascimento de Castro Alves, 1847-1947*. Rio de Janeiro: 1958. 372 p., il. (Brasil. Instituto Nacional do Livro. Exposições, 3).
BN - DIORA
BN - SREF
- BRASIL. Biblioteca Nacional. *Exposição Castro Alves: centenário da morte de Antônio de Castro Alves, 1871 - 1971*. Rio de Janeiro: 1971. 67 p., il.
BN - DIORA
- BROCA, Brito. *Românticos, ultra-românticos e pré-românticos* vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979. 356 p.
BN - DIOGE
- CABRAL, Mário. *Caderno de crítica*. 2 ed. Aracaju: Regina, 1945. 293 p.
BN - DIOGE
- CAIRO, Vivaldo. *Instantes da poesia de Castro Alves*: palestra pronunciada na Câmara Municipal da cidade de Salvador ..., quarta de uma série de estudos sobre o poeta. Salvador: Rio Nilo, 1972. 8 p.
BN - DIOGE
- CALMON, PEDRO. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974. 190 p., il. (Para conhecer melhor).
BN - DIOGE
- _____. *Castro Alves: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: J. Olympio; INL, 1973. 353 p., il. (Coleção documentos brasileiros, 158).
BN - DIOGE
- _____. *História de Castro Alves*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947, 293 p., il. (O romance da vida, 40).
BN - DIOGE
- _____. *A vida de Castro Alves*. 2. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 352 p., il.
BN - DIOGE
- _____. *Vida e amores de Castro Alves*. Com ilustrações do poeta. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: A Noite, [1937?]. 258 p., il.
BN - DIOGE
- CAMPEDELLI, Samira et al. *Castro Alves*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 107 p.
BN - DIOGE
- CAMPOS, Geir. *Castro Alves ou O canto da esperança*: teatro. Rio de Janeiro: Leitura; INL, 1972. 124 p.
BN - DIOGE
- CAMPOS, Mário Mendes. *Castro Alves: glória e via-sacra do gênio*. Belo Horizonte: Imp. Oficial, 1973. 73 p.
BN - DIOGE
- CARDOSO NETO, Francisco Malta. *Castro Alves*. São Paulo: *Revista dos Tribunais*, 1945. 79 p., il.
BN - DIOGE
- CARNEIRO, Altamirando. *Castro Alves e o espiritismo*. São Paulo: FEESP, 1993. 113 p.
BN - DIOGE
- CARNEIRO, Edison de Sousa. *Castro Alves: ensaio de compreensão*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. 137 p.
BN - DIOGE
- _____. *Trajelória de Castro Alves (1847-71): uma interpretação política*. Rio de Janeiro: Vitória, 1947. 154 p.
BN - DIOGE
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979. 407 p.
BN - DIOGE

- CARVALHO, João de. *O cantor dos escravos*: Castro Alves. São Paulo: T. A. Queiroz; Brasília: INL, 1989. 150 p. (Coleção coroa vermelha. Estudos brasileiros, 17).
BN - DIOGE
- CARVALHO, José Mesquita de. *História da literatura*. Porto Alegre: Globo, [1940?]. 660 p., il.
BN - DIOGE
- CARVALHO, Ronald de. *O espelho de Ariel e poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar; INL, 1976. 205 p. (Biblioteca manancial, 44).
BN - DIOGE
- _____. *Estudos brasileiros*. 1 série. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, [1924?]. 221p.
BN - DIOGE
- _____. *Pequena história da literatura brasileira*. Prefácio de Medeiros de Albuquerque. Rio de Janeiro: Briguiet e Cia. [1929?]. 360 p. (Coleção laelial)
BN - DIOGE
- CASTRO Alves. Apologia e crítica de José de Alencar, Machado de Assis, José Bonifácio *et al*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1921. 207 p. *Revista da Academia Brasileira*. Comemoração do cinquentenário do poeta.
BN - DIOGE
- CASTRO, Francisco de. *Harmonias errantes*. Introdução de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Typ. de Moreira, Maximiano & Cia, 1878. 194 p.
BN - DIOGE
- CATALOGO da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo. São Paulo: Typographia a vapor de Jorge Seckler & Comp., 1887. 376 p.
BN - DIOGE
- CATALOGO Geral da Livraria de B. L. Garnier. Rio de Janeiro: Typ. Franco-Americana, 1873. n.8
BN - DIOGE
- CATALOGO da Livraria Contemporanea de Faro H. Lino. Rio de Janeiro: Imprensa Official, 1881. n. 4.
BN - DIOGE
- CATALOGO das obras poéticas em portuguez a venda na casa de E. e H. Laemmert. [s.l., s.n.], 1886. n. 8.
BN - DIOGE
- CATALOGO das obras poéticas que se acham a venda na Livraria Serafim José Alves. Rio de Janeiro: Typ. Acadêmica, 1873.
BN - DIOGE
- CATALOGO do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro segundo o sistema decimal de Mevil Dewey pelo Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: [s.d.], 1906. 2v.
BN - DIOGE
- CATALOGO Geral da Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife. Recife: Empreza d'A Provincia, 1896. 418 p.
BN - DIOGE
- CATALOGO Suplementar dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1868. n. 8
BN - DIOGE
- CAVALCANTE, Povina. *Ausência da poesia*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1943. p. 42-63 (Coleção Béatrix Reynal)
BN - DIOGE

- CAVALCANTI, Lourenço et BEVILAQUA, Clóvis. *Catálogo Geral da Bibliotheca Publica do Estado de Pernambuco*. Recife: [s.d.], 1896. n. 4.
BN - DIOGE
- CHEVTCHENKO, Taras. *O sonho*. Tradução do ucraniano [por] Wira Selanski. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana; Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1980. 58 p.
BN - DIOGE
- COELHO, Jacinto do Prado (Dir.) *Dicionário de literatura ...* 3 ed. Porto: Figueirinhas, 1984. 5v., il.
BN - SREF
- COELHO NETO, Henrique Maximiano. *Compêndio de literatura brasileira ...* Rio de Janeiro: F. Alves, 1905. 117 p.
BN - DIOGE
- CORDEIRO JÚNIOR, Antônio da Cruz. Discurso pronunciado na ocasião de ser collocada uma capella de louros sobre o túmulo de Castro Alves em nome dos alumnos da Escola Militar da Côrte ... Bahia, 1881. 10 p.
BN - DIOGE
- CORREIA, Jonas de Moraes. *Sentido heróico da poesia de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1971. (Coleção Taunay, 421).
BN - DIOGE
- COSTA FILHO, Odilo. *Seleta cristã*. Rio de Janeiro: Católica, 1932. 208 p.
BN - DIOGE
- COSTA, Oton. *Reflexos culturais e sociais de Castro Alves...* Rio de Janeiro: *Revista Continente*, 1973. 46 p. Academia Paulista de Letras, em curso promovido para comemorar o centenário da morte do poeta, em 24 de agosto de 1971.
BN - DIOGE
- COUTINHO, Afrânio et SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: OLAC; FAE, 1990. 2v., il.
BN - SREF
- CRUZ, Estevão. *História universal da literatura para uso das escolas e de acordo com os programas oficiais*. Porto Alegre: Globo, 1936. 2v., il.
N - DIOGE
- CUNHA, Euclides da. *Castro Alves e seu tempo: discurso proferido no Centro Acadêmico Onze de Agosto, de S. Paulo*. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1907. 44 p.
BN - DIOGE
- CUNHA, Fausto. Castro Alves. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) *et al. A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955 - 1959. 4 v.
BN - SREF
- _____. *Castro Alves e seu tempo: discurso proferido no Centro Acadêmico Onze de Agosto de São Paulo*. [s. l.]: Grêmio Euclides da Cunha. 191p. 36 p., il. (Biblioteca euclildeana, 1).
BN - DIOGE
- _____. *O romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília: INL, 1971. 182 p. (Série estudos sobre o Brasil e a América Latina, 17).
BN - DIOGE
- DANTAS, Mercedes. *O nacionalismo de Castro Alves*. Rio de Janeiro: *A Noite*, [1941?]. 153 p., il.
BN - DIOGE

- DIAS, Heitor. *Castro Alves: caravoneiro do ideal*. Discurso pronunciado na sessão solene do Congresso Nacional do dia 6 de julho de 1971. 16 p.
BN - DIOGE
- DONATO, Mário. Castro Alves, meu irmão. In: *As cigarras emigram*. Curitiba: Guaíra, 1944. p. 74-77 (Coleção caderno azul, 17)
BN - DIOGE
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Como podem valer as reticências. In: *Território lírico*. Rio de Janeiro: *O Cruzeiro*, 1958. p. 33 - 37.
BN - DIOGE
- FERREIRA, Carlos Augusto. Antônio de Castro Alves. In: *Faturas e feições*. Campinas: Typ. a vapor Livro Azul, 1905. p. 218-223.
BN - DIOGE
- FIGUEIREDO, Antônio. *Castro Alves: o defensor dos escravos*. Salvador: Progresso, 1957. 31 p., il. (Homens de nossa terra).
BN - DIOGE
- FONTES, Hermes. *Juízos efêmeros*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1916. 240 p.
BN - DIOGE
- FOSTER, David William. *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors*. Arizona [USA]: State University; Center for Latin American Studies, 1981. 152 p.
BN - SREF
- FRAGA, Myriam. *Flor do sertão: breve notícia do amor infeliz da moça Leonídia pelo poeta Castro Alves*. Ilustrações e capa Calasans Neto. Salvador: Macunaíma, 1986. 44 p.
BN - DIOGE
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Idéia e tempo: crônica e crítica*. São Paulo: Cultura Moderna, [1939]. 171 p.
BN - DIOGE
- FREITAS, Bezerra de . A poesia social. O Romantismo (4. fase). Os condoreiros: Castro Alves, Tobias Barreto. In: *História da literatura brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1939. p. 159-162.
BN - DIOGE
- FRIERO, Eduardo. *A ilusão literária* (nova ed.) Belo Horizonte: Bluhm, 1941. 221 p.
BN - DIOGE
- FUSCO, Rosário. *Vida literária*. Capa de Santa Rosa. São Paulo: Panorama, 1940. 274 p.
BN - DIOGE
- GALVÃO, B. F. Ramiz. (Org.). *Galeria de história brasileira: 1500 - 1900, segundo quadros, monumentos e estampas célebres*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s. d.]. 115 p.
BN - DIOGE
- GAMA, A. C. Chichorro da. Antônio de Castro Alves (1847-1871) In: *Românticos Brasileiros*. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia. 1927. p. 105-119.
BN - DIOGE
- GOMES, Eugênio. O esboço da Ode ao dois de julho. In: *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958. p. 69-81.
BN - DIOGE
- GONZALEZ, Henrique. Castro Alves, o altíssimo poeta brasileiro. In: *Panorama interior: crônicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Carioca, 1938. p. 59-62.
BN - DIOGE

- GRÊMIO LITTERARIO CASTRO ALVES. Rio de Janeiro. Homenagem ... ao laureado poeta bahiano Antônio de Castro Alves, 10 de julho de 1881. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1891. 89 p.
BN - DIOGE
- GRIECO, Agripino. Castro Alves. In: *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, [1932?]. p. 58-66.
BN - DIOGE
- _____. Castro Alves. In: *Vivos e mortos*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. p. 4-7.
BN - DIOGE
- GUARNIERI, Gianfrancesco. *Castro Alves pede passagem*. Fotos: Alberto Chagas. São Paulo: Palco + + Platéia, [1971?]. 110 p., il.
BN - DIOGE
- GUERINI, Jaçanã Altair Pereira. *Uma estrela no céu está cantando...* São Paulo: Melhoramentos, [1951?]. 160 p., il.
BN - DIOGE
- GUERRA, Álvaro. *Castro Alves: sua vida e suas obras*. São Paulo: Melhoramentos, [1924?]. 57 p., il. (Galeria de grandes homens. 1. serie. Literatura brasileira n. 8).
BN - DIOGE
- GUIMARÃES, Gilberto. *Castro Alves nas ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1979. 232 p., il.
BN - DIOGE
- GUIMARÃES, João. *Castro Alves*. São Paulo: Melhoramentos, [1953?]. 63 p., il. (Grandes vultos das letras, 13).
BN - DIOGE
- HADDAD, Jamil Almansur. *Revisão de Castro Alves...* São Paulo: Saraiva, 1935. 3 v., il. (Coleção cruzeiro do sul, 1-3).
BN - DIOGE
- HANSEN, Karl Heinz. *Caminho de lágrimas*. Tradução de David Barnhart, van der Haegen, Hubert Reichsgraf V. Schoenfeld. Salvador: Universidade da Bahia; Progresso, c 1958. [98] p.
BN - DIICO
- HILL, Telênia. *Castro Alves e o poema lírico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; INL, 1979. 168 p. (Biblioteca tempo universitário).
BN - DIOGE
- HORCH, Hans Jürgen Wilhelm. *Bibliografia de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1960. 259 p. (Coleção bibliografia, 12). mar. 1958, ano 3, n. 9, p. 157.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. Salvador. Homenagem do Instituto Geographico e Histórico da Bahia ao grande poeta brasileiro Antônio de Castro Alves, 1847-1871, organizada pelo primeiro-secretário Cons. João Torres. Bahia: Typ. Bahiana, 1910. v. 1.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- JACQUES, Paulino Inácio. *Dois gigantes do civismo brasileiro*: Luís Alves de Lima e Silva, Antônio de Castro Alves. Prefácio por Humberto Grande. Rio de Janeiro: Forense, 1980. 191 p.
BN - DIOGE
- JESUS, Achilles Leão de. *O cantor dos escravos*. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1990. 50p.
BN - DIOGE

- JUCA FILHO, Cândido. *A estrutura sonora do verso em Castro Alves*. Conferência realizada na Academia Carioca de Letras, comemorativa do centenário do nascimento do poeta de Espumas flutuantes. Rio de Janeiro: *Jornal do Commercio*, [1950?]. p. 113-135. Separata do caderno n. 19 da Biblioteca da Academia Carioca de Letras.
BN - DIOGE
- KELLY, Celso *et al.* A poesia romântica. In: *Século XIX* Romantismo. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1979. 199 p. p. 71.
BN - DIOGE
- LABIENO, [Rodrigues Lafayette Pereira]. *Vindúciae*. Rio de Janeiro: Cruz e Coutinho e J. R. dos Santos, 1899. 110 p.
BN - DIOGE
- LAVIGNE, Eusínio. *Castro Alves*. perene inspiração. Salvador: Mensageiro da Fé, 1972. 30 p.
BN - DIOGE
- LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos*. Rio de Janeiro: Terra do Sol, 1927-1933. 5v.
BN - DIOGE
- LIMA, Heitor Ferreira. *Castro Alves e sua época*. Ilustração de Clovis Graciano; capa de Messias de Melo. São Paulo: Anchieta, 1942. 207 p., il.
BN - DIOGE
- LINCOLN, Joseph Newrall. *Charts of Brazilian Literature*. Michigan, EUA: Edwards Brothers, 1947. 86 p.
BN - DIOGE
- LOBO, Chiquinha Neves. *Poetas da minha terra*. 1. série. São Paulo: Brusco e Cia, 1947. 413 p., il.
BN - DIOGE
- LOUREIRO, Ilka Cavalcanti (coord.). *Memória da abolição*: catálogo de artigos de jornais do Arquivo Joaquim Nabuco, 1871-1901. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1988. 246p.
BN - DIOGE
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967. 316 p. (Enciclopédia do curso secundário, Globo, 2).
BN - SREF
- _____. *Literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1979. 406 p. (Enciclopédia Globo para os cursos fundamentais e médio, 2).
BN - SREF
- LUZ, Fábio. *Dioramas* aspectos literários 1908-1932. Rio de Janeiro: Bavaro, 1934. 242 p.
BN - DIOGE
- MACHADO, Germano. *A filosofia na poética Castroalvina*. Salvador: CEPA, [1990?]. 16 p.
BN - DIOGE
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. *História de Castro Alves*. Belo Horizonte: Rocha Desenhos, 1947. 51 p., il.
BN - DIOGE
- MARQUES, Xavier. *Vida de Castro Alves*. Exerpto da homenagem do Instituto Geographico e Histórico da Bahia. Salvador: Typ. Baiana, 1911. 157 p.
BN - DIOGE
- _____. Castro Alves no decênio de sua morte. In: *Letras Acadêmicas*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933. p. 47-57.
BN - DIOGE
- MARTINS, Mário Rodrigues de D. *A evolução da literatura brasileira*. 1 v. Rio de Janeiro: [s.n.], 1945. p. 65-66.
BN - DIOGE

- MARTINS, Wilson. *Interpretações*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1946. 359 p.
BN - DIOGE
- MENDONÇA, Ana Amélia de Queirós Carneiro de. *Castro Alves: um estudante, apenas*. Conferência lida no auditório, a convite do Ministério da Educação, no dia 23 de março de 1947, durante as comemorações do centenário do nascimento de Castro Alves. Rio de Janeiro: 1950. 48 p. (Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro. Publicações, 19).
BN - DIOGE
- MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 803 p.
BN - SREF
- MENESES, Tobias Barreto de. *Estudos alemães*. publicações póstumas. 1. série. Recife: Typ. Central, 1883. 224 p.
BN - DIOGE
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. v. 1, 2. São Paulo: Brasiliense, 1944.
BN - DIOGE
- MOOG, Viana. *Uma interpretação da literatura brasileira: conferência ...* Rio de Janeiro: CEB, 1943. 80 p.
BN - DIOGE
- MOTA FILHO, Cândido. *Introdução ao estudo do pensamento nacional: o romantismo*. Rio de Janeiro: Helios, 1926. 311 p., p. 184 - 193.
BN - DIOGE
- MUNIZ, Heitor. Castro Alves. In: *Vultos da literatura brasileira*. 1. série. Rio de Janeiro: Marisa, 1933. p. 153-160.
BN - DIOGE
- MURICY, José Cândido de Andrade. Castro Alves. In: *O suave convívio*. Ensaio Críticos. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, [1922?]. 334 p. p. 298 - 332.
BN - DIOGE
- NABUCO, Joaquim. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1873. 30 p.
BN - DIOGE
BN - DIORA
- _____. *Minha formação*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.
BN - DIOGE
- NEIVA, Venâncio de Figueiredo. *Castro Alves: conferências*. Rio de Janeiro: [s. n.]. 1947. 43 p.
BN - DIOGE
- NESTOR, Odilon. *Faculdade de Direito do Recife: traços de sua história*. Recife: Imp. Industrial; UFPE, 1930. 120 p.
BN - DIOGE
- NEVES, Fernão [Fernando Neri]. *A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para sua história (1896 - 1940)*. Prefácio de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1940. 304 p., il.
BN - DIORA
- NUNES, Cassiano. *Castro Alves ante a poesia do nosso tempo*. Brasília: Thesaurus, 1985. 40 p.
BN - DIOGE
- OLIVEIRA, Deocleciano Martins de. *Dimensões de Castro Alves*. 1971, ano do centenário da morte do poeta. Rio de Janeiro: São José, 1972. 159 p.
BN - DIOGE

- OLIVEIRA, José Osório de. Castro Alves. *História breve da literatura brasileira*. Lisboa, Portugal: Inquérito, [1939?]. p. 68-71. (Coleção crítica e história literária, I).
BN - DIOGE
- _____. *Enquanto é possível: ensaios e outros escritos*. Lisboa, Portugal: Universo, 1942. 120 p. (Coleção ensaístas portugueses e brasileiros, 1).
BN - DIOGE
- _____. *Literatura brasileira*. Prefácio de Carlos Malheiros Dias. Coimbra, Portugal: Lymon, 1926. p.16.
BN - DIOGE
- OLIVEIRA, Valdemar de. *Eça, Machado, Castro Alves, Nabuco... e o teatro*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1967. 94 p., il.
BN - DIOGE
- OLIVEIRA FILHO, Alfredo Marques de. *Literatura e antologia do ciclo colegial*. Rio de Janeiro: Vieira de Melo, 1944. 560 p.
BN - DIOGE
- ORBAN, Vitor. *Littérature brésilienne*. Prefácio de M. de Oliveira Lima. Paris, França: Garnier Freres. 120 p.
BN - DIOGE
- ORNELLAS, Archimimo. *Vida sentimental de Castro Alves*. Salvador: Progresso, [1948?]. 102 p.
BN - DIOGE
- ORNELLAS, Manuelito de. *Símbolos bárbaros*. Ilustração de Edgar Koetz. Porto Alegre: Globo, [1935]. p. 50-51 (Coleção Béatrix Reynal).
BN - DIOGE
- OTTONI, Áureo. *Bibliografia brasileira*. Rio de Janeiro: INL, 1967. 199 p.
BN - DIOGE
- PAES, José Paulo et MOISÉS, Massaud. (orgs.) *Pequeno dicionário de literatura brasileira: biográfico, crítico e bibliográfico*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1980. 462 p.
BN - SREF
- PACE, Tácito. *Biografia onomástica de Castro Alves*. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília: INL, 1980. 555 p.
BN - DIOGE
- PÁDUA, Antônio de. *Aspectos estilísticos da poesia de Castro Alves*. Rio de Janeiro: São José, [1972?]. 73 p.
BN - DIOGE
- PALHA, Américo. *A vida gloriosa de Castro Alves*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, [1966?]. 92 p., il. (Enciclopédia histórica, 5).
BN - DIOGE
- PASSOS, Alexandre. *Castro Alves, arauto da democracia e da república: conferência pronunciada a 30 de julho de 1947, no salão nobre da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a convite da Sociedade de Homens de Letras do Brasil*. Rio de Janeiro: Pongetti, [1949?]. 35 p.
BN - DIOGE
- _____. *O humanismo de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, [1965?]. 193 p. (Coleção aspectos).
BN - DIOGE
- PAULINO, Jacques. *A estética de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1977. [14] p.
BN - DIOGE
- PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves: ensaio bio-bibliográfico*. Rio de Janeiro: Off. industrial graphica, 1931. 111 p., il. (Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. Coleção Afrânio Peixoto, 3. Biobibliografia).
BN - SREF

- _____. Castro Alves. In: *Introdução da antologia brasileira*. 2 ed. Paris, França: Bertrand, 1921. p. 7-25.
BN - DIOGE
- _____. *Panorama da literatura brasileira*. São Paulo: Nacional, 1940. p. 319-334. (Livros do Brasil, 2).
BN - DIOGE
- PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura bio-bibliográfico e cronologia*. Porto, Portugal: Barcelos Portucalense, 1934. 412 p.
BN - DIOGE
- _____. *Castro Alves: o poeta e o poema*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1942. 334 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasiliana, v. 212).
BN - DIOGE
- PEREIRA, Altamirano Nunes. *Vozes d'África*, de Antônio Castro Alves. Apreciação crítica de Altamirano Nunes Pereira pelas comemorações centenárias do nascimento do poeta em 1947. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1948. 159 p.
BN - DIOGE
- PICANÇO, Macário de Lemos. *O fim de uma jornada*. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1938. 120 p.
BN - DIOGE
- PIMENTEL, A. D. Mesquita. *Prata de casa: estudos sobre escriptores brasileiros: Castro Alves, Gonçalves Dias, Marquez de Maricá, Joaquim Nabuco, Emmanuel Guimarães, notas sobre alguns contemporâneos*. Petrópolis: L. Silva & cia., 1926. 222 p., p. 9-57.
BN - DIOGE
- PIRES, Homero. *Castro Alves: variações em torno da poesia social d'Os escravos*. Recife: Diretora de Documentação e Cultura, Prefeitura Municipal do Recife: [1948?]. 20 p.
BN - DIOGE
- _____. *Castro Alves: variaciones en torno a la poesia social de Los escravos*. Trad. de Roberto Velandia. In: Carmo, José Arimateia Pinto do. *Ciclos de la poesia brasileira*. Buenos Aires, Argentina: Unión Cultural Americana, 1954. 62 p., il.
BN - DIOGE
- PITAN, Atalício. *O romantismo e a poesia brasileira: conferência ...* Porto Alegre: [s.n.], 1919.
BN - DIOGE
- PONTES, Joel. Aproximação entre Dario e Castro Alves. In: *Ensaio do visitante*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970, p. 25-54. Publicado no Suplemento literário do jornal *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 ago., 5-12-19 set. 1970, n. 209 - 212.
BN - DIOGE
- PORTELLA, Eduardo. *Fundamentos da investigação literária*. 2 cd. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974. 127 p.
BN - DIOGE
- PÓVOA, N. *Esboço de história da literatura brasileira*. Cuiabá: [s.n.], 1929. 220 p.
BN - DIOGE
- PRIMEIRO suplemento ao Catálogo Geral da Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife. Recife: Imprensa Industrial, 1913. 439 p.
BN - DIOGE
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. O cantor Castro Alves. In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959, p. 3-36.
BN - DIOGE
- REIS, Antônio Simões dos. *Bibliografia das bibliografias brasileiras*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1942.
BN - SREF

- _____. *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: Simões, 1949.
BN - SREF
- RESENDE, Edgar. *O Brasil que os poetas cantam*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946.
BN - DIOGE
- RIBEIRO, Luís do Prado. *Triptico de Castro Alves* amor, lirismo, liberdade. Rio de Janeiro: *Jornal do Commercio*, 1952. 129 p.
BN - DIOGE
- RIBEIRO NETO, Pedro Antônio de Oliveira. Castro Alves em São Paulo. In: *Cinco capítulos das letras brasileiras*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, [1962?]. 123p., p. 103 - 122.
BN - DIOGE
- ROMERO, Sílvio et RIBEIRO, João. *Compêndio de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1909. 250 p.
BN - DIOGE
- _____. *Estudos de litteratura contemporanea*. Rio de Janeiro: Typ. de Laemmert, 1885. 340 p.
BN - DIOGE
- _____. *Evolução da literatura brasileira*. [s.l.]: Typ. de A Campanha, 1905. 150p.
BN - DIOGE
- _____. *História da literatura brasileira*. 3 ed. aumentada. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1943. 5v.
BN - DIOGE
- SALLES, David. Castro Alves e a lírica amorosa. In: *Do ideal às ilusões: alguns temas da evolução do Romantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980. 129 p. p. 38 - 51. (Coleção Vera Cruz, 1313).
BN - DIOGE
- SANCHES, Maria Helena Mosca. *A função da imagem na obra poética de Castro Alves*. 1991. 95 p. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 1991.
BN - ANEXO II - D
- SANT'ANNA, Affonso Romano de et al. *Brasilianische literatur: einelgartia und unfas send. Brazilian literature: singular and plural. Literatura brasileira: singular e plural*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994. 127 p.
BN - DIICO
- SANTOS, Joaquim Eloy dos. *O teatro de Castro Alves*. Petrópolis [Rio de Janeiro]: [s.n.], 1971. 71 p.
BN - DIOGE
- SANTOS, Valeriano Félix dos. *Castro Alves: vida, paixão e glória*. Bahia: Simões Filho, [1992?]. 8 p.
BN - DIMAS
- SENNA, Marta de. *Uma poética flutuante: ensaio sobre poesia de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1980. [33] p.
BN - DIOGE
- SILVA, Alberto. *Glória e sofrimento de Castro Alves...* Bahia: Imp. Oficial, 1948. iv, 61 p.
BN - DIOGE
- SILVA, Domingos Carvalho da. *A presença do condor: estudo sobre a caracterização do condoreirismo na poesia de Castro Alves*. Brasília: Clube de Poesia de Brasília, 1974. 75 p.
BN - DIOGE
- SILVA, Francisco Pereira da. *Castro Alves*. Supervisão de Afonso Arinos de Mello Franco. São Paulo: Três, 1974. 250 p., il. (A vida dos grandes brasileiros, 3).
BN - DIOGE

- SILVA, José Bonifácio de Andrade e. *A margem da corrente: poesia*. Rio de Janeiro: A República, 1871. ____
BN - DIORA
- SILVA, Kátia Maria de Carvalho. *O Diário da Bahia e o século XIX*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. 258 p., il.
BN - DIOGE
- SILVA, Leonardo Dantas (org.) *abolição em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana; Brasília, CNPq, Comissão de Eventos Históricos, 1988. 55, 76p., il.
BN - DIOGE
- SILVA, Lourival Ribeiro da. *A doença de Castro*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1949. 132 p.
BN - DIOGE
- SILVA, M. Nogueira da. *Gonçalves Dias e Castro Alves*. Rio de Janeiro: A Noite, [1943?], 164 p.
BN - DIOGE
- SILVEIRA, Paulo. *O gênio da minha terra: asas e patas*. Rio de Janeiro: Constalat e Miccolis, 1926. p. 64-73.
BN - DIOGE
- SILVEIRA, Tasso da. *Definição do modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1932. 150 p.
BN - DIOGE
- SOARES, Aloísio Alexandre. *O patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras: Castro Alves*. Belém, 1947. 189 p.
BN - DIOGE
- SODRÉ, H. *Homens, fatos e idéias... Bahia*, [s.l.], 1930.
BN - DIOGE
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultura Brasileira, [1938?]. 246 p.
BN - DIOGE
- SOUZA, Antônio Loureiro de. *Bahianos ilustres: 1564 - 1925*. Salvador: Tip. Beneditina, 1949. 222 p.
BN - DIOGE
- SOUZA, Cacilda Francioni de. *Resumo da história literária*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia Editores, 1902. 350 p.
BN - DIOGE
- _____. Castro Alves In: *Noções da Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia Editores, 1902. 120 p.
BN - DIOGE
- TAVARES JÚNIOR, Luiz et al. *Castro Alves: o poeta e o tempo*. Fortaleza: Imp. Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1971. 76 p.
BN - DIOGE
- TEIXEIRA, Múcio. *Vida e obras de Castro Alves*. Edição ornada com dois retratos do biographado, um aos 18 anos, outro aos 24. Bahia: Typ. e encadernação do Diário da Bahia, 1896. 338 p., il.
BN - DIOGE
- TILL, E. Rodrigues. *No garimpo do tempo: momentos de história e poesia*: Castro Alves, Gonçalves Vianna, Alceu Wamosy, Uruguaiana. Porto Alegre: Ed. do autor, 1964. 122 p.
BN - DIOGE
- VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a História da Academia de São Paulo*. São Paulo: Academia de São Paulo, 1924. 2v.
BN - DIOGE
- VERÍSSIMO, José. Castro Alves e o poema dos escravos (1884). In: *Estudos Brasileiros*. 1. série. Pará: Tavares Cardoso, 1889. p.183-190.
BN - DIORA

- _____. In: *Estudos de literatura brasileira*. 2. série. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 147-163.
BN - DIOGE
- _____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Alves, 1916. 350 p.
BN - DIOGE
- VILLAS-BOAS, Milton. *Castro Alves: gênio...* Salvador: Imp. Oficial, 1948. 29 p., il.
BN - DIOGE
- WANDERLEY, Walter. *Do navio negreiro ao 30 de setembro: culto da liberdade na voz de dois poetas*. Rio de Janeiro: R. Continente, 1980. 74 p., il. (Coleção Mossoroense, 105).
BN - DIOGE
- WERNECK, Eugênio. *Antologia brasileira*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1892.
BN - DIOGE
- WYNNE, J. Pires. *Castro Alves: na imprensa e na literatura. Conferência proferida na Associação Brasileira de Imprensa, no dia 12 de março de 1947, na Semana do Poeta*. Rio de Janeiro: 1947. 37 p.
BN - DIOGE
- _____. *Castro Alves: na imprensa e na tribuna. Conferência proferida na Associação Brasileira de Imprensa, no dia 12 de março de 1947, na Semana do Poeta*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947. 37 p.
BN - DIOGE
- ZAGURY, Eliane. *Castro Alves: tempo, vida e obra*. Rio de Janeiro: Bruguera, [1971?]. 160 p., il.
BN - DIOGE

Periódicos

- AFRICANOS depositam rosa ao pé de Castro Alves: o poeta herói de dois continentes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1971.
BN - DIPER
- ALMEIDA, Guilherme de. A décima condoreira. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 16 mar., ano 23, nº. 14.
BN - DIPER
- ALMEIDA, Renato. Castro Alves. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, abr. 1938.
BN - DIPER
- _____. A poesia heróica de Castro Alves. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- ALVES, Constâncio. Castro Alves. *Anuario do Brasil*, Rio de Janeiro, jul. 1921.
BN - DIPER
- _____. As obras de Castro Alves. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1921.
BN - DIPER
- D. ALZIRA cheia de mágoa renega o avô Castro Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1971.
BN - DIPER
- AMADO, Genolino. Castro Alves e a linguagem brasileira. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947, ano 29, nº. 8.256.
BN - DIPER
- AMADO, Gilberto. Castro Alves. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, nov. 1932.
BN - DIPER

- AMADO, Jorge. Castro Alves, o lírico: estudo crítico e biográfico lido no Ginásio Municipal Ilhéus em 1940. *Vamos ler*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1941, p. 1-8.
BN - DIPER
- AMARAL, Amadeu. Uma poesia de Castro Alves. Conferência em São Paulo, em nov. de 1920. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- AMARAL, Azevedo. Castro Alves. *O Dia*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- O AMERICANO. São Paulo, 6 jul. 1981, n.º. 6, ano 1. Número dedicado a Castro Alves.
BN - DIPER
- ANDRADE, Carlos Drummond de. O poeta, aqui ao lado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1971.
BN - DIPER
- ANDRADE, José Maria Goulart de. Castro Alves. *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 jul. 1921.
BN - DIPER
- ARTIGO do editorial da *Parahyba*, acerca do decennario de Castro Alves. Bahia, [1881?]. 8 p.
BN - DIOGE
- AUTORES E LIVROS. Rio de Janeiro, *A Manhã*, 13 set. 1942, v. 3, n.º. 8. Número dedicado a Castro Alves.
BN - DIPER
- ATHAYDE, Tristão de [Alceu de Amoroso Lima]. Castro Alves e nosso tempo. *Jornal da Bahia*, Salvador, 18 fev.; 5, 6, 8-9 ago, 1971.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano 19, n.º. 22, 22 mar. 1947, p. 5.
BN - DIPER
- AZEREDO, Carlos Magalhães. Conferência realizada na Academia de São Paulo em honra de Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela. *O Estado de São Paulo*, S. Paulo, 23-25 nov. 1892.
BN - DIPER
- AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. Os amores de Castro Alves. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 23, 30 abr. 1966. Suplemento literário.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves em São Paulo. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7, 14, 28 nov.; 5, 12, 19 dez. 1964. Suplemento literário.
BN - DIPER
- BANDEIRA, Manuel. Um autógrafa de Castro Alves. *Literatura*, Rio de Janeiro, ano 1, n.º. 1, p. 28 - 34, set. 1946.
BN - DIPER
- BARCELLOS, Ramiro Frota. Centenário de Castro Alves. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.º.7, p. 5-12, set. 1971.
BN - DIPER
- BARRETO, Augusto. Castro Alves. *A Lyra*. Resende, Rio de Janeiro, 8 jul.; 8 ago. 1921.
BN - DIPER
- BARROSO, Gustavo. O último São João de Castro Alves. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 25, n.º. 146, mar. 1947.
BN - DIPER

- BASTIDE, Roger. Castro Alves e o Romantismo social. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, 2 seção, nº. 34, p.3.
BN - DIPER
- _____. Os românticos descobrem os africanos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 fev. 1997. Idéias, p. 5.
BN - DIPER
- BENEVIDES, Artur Eduardo. Castro Alves: o poeta e o mito. *Aspectos*, Fortaleza, nº.8, p. 47-58, 1975.
BN - DIPER
- BENÍTEZ, Justo Pastor. Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano 29, nº. 8.234, 5 mar. 1947.
BN - DIPER
- BERTA, Albertina. Castro Alves. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 14 mar. 1947, ano 120, nº. 137.
BN - DIPER
- BEVILAQUA, Clóvis. Castro Alves. *Diário de Pernambuco*, Recife, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- BIBLIOTECA Nacional mostra originais de Castro Alves no centenário de sua morte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1971.
BN - DIPER
- BILAC, Olavo. Castro Alves e Gonçalves Dias. *Diário Mercantil*, São Paulo, 13 maio 1887.
BN - DIPER
- BOAVENTURA, Edivaldo M. Parque histórico Castro Alves. *Cultura*, Brasília, ano 11, nº. 40, p. 46-49, abr./jun. 1983.
BN - DIPER
- BRAGA, Rubem. Sobre Castro Alves. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 1938.
BN - DIPER
- BRANDENBURGER, Clemente. Castro Alves. *Deutsche-Zeitung*, São Paulo, 9 jul. 1921.
BN - DIPER
- BRANT, Celso. A presença de Castro Alves. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 mar. 1947, ano 15, nº. 8.265.
BN - DIPER
- BRASIL, Joaquim Francisco Assis. Palestra literária com Lúcio de Mendonça. *A Província de São Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1881.
BN - DIPER
- BRITO, Higino Costa. Castro Alves, poeta humano e atual. *Revista da Academia Paraibana de Letras*, 1947, p. 169-179.
BN - DIPER
- BUTCHER, Pedro. Castro Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1997. Caderno B, p. 1.
BN - DIPER
- CABRAL, Alfredo do Vale. Biografia de Antônio de Castro Alves. *Gazeta Litteraria*, Rio de Janeiro, 1883.
BN - DIPER
- CABRAL, Mário César. Lírico e libertário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1977.
BN - DIPER
- CALMON, Pedro. Castro Alves. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 25, nº. 143, p. 5. mar. 1947.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves, Alencar e Machado. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947.
BN - DIPER

- _____. Castro Alves: poeta do Brasil. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 24, n.º. 140, p. 80-91, 12 dez. 1964.
BN - DIPER
- _____. O poeta e a abolição. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n.º. 35, 2 jun. 1966. Artigo sobre o centenário de Vicente de Carvalho.
BN - DIPER
- _____. Um dia de glória na vida de um gênio... *Vamos ler*, Rio de Janeiro, p. 10 - 11, 62, 6 mar. 1947.
BN - DIPER
- _____. A volta da primavera. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 10.
BN - DIPER
- CAMPANHA pró-mausoléu Castro Alves. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 18 jul; 1, 8, 15, 22, 29 ago; 17 out. 1942.
BN - DIORA
- CAMPELLO, Samuel. Castro Alves revolucionário. *Revista do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco*, Recife, ano 1, n. 1, p. 69-77, jan. - mar. 1922.
BN - DIPER
- CAMPOS, Astério de. Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, ano 72, n.56.
BN - DIPER
- CAMPOS, Humberto de. Literatura e caráter. *Para Todos*, Rio de Janeiro 22 nov. 1919.
BN - DIPER
- _____. A Semana. *Para Todos*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1920.
BN - DIPER
- CANSADO, Melo. Castro Alves. *O Diário*, Belo Horizonte, 15 mar. 1947, ano 13, n.º. 3.451.
BN - DIPER
- CAPARELLI, Nilton. Castro Alves, pintor e letrista, *Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 99-101, 27 nov. 1969.
BN - DIPER
- CARNEIRO, Humberto. A imagem, a paisagem e o estilo de Castro Alves. *Revista do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco*, Recife, ano 1, n.º. 1, p. 78-85, jan.-mar. 1922.
BN - DIPER
- CARPEAUX, Otto Maria. Aproximando-se de Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 1.
BN - DIPER
- CARVALHO, Anísio Circundes de. Discurso na inauguração da estátua de Castro Alves. *A Tarde*, Salvador, 7 jul. 1923.
BN - DIPER
- CARVALHO, Jairo Dias de. Castro Alves e as rosas da vida. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, v. 1, n.º. 8, p. 25, 1975.
BN - DIPER
- CARVALHO, Ronald de. A aurora de Castro Alves. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- _____. Um século de pensamento. *América Brasileira*, Rio de Janeiro, n.º. 9, 12, 1922.
BN - DIPER
- CASTRO Alves. O Brasil celebra hoje... o centenário do nascimento de seu grande e inolvidável poeta. *Jornal do Brasil*, 14 mar. 1947, p. 7.
BN - DIPER

- CASTRO Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1971.
BN - DIPER
- CASTRO Alves foi ontem tema geral. *Jornal da Bahia*, Salvador, 11 ago. 1971, p. 3.
BN - DIPER
- CASTRO Alves. *Folha de S. Paulo*, 16 mar. 1997, Mais!, p. 10-12.
BN - DIPER
- CASTRO Alves homenageado. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 jul. 1971, p. 6.
BN - DIPER
- CASTRO Alves. *Jornal da Bahia*, Salvador, 22 jul. 1971, p. 2.
BN - DIPER
- CASTRO Alves pede passagem para festejar o aniversário. *Jornal da Bahia*, Salvador, 17 fev. 1971, p. 2.
BN - DIPER
- CASTRO ALVES, o poeta da liberdade. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, ano 2, n.º 59, p. 56 - 59, 16 set. 1937.
BN - DIPER
- CASTRO Alves: o poeta dos escravos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1940. Publicado também com o título "Grandes figuras em quadrinhos". Rio de Janeiro: Brasil - América, jul./ago. 1958, n.º 7.
BN - DIPER
- CASTRO, Tito Lívio de. Castro Alves. *Seculo XX*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 11-20, nov. 1905. Incluído no livro do mesmo autor de *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves na interpretação de um grande pintor. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 25, n.º 144, abr. 1947.
BN - DIPER
- 100 ANOS depois ainda se discute sua obra. *Jornal da Bahia*, Salvador, 12-13 mar. 1972. Suplemento de domingo, p. 1.
BN - DIPER
- CENTENÁRIO de Castro Alves. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 25, n.º 143, p. 6-7, mar. 1947.
BN - DIPER
- 115 ANIVERSÁRIO da morte de Castro Alves. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 152, p. 129-130, 1986.
BN - DIPER
- CHIACCHIO, Carlos. Homens e obras: os dois Alves. *A Tarde*, Salvador, 1 jul. 1936.
BN - DIPER
- _____. Homens e obras: Lésbia. *A Tarde*, Salvador, 8 jul. 1936.
BN - DIPER
- COELHO NETO, Henrique. O titã. *A Noite*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1921.
BN - DIPER
- CONFLITA. *Jornal da Bahia*, Salvador, 26 jun. 1971, p. 4.
BN - DIPER
- CONCURSO para jovens é de poesia e cartaz. *Jornal da Bahia*, Salvador, 31 mar. 1971, p. 2.
BN - DIPER

- CONSTANTINI, Dante. Castro Alves em São Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 mar. 1947, ano 22, nº. 7.039.
BN - DIPER
- CONSTANTINO, Antônio. Castro Alves nos bancos acadêmicos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1947, ano 72, n. 68.
BN - DIPER
- CORDEIRO, Antônio Xavier Rodrigues. Antônio de Castro Alves. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Annde 1882*, Lisboa, Portugal: Lallement Frères, 1881, p. 7-22.
BN - DIPER
- CORREIA, Elisabete Aparecida. O poeta dos escravos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, ano 72, nº. 56. Suplemento literário.
BN - DIPER
- _____. A versificação de Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947, ano 72, nº. 74. Suplemento literário.
BN - DIPER
- CORREIA, Marlene de Castro. A imaginação cósmica de Castro Alves. *Cultura*, Brasília, ano 4, nº. 13, p. 96-99, abr./jun. 1974.
BN - DIPER
- CORREIA FILHO, Vergílio. A propósito de Castro Alves. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947, ano 120, nº. 139, p. 4.
BN - DIPER
- COSTA, Nelson. Gonzaga, de Castro Alves, na televisão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 out. 1961.
BN - DIPER
- COUTINHO, Galeão. A glória de Castro Alves. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 mar. 1947, ano 93, nº. 2.7896.
BN - DIPER
- CULMINAM as homenagens de reverência à memória do grande poeta Castro Alves... *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1947.
BN - DIPER
- CUNHA, Fausto. Castro Alves e o realismo romântico. Rio de Janeiro: *Instituto Nacional do Livro*, 1961. p. 7-22. Separata da *Revista do Livro*, jul./dez. 1961.
BN - DIOGE
- _____. Castro Alves, 1871 - 1971: essa é a glória que fica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1971.
BN - DIPER
- DEIRO, Pedro Eunápio da Silva. Notícia sobre as poesias do Dr. Castro Alve. *Diário da Bahia*, Bahia, 1867.
BN - DIPER
- DESY, Jean. O dois lados do horizonte. Discurso pronunciado no Ministério da Educação no encerramento das conferências sobre Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1947, ano 29, nº. 8.750.
BN - DIPER
- DIAS, Teófilo. A literatura brasileira e os poetas abolicionistas. *A Província de São Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1881.
BN - DIPER
- DUARTE, Urban. Cronica Fluminense. *Diário Mercantil*, São Paulo, 15 maio 1887.
BN - DIPER
- _____. Falam de Castro Alves: poetas moços de São Paulo. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 mar. 1947, ano 93, nº. 2.7896.
BN - DIPER

- FAMÍLIA do poeta contra transferência das cinzas para praça Castro Alves, *Jornal da Bahia*, Salvador, 29 jun. 1971, p. 3.
BN - DIPER
- FEDER, Ernesto. Castro Alves e Heinrich Heine. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947, ano 29, nº. 8.244.
BN - DIPER
- FERNANDES, Aníbal. Pernambuco intelectual. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ago. 1921.
BN - DIPER
- FERRAZ, Aydano do Couoo. Os pássaros brasileiros na poesia de Castro Alves. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 ago. 1970. Suplemento literário.
BN - DIPER
- FERRAZ, Enéias. A arte moderna e a geração literária. *O País*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1925.
BN - DIPER
- FIGUEIREDO, Guilherme. Reencontro com o poeta. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 mar. 1947, ano 93, nº. 27.896.
BN - DIPER
- FLAGRANTES da vida de Castro Alves. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 12.
BN - DIPER
- FRAGA, Clementino. Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 38, v. 57.
BN - DIPER
- _____. Vocação liberal de Castro Alves. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 46, v. 73, anais jan.-jun. 1947.
BN - DIPER
- FREIXEIRO, Flávio. Mário de Andrade e a revisão de Castro Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1968.
BN - DIPER
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Suplemento dedicado a Castro Alves.
BN - DIPER
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 13 abr. 1947. Suplemento dedicado a Castro Alves.
BN - DIPER
- O GLOBO, Rio de Janeiro, 14 mar. 1947. A 2. se o do jornal é dedicada a Castro Alves.
BN - DIPER
- G IS, Fernando. Um negro fala de Castro Alves. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 mar. 1947, ano 72, n. 68. Suplemento Literário.
BN - DIPER
- GOMES, Alfredo. Castro Alves, poeta humano. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 mar. 1947, ano 93, n . 27.895.
BN - DIPER
- GOMES, Antônio Osmar. Castro Alves, o g nio. *A Tarde*, Salvador, 14 mar. 1947, ano 35, n . 12.058.
BN - DIPER
- GOMES, Aristóteles. Conferência sobre Castro Alves na Associa o Baiana de Imprensa a 11 mar. 1947. *A Tarde*, Salvador, 12 mar. 1947, ano 35, n . 12.056.
BN - DIPER

- GOMES, Eugênio. Castro Alves. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, mar. 1947.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves e o sertão. *Atlântico*, [s. l.], 1945, nº. 6.
BN - DIPER
- _____. Um desenho de Castro Alves. *O Imparcial*, Bahia, 5 fev. 1936.
BN - DIPER
- _____. Um poema desconhecido de Castro Alves. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947.
BN - DIPER
- GOMES-LEITE, Castro Alves. *A Época*: revista científica e litteraria da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociaes do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 11, n. 68-69, p.13-20, abr.-maio 1916.
BN - DIPER
- GRIECO, Agripino. Castro Alves, a voz do Brasil. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1947, ano 72, n. 68. Suplemento literário.
BN - DIPER
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus. O borbulhar do gênio. *O Diário*, Bahia, 26 mar. 1947, ano 13, n. 3460.
BN - DIPER
- _____. Conceito romântico de poesia. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano 3, nº. 10, p. 227, jun. 1958.
BN - DIPER
- _____. Mocidade e morte. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano 3, nº. 12, p. 177, dez. 1958.
BN - DIPER
- _____. Política literária. *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 1948.
BN - DIPER
- GUIMARÃES, Augusto Álvares. Biographia de Antônio de Castro Alves. *Gazeta Litteraria*, Rio de Janeiro, 5, 15 out.; 1 dez. 1883, ano 1, nº. 2. Transcrita em *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1947 sob o título "A primeira biografia de Castro Alves".
BN - DIORA
- GUIMARÃES, Gilberto. Há cem anos Castro Alves chegava à Praça 15. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1968.
BN - DIPER
- _____. Um dia de glória na vida de um gênio... *Vamos ler*, Rio de Janeiro, 6 mar. 1947, p. 10-11, 62.
BN - DIPER
- GUIMARÃES, Giovanni. O centenário do gênio. *A Tarde*, Salvador, 7 mar. 1947, ano 35, nº. 12.052.
BN - DIPER
- GUIMARÃES, Moreira. Do meu canto. *Diário Popular*, São Paulo, 21 jul. 1921.
BN - DIPER
- GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1881.
BN - DIPER
- HADDAD, Jamil Almansur. Castro Alves: um poeta contra o seu tempo. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, 1947, nº. 9.
BN - DIPER
- _____. O decenário de Castro Alves. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 13, v. 92, nº. 112-113.
BN - DIPER

- HORCADES, Alfredo. Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947, ano 72, n. 62. Suplemento literário.
BN - DIPER
- INAUGURA. *Jornal da Bahia*, Salvador, 13-14 jun. 1971, p. 2.
BN - DIPER
- IVO, Lêdo. Castro Alves: epígrafe e iluminação. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 164, p. 81-88, 1992.
BN - DIPER
- JORNAL DE ALA. Bahia: Edições Ala das Letras e das Artes, out. 1939, ano 1, n.º 2. Número parcialmente dedicado a Castro Alves.
BN - DIPER
- LAVIGNE, Eusínio. Castro Alves. *Jornal da Bahia*, Salvador, 14 set. 1971, p. 4 - 5.
BN - DIPER
- LEAL, César. A imagem cósmica na poesia de Castro Alves. *Estudos Universitários*, Recife, v. 12, n.º 2, p. 59-69, abr./jun. 1972.
BN - DIPER
- LEÃO, Múcio. Castro Alves. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1921.
BN - DIPER
- LEITE, Ascendino. Depoimento da atual geração literária sobre Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 1.
BN - DIPER
- LIMA, Alceu Amoroso. Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- LIMA, Jackson da Silva. Tobias Barreto e Castro Alves: uma velha polêmica. *Momentos*, Aracaju, ano 1, n.º 2, p. 15-18, mar. 1976.
BN - DIPER
- LINHARES, Temístocles. Ainda Castro Alves. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 mar. 1947, ano 29, n.º 7.978.
BN - DIPER
- LOPES, Antônio. O poeta dos escravos. *A pacotilha*, Maranhão, 6 jul. 1921.
BN - DIPER
- O LUZEIRO: órgão poetico litterario e recreativo dedicado ao bello sexo campista. Campos, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, 6 jul. 1881. Número dedicado a Castro Alves.
BN - DIORA
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. Castro Alves: poeta do povo e da juventude. *O Diário*, Bahia, 16 mar. 1947, ano 23, n.º 3.452.
BN - DIPER
- MAGALHÃES, Valentim. O cantor dos escravos. *Gazeta Literária*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1884.
BN - DIORA
- _____. Escritores e escrita. *Tribuna Liberal*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1889.
BN - DIPER
- MAIA, Alcides. Literatura. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1915.
BN - DIPER
- OS MAIS romântico dos poetas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1997. Caderno B, p. 1.
BN - DIPER

- MARINHO, Evaristo. Espumas Flutuantes: poesias de Castro Alves. *Imprensa Acadêmica*, São Paulo, 21-28 maio, 30 ago. 1871.
BN - DIPER
- MARQUES, Xavier. Castro Alves. *Revista Popular*, Bahia, ano 1, n. 11, p. 162-164, jul. 1898.
BN - DIORA
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. Os nomes próprios na poesia de Castro Alves. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 3, p. 43-57, 1974.
BN - DIPER
- MARTINS, Ribamar. Condor ressuscito. *Almanaque da Paraíba*, Teresina, nº. 50, p. 201, 1973.
BN - DIPER
- MATOS, Valdemar. A Bahia de Castro Alves. *Anais do Arquivo Público da Bahia*, Rio de Janeiro, v. 30, 1947.
BN - DIPER
- MELHOR edição comemora o rito de passagem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1997. Idéias, p. 4.
BN - DIPER
- MELO, Ana Rúbia de. Bahia não se esquece de seu mito maior. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1997. Caderno B, p. 61.
BN - DIPER
- MELO, Gladstone Chaves de. Castro Alves e a linguagem brasileira. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947, ano 29, nº. 8.256.
BN - DIPER
- MELO, Mário. Castro Alves no Recife. *Revista do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco*, Recife, ano 1, n. 1, p. 47-52, jan.-mar. 1922.
BN - DIPER
- _____. O Poeta máximo. *Jornal do Commercio*, Recife, 14 mar.1947, ano 29, nº. 61.
BN - DIPER
- MELO, Vieira de. O grande cantor da liberdade. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1944, p. 13.
BN - DIPER
- MEMÓRIA, Assis. Castro Alves, o crente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1947, ano 56, nº. 63.
BN - DIPER
- MENDES, Oscar. O poeta desarma o tempo. *O Diário*, Belo Horizonte, 16 mar. 1947, ano 13, nº. 3.452.
BN - DIPER
- MENESES, Raimundo de. Castro Alves. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 1947, ano 68, nº. 22.031.
BN - DIPER
- MEYER, Augusto. Três navios negreiros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1967. 2 caderno.
BN - DIPER
- MIS vai lançar um *long-play* com poesia de Castro Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1972.
BN - DIPER
- MIS mostra poeta Castro Alves como pintor e compositor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1969.
BN - DIPER
- MONIZ, Edmundo. O poeta dos escravos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 out. 1948.
BN - DIPER

- MONTEBELLO, Asdrúbal. Decálogo do crime do monumento de Castro Alves. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, v. 1, nº. 9, p. 30. maio, jun. 1975.
BN - DIPER
- MONTEIRO, Mário. O espírito lusíada de Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947, ano 72, nº. 62. Suplemento literário.
BN - DIPER
- MONTENEGRO, Tulo Hostílio. O condor tísico. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 nov. 1948.
BN - DIPER
- MOSTRA de Castro Alves. *Jornal da Bahia*, Salvador, 23-24 maio 1971, p. 3.
BN - DIPER
- MOTA FILHO, Cândido. História de Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1947, ano 29, nº. 8.267.
BN - DIPER
- _____. As leituras da semana: Inconsistência literária. *Correio Paulistano*, São Paulo, 21 fev. 1929.
BN - DIPER
- MOURA, Clóvis. Os personagens negros estão sem autores. *Página Um*, São Paulo, ano 1, nº. 1, p. 3-4, set. 1983.
BN - DIPER
- MURAT, Luís. Castro Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13, 20, 27 ago. 1925.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 out. 1920.
BN - DIPER
- MUSEU Castro Alves, *Jornal da Bahia*, Salvador, 24-25 out. 1971, p. 5.
BN - DIPER
- NAME, Daniela. A volta do navio negreiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 mar. 1997, Prosa e Verso, p. 1.
BN - DIPER
- NISKIER, Arnaldo. Castro Alves e o abolicionismo. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 156, p. 37-50, 1988.
BN - DIPER
- NOBRE, Antônio. A correspondência de Antônio Nobre: Porto, Portugal, 9 fev. 1885. *A Rajada*, revista de crítica e arte e letras, Rio de Janeiro, nº. 6, série 2, 1920.
BN - DIPER
- NOGUEIRA, Adalácio. Ode a Castro Alves. *A Tarde*, Salvador, 22 mar. 1947, ano 35, n-7. 12.065.
BN - DIPER
- NOTICIA de pesar pela morte de Castro Alves. *O Abolicionista*, Bahia, 31 jul. 1871, série 1, nº. 8, p. 1.
BN - DIORA
- NOTICIA sobre a morte de Castro Alves. *O Novo Mundo*: periodico illustrado do progresso da idade, Nova Iorque, 24 set. 1871, v. 1, nº. 12, p. 180.
BN - DIPER
- NUNES, Osório. Reverência do Brasil ao seu maior poeta! *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 16 maio 1942.
BN - DIORA
- OITICICA, José. A criação definitiva da poesia brasileira: Castro Alves maior poeta que Gonçalves Dias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1947, ano 72, nº. 85. Suplemento literário.
BN - DIPER

- _____. Um ponto da literatura. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1913.
BN - DIPER
- OLIVEIRA, D. Martins de. A ação social e espiritual de Castro Alves. *Revista da Academia Matgossense de Letras*, jan./dez. 1934.
BN - DIPER
- OLIVEIRA, Elival. Castro Alves e Beecher Stowe. Discurso nas festas do centenário na cidade natal do poeta. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947, ano 72. Suplemento literário.
BN - DIPER
- OLIVEIRA, Valdemar. Castro Alves o Recife II. *Diário de Notícias*, Salvador, 12 mar. 1947, ano 72, nº. 12.909.
BN - DIPER
- OPINIÕES e depoimentos sobre Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 3, 7.
BN - DIPER
- OVÍDIO FILHO. Autocrítica. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 jun. 1906.
BN - DIPER
- PALHA, Américo. O poeta da liberdade. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 23, nº. 143, p. 10-11, mar. 1947.
BN - DIPER
- PARQUE Castro Alves inaugurado. *Jornal da Bahia*, Salvador, 9 mar. 1971, p. 5.
BN - DIPER
- PARQUE de Castro Alves sai amanhã, *Jornal da Bahia*, Salvador, 7-8 mar. 1971, p. 3.
BN - DIPER
- PATI, Francisco. Castro Alves, artista. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 mar. 1947, ano 93, nº. 27.906.
BN - DIPER
- PAULINO NETO. *Castro Alves...* Rio de Janeiro: *Jornal do Commercio*, 1950. [161]- 168 p. Separata do v. 3 da *Revista da Academia Fluminense de Letras*, v. 3.
BN - DIOGE
- PEIXOTO, Afrânio. Comemoração do cinquentenário de sua morte na Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1921.
BN - DIPER
- PELLEGRINO, Hélio. Anotações sobre Castro Alves. *O Diário*, Bahia, 16 mar. 1947, ano 13, nº. 3.452.
BN - DIPER
- PIMENTEL, Alfredo. Versos a Castro Alves. *A Tarde*, Salvador, 29 mar. 1947, ano 35, nº. 12.070.
BN - DIPER
- PIMENTEL, Petronilha. Castro Alves: o gênio precoce. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 1.
BN - DIPER
- PINHEIRO, Maciel. Um inédito de Castro Alves. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1956.
BN - DIPER
- PIRES, Homero. Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 1, 7.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves, poeta social. Conferência de 3 ago. 1913. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Bahia, v.28, nºs. 37, 38, 39, [s.d.].
BN - DIPER

- POETA dos escravos. *Jornal da Bahia*, Salvador, 13 maio 1960, 2. caderno, p. 1.
BN - DIPER
- AO POETA. *Jornal da Bahia*, Salvador, 5 jan. 1971, p. 4.
BN - DIPER
- O POETA dos oprimidos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1997. Idéias. p. 1.
BN - DIPER
- POETA ficará no campo santo. *Jornal da Bahia*, Salvador, 29 jun. 1971, p. 1.
BN - DIPER
- PÓLVORA, Hélio. Centenário ao vivo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1971.
BN - DIPER
- REGO, José Lins do. Castro Alves, poeta do amor. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947, ano 29, nº. 8.244.
BN - DIPER
- _____. Uma conversa sobre Castro Alves. *Estado da Bahia*, Salvador, 24 mar. 1947, ano 14, nº. 2.965.
BN - DIPER
- REGO JÚNIOR, Costa. Os amores de Castro Alves. *Revista do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco*, Recife, ano 1, nº. 1, p. 53-62, jan./mar. 1922.
BN - DIOGE
- REIS, Marcos. Castro Alves. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 mar. 1947, ano 22, nº. 1.039. Suplemento literário.
BN - DIOGE
- REMOÇÃO é legal. *Jornal da Bahia*, Salvador, 2 jul. 1971, p. 3.
BN - DIPER
- RÉPLICA de navio abriga exposição. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1997. Caderno B, p. 61.
BN - DIPER
- RESTOS do poeta sairão do campo santo domingo. *Jornal da Bahia*, Salvador, 2 jul. 1971, p. 3.
BN - DIPER
- RIBEIRO, Anazildo. Castro Alves. *Atenéia*, Porto Alegre, ano 22, nº. 52/53, p. 37, 1971.
BN - DIPER
- RIBEIRO, João. Castro Alves. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1921.
BN - DIPER
- _____. Ainda Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1921.
BN - DIPER
- RIBEIRO NETO, Pedro Antônio de Oliveira. Soneto a Castro Alves. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, p. 2.
BN - DIPER
- _____. Castro Alves em São Paulo. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, ano 10, nº. 38, 12 jun. 1947.
BN - DIPER
- ROCHA, Hildon. Confronto entre Castro Alves e Álvares de Azevedo. *Cultura*, Brasília, ano 1, nº. 2, p. 40-53, abr./jun. 1971.
BN - DIPER
- SALES, Artur de. Castro Alves e o São Francisco. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1947, ano 72, nº. 68. Suplemento literário.
BN - DIPER

- SALES, Fernando. 1870: livros em destaque. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 4. tri. ano 13, n.º 43, p. 35, 1970.
BN - DIPER
- SANTOS, Antônio Noronha. Castro Alves: centenário. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1947, ano 46, n.º. 16.062.
BN - DIPER
- SANTOS, Florêncio. Castro Alves, o poeta sem título. *O Carioca*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1941.
BN - DIPER
- SCHALZ, Alfredo Carlos. *Arauto do porvir*: in memoriam ... Olinda, 1973, p. 127-152. (Coleção Katholon, 12). Separata do Boletim da Academia Olindense de Letras, II.
BN - DIOGE
- SCHLAFMAN, Léo. O poeta dos oprimidos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1997. Idéias, p. 1, 4.
BN - DIPER
- SCHMIDT, Augusto Frederico. Castro Alves. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947. Letras e Artes, p. 1.
BN - DIPER
- SERPA, Fócion. A glória de Castro Alves. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1934.
BN - DIPER
- SILVA, Alberto. A mulher na poesia e vida de Castro Alves. *A Tarde*, Salvador, 29 nov. 1947.
BN - DIPER
- SILVEIRA, Paulo. Histórias da Semana. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1928.
BN - DIPER
- SOARES, J. Alberto. Castro Alves em São Paulo. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 7 set. 1940.
BN - DIORA
- SUED, Ibrahim. Castro Alves. *Jornal da Bahia*, Salvador, 9 fev. 1971. 2.º caderno, p. 3.
BN - DIPER
- TAPIRANGA, E. Elpídio [padre]. A casa em que nasceu Castro Alves. Carta inédita do maior orador sacro da Bahia datada de 1906. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1947, ano 72, n.º. 56. Suplemento literário.
BN - DIPER
- THEVENET, Cláudia et OLIVEIRA, Roberta. O mais romântico dos poetas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1997. Caderno B, p. 61.
BN - DIPER
- TIGRE, Manuel Bastos. A obra de Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1947, ano 72, n. 91. Suplemento literário.
BN - DIPER
- TILL, E. Rodrigues. Centenário de "Espumas flutuantes". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21 fev. 1970. Caderno de sábado.
BN - DIPER
- TOLMAN, Jon M. Castro Alves: poeta amoroso. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.º. 17, p. 27-49, 1975.
BN - DIPER
- TOMAS, Joaquim. O altíssimo poeta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1947, ano 56, n.º. 60.
BN - DIPER

- VALADÃO, Haroldo. Castro Alves, patrono dos estudantes de direito. *A Tarde*, Salvador, 26 mar. 1947. ano 35, nº. 12.062.
BN - DIPER
- VAREJÃO, Lucilo. Castro Alves dramaturgo. *Revista do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco*. Recife, ano 1, nº. 1, p. 63-68, jan./mar. 1922.
BN - DIPER
- VEIGA, Cláudio. Castro Alves tradutor. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, nº. 12, p. 43-56, jan./dez. 1977.
BN - DIPER
- VERISSÍMO, José. Registro literário: os poetas da segunda geração romântica. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1899; 2 jan. 1900.
BN - DIPER
- VIANA FILHO, Luís. Elogio de Castro Alves. *A Tarde*, Salvador, 22 mar. 1947, ano 35, nº. 12.065.
BN - DIPER
- VEIRA, José Geraldo. Castro Alves do povo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947, nº. 36. Letras e Artes.
BN - DIPER
- VÍTOR, Nestor. Luís Delfino e Castro Alves. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947. ano 22. nº.74.
BN - DIPER
- A VOZ dos escravos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1997. p. 1.
BN - DIPER

Retratos

- Adelaide de Castro Alves, irmã do poeta. In: FERREIRA, Hermelino Lopes Rodrigues. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Pongetti, [1947?]. v. 1, p. 212.
BN - DIOGE
- Agnese, Trinci Murri. foto. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro, 1958.
BN - DIOGE
- Amélia de Castro Alves, irmã do poeta. In: FERREIRA, Hermelino Lopes Rodrigues. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Pongetti, [1947?]. v. 1, p. 292.
BN - DIOGE
- Antônio Alves de Carvalho. Fotogravura. 3 x 5,5 cm.
BN - DIICO
- Antônio Augusto de Mendonça. 1 repro. tipogr., p & b. 6 x 5 cm. Busto.
BN - DIICO
- Antônio José Alves, pai de Castro Alves. Fot. por G. Gaensly de um retrato a óleo. Salvador, 1881. 30,6 x 24,2 cm.
BN - DIICO
- _____. Fotogravura de uma fotografia. 22,6 x 13,8 cm.
BN - DIICO
- Antônio de Macedo Costa. repr. tipogr., p & b. 10 x 8 cm.
BN - DIICO

- Augusto Álvares Guimarães, amigo do poeta, casado com sua irmã Adelaide. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro: INL, 1958. p. 42.
BN - DIORA
BN - DIICO
- Brasília Vieira. foto. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro: INL, 1958.
BN - DIICO
- Clélia B. de Castro Alves, mãe de Castro Alves. Daguerreótipo em montagem especial da época. 9 x 6,7 cm.
BN - DIICO
- _____. foto. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro: INL, 1958. p. 26.
BN - DIICO
- Elisa de Castro Alves, irmã do poeta. In: FERREIRA, Hermelino Lopes Rodrigues. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Pongetti, [1947?]. v. 1, p. 244.
BN - DIOGE
- Ester Amzalack. foto. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. *Exposição Castro Alves*. Rio de Janeiro: INL, 1958. p. 149.
BN - DIICO
- Eugênia Infante da Câmara. Fotografia. 13,5 x 8,1 cm.
BN - DIICO
- Fagundes, Varela. Litografia de Augusto Off. 8,3 x 6,7 cm.
BN - DIICO
- Joaquim Nabuco. Fotogravura redonda. 6,7 x 6,7 cm.
BN - DIICO
- José de Alencar e Machado de Assis. Fotografia de litografia. 16 x 25,2 cm.
BN - DIICO
- José Bonifácio de Andrada e Silva (O Moço). Foto sépia. 9 x 5 cm.
BN - DIICO
- José Ferreira de Meneses. foto.
BN - DIICO
- Leonídia Fraga. In: BRASIL. Instituto Nacional do Livro. *Exposição Castro Alves*. Rio de Janeiro: INL, 1958. p. 149.
BN - DIICO
- Luís Ferreira Maciel Pinheiro. Foto.
BN - DIICO
- Luís Guimarães Júnior. In: *Sonetos Brasileiros*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1834 - 1851. v. 2, n. 75.
BN - DIICO
- Melo Moraes Filho. Foto p & b., 7 x 6 cm.
BN - DIICO
- Rodrigues Alves. Fotografia por Carneiro e Gaspar. 9 x 5,4 cm.
BN - DIICO
- Rui Barbosa. Fotogravura circular. 14,9 x 14,8 cm.
BN - DIICO

Sinhazinha Lopes, aos 80 anos. Foto 8,2 x 5,3 cm.
BN - DIICO

Tobias Barreto Meneses. Fotografia de litografia. 13,5 x 15 cm.
BN - DIICO

Comissão Técnica da Exposição

Presidente

Maria Celeste Garcia
Ângela Barros Monteiro

Assessoria de Captação de Recursos e Escolas

Lia Figueiredo
Bernarda Soares

Patrocinadores

Alexandre Pires de Lima
Ângela Barros Monteiro
Bruno Lima Oliveira
Mônica Motociclista
Margarita Barboza

Programação Filmes

Antônio Lucas de Abreu
Hugo de Carvalho

Recife

José Bernardino Cruz Magalhães Vieira

Tramontana de Jernunetun

Carolina Lima Albuquerque
Eliane de Moura da Cruz
Jaime Spangher
Elizandra Leite Faria
Rosemary Rocha da Silva
Tatiana Christo

Expediente

Cláudio de Carvalho Xavier

Membros

Adriano Rente
Mário Brito

Patrocinador

SABIN — Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional

- Augusto Alvarez Guimarães, amigo do poeta, cassido com suas 27 fotografias de 1928.
de Lério. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro. INL, 1958, p. 47.
BN - DICO
- Topias Barreto Mendes. Fotografias de litografias, 13,5 x 15 cm.
Brodia Vieira, foto. In: BRASIL, Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro, 1958, p. 128.
BN - DICO
- Clélia B. de Castro Alves, mãe de Castro Alves. Daguerrotipo em montagem especial da época. 9 x 6,7 cm.
BN - DICO
- Foto. In: BRASIL, Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro. INL, 1958, p. 76.
BN - DICO
- Eltos de Castro Alves, irmã do poeta. In: FERREIRA, Hermelino Lopes Rodrigues. Castro Alves. Rio de Janeiro. Fozgria, 119971, v. 1, p. 244.
BN - DICO
- Ester Amalrita, foto. In: BRASIL, Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro. INL, 1958, p. 149.
BN - DICO
- Eng. Foto Infante da Câmara. Fozgria. 14,5 x 8,1 cm.
BN - DICO
- Eugênio, Virada. Litografia de Augusto. CM, 4,3 x 6,7 cm.
BN - DICO
- Joaquina Nabuco. Fotografia redonda. 6,7 x 6,7 cm.
BN - DICO
- João de Alencar e Machado de Assis. Fotografia de litografia. 16 x 25,7 cm.
BN - DICO
- João Benedito de Alcântara e Silva (O Mecon). Foto sepia. 9 x 5 cm.
BN - DICO
- João Francisco de Mendonça. Foto.
BN - DICO
- Leônida Freyre. In: BRASIL, Instituto Nacional do Livro. Exposição Castro Alves. Rio de Janeiro. INL, 1958, p. 149.
BN - DICO
- Luis Freyre. Magd. Pinheiro. Foto.
BN - DICO
- Luis Guimarães Júnior. In: Nossos Ilustrados. Rio de Janeiro. T. Bragança & Cia, 1934 - 1951, v. 2, p. 75.
BN - DICO
- Melo Maria Filha. Foto p & b. 7 x 6 cm.
BN - DICO
- Rodrigues Alves. Fotografia por Getúlio e Caspary. 9 x 10,5 cm.
BN - DICO
- Rui Barbosa. Fotografia redonda. 14,4 x 14,4 cm.
BN - DICO

Ficha Técnica da Exposição

Curadoria

Maria Celeste Garcia
Ângela Barros Montez

Assessoria de Captação de Recursos e Eventos

Lia Figuerinha
Fernanda Soares

Pesquisa

Alexandre Frias de Lima
Ângela Barros Montez
Bruno Lima Oliveira
Mônica Moretzsohn
Morgana Barison

Programação Visual

Ana Lúcia de Abreu
Hugo de Carvalho

Revisão

José Bernardino Cotta Magalhães Vieira

Tratamento de documentos

Carmem Lúcia Albuquerque
Elizabeth Moraes da Costa
Jaime Spinelli
Liamara Leite Fanaia
Rosemary Rocha da Silva
Tatiana Christo

Reprodução

Cláudio de Carvalho Xavier

Montagem

Adriano Renzi
Mauro Britto

Patrocínio

SABIN — Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional



Coordenação

Maria Celeste Garcia
Ángela Barros Monteiro

Auxílio de Captação de Recursos e Esposas

Lia Figueiredo
Fernanda Sousa

Equipa

Alexandre Pires de Lima
Ángela Barros Monteiro
Bruno Lima Oliveira
Mónica Monteiro
Morgana Barroso

Comissão Organizadora

Luís de Albuquerque
Hugo de Carvalho

Artista

João Bernardino Costa Magalhães Vieira

Tribuna de Documentação

Carmem Lúcia Albuquerque
Elizabeth Moraes da Costa
Jaime Spinelli
Liamara Este Paes
Rosemary Rocha da Silva
Tadana Cristina

Impressão

Cláudio de Carvalho Xavier

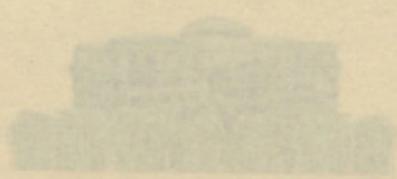
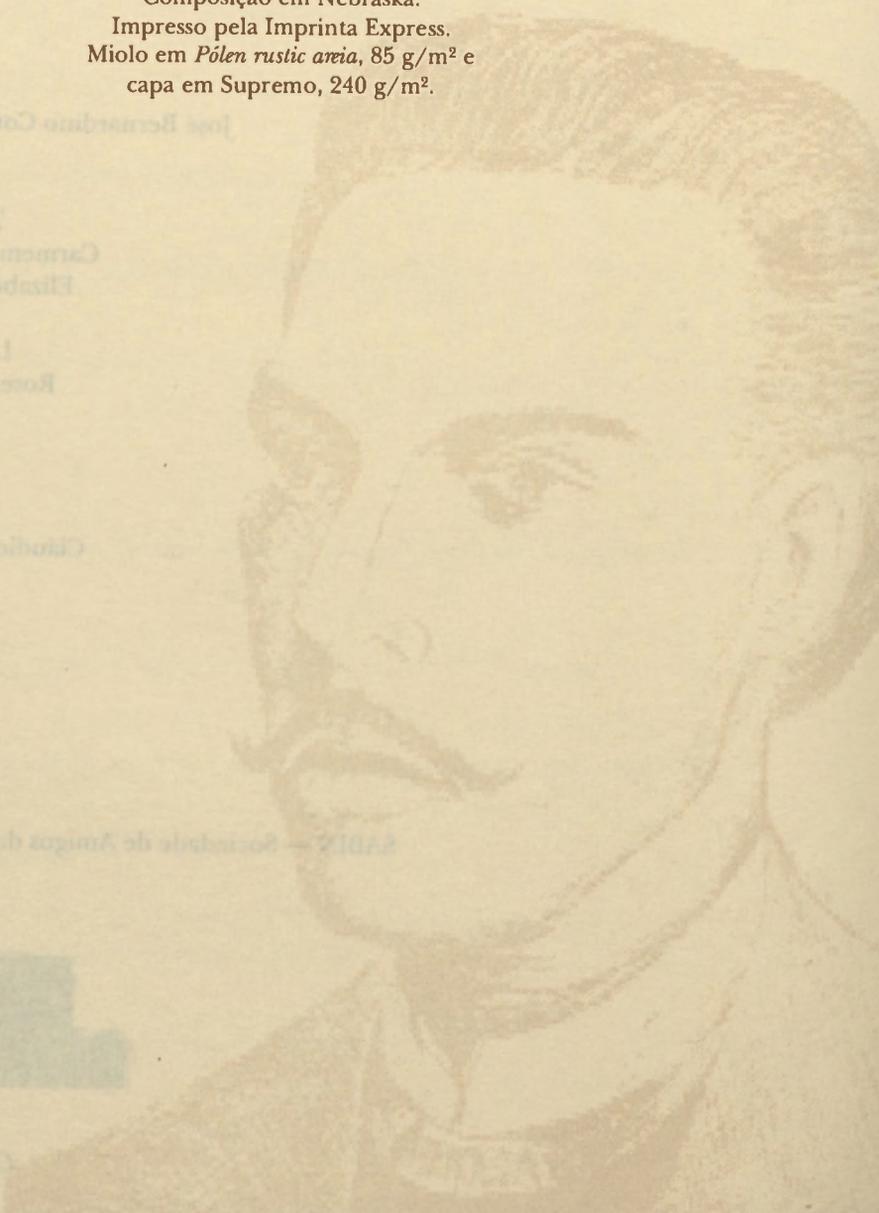
Montagem

Adriano Rocha
Mário Brito

Patrocínio

SABIS - Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional

Catálogo comemorativo aos 150 anos de nascimento de Castro Alves.
Inaugurada em 2 de julho de 1997.
Composição em Nebraska.
Impresso pela Imprinta Express.
Miolo em *Pólen rustic aëria*, 85 g/m² e
capa em Supremo, 240 g/m².



Catálogo comemorativo dos 100 anos do nascimento de Castro Alves
Elaborado em 7 de julho de 1997
Composto em Vitória
Impresso pela Imprensa Oficial
Muito em honra aos seus 100 anos
Capa em Superesmalte 240 g/m²

Castro Alves:



1.134.210



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Departamento Nacional do Livro